

Roque Tomasini

MINHAS CRÔNICAS

projetopassofundo.



Roque G. Annes Tomasini,
nascido em 13/04/1944 em
Carazinho/RS.

Aos cinco anos foi para Porto Alegre, onde realizou seus estudos, iniciando no Grupo Escolar Voluntários da Pátria, passando para o Ginásio Nossa

Senhora dos Navegantes, em regime de semi-internato. Posteriormente, passou para o Colégio São Pedro. Foi um período em que a boa educação de entidades religiosas deixou marcas na sua formação educacional. A fase seguinte foi no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, onde sob a tutela de excelentes professores, construiu as bases finais para ingressar na Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da UFRGS, curso concluído em 1968. A seguir, ingressou no curso de mestrado em Economia Rural do Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas IEPE da Faculdade de Agronomia da UFRGS. A vida profissional teve início, em 1971, em Brasília, no Escritório de Análises Econômicas e Políticas Agrícolas, que atuava na assessoria do Ministro da Agricultura, até 05/1975. Em 1975 iniciou suas atividades como pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo CNPT da EMBRAPA, na área de economia, até sua aposentadoria em 2002. Desempenhou atividades de ensino superior na UNB de 1973 a 75 e na UPF de 1977 a 2014, quando foi jubilado aos 70 anos.

Há 20 anos se dedica a atividades de turismo rural e preservação ambiental, no Refúgio Ecológico Colônia Paraíso, em Vila Maria/RS.

Em 2014 deu início as atividades de escritor, fora da área técnica de pesquisa na área agrícola, com o livro "UTENSÍLIOS E FERRAMENTAS UTILIZADOS PELOS EMIGRANTES DA ITÁLIA NO SUL DO BRASIL

Roque Tomasini

MINHAS CRÔNICAS

Passo Fundo

Ed. do Autor

2024

Disponível grátis no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

Revisado pelo Autor em: Dez 2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Tomasini, Roque
Minhas crônicas / Roque Tomasini. -- 1. ed. --
Passo Fundo, RS : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-00-90903-6

1. Crônicas brasileiras I. Título.

24-188722

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Sumário

| | |
|---|----|
| A assinatura do Correio do Povo em Pulador, 1955..... | 11 |
| A bolacha arqueológica do trem Maria Fumaça..... | 15 |
| Até breve..... | 17 |
| A cama alemã e o ninho de rato | 19 |
| A Caravan e o pagamento com dinheiro da zona | 22 |
| A célula tem alma? | 24 |
| A chegada dos ônibus intermunicipais em Passo Fundo..... | 26 |
| A compra do terreno: missão impossível | 28 |
| A compra e venda de abacate..... | 30 |
| Compra do canarinho | 32 |
| A cuidadora de uma idosa e os velhinhos da casa de saúde | 34 |
| A datilógrafa em Brasília..... | 36 |
| A dentadura milagrosa..... | 37 |
| A elitização do ensino universitário..... | 39 |
| A evolução da comunicação escrita..... | 41 |
| A fresta na porta do asilo | 42 |
| A janela dos ônibus antigos e o vomito..... | 45 |
| A maconha plantada na Avenida Brasil | 49 |
| A minha rua..... | 51 |
| A sensibilidade do caixeiro viajante | 53 |
| A vendedora da FIAT e a entrega das chaves para a compradora..... | 55 |
| As eternas colas na faculdade..... | 57 |
| As histórias das bolhas dos psicólogos e afins..... | 60 |

| | |
|---|-----|
| Até breve..... | 62 |
| Burro, incompetente e invejoso..... | 64 |
| Catuaba turbinada | 66 |
| Champanhe-tradição familiar | 68 |
| Chile: como passar frio não tendo dinheiro num povoado a beira mar | 70 |
| Uva de pinhão..... | 72 |
| Desafio do rapel..... | 74 |
| Dois amigos e uma só alma..... | 76 |
| Fraldas poluidoras | 78 |
| Heitor e a poupança na Habitasul..... | 80 |
| Histórias militares do tempo do CPOR | 82 |
| Já vendi tomate em Passo Fundo..... | 85 |
| João barbeiro, Marco Antônio e as navalhas Solingem | 86 |
| João Zaffari, Plano Collor e o dinheiro..... | 87 |
| Maçã flambada em Buenos Aires | 89 |
| Merluza negra e a chepa | 91 |
| Meu namorado atual | 93 |
| Meu nariz e as dermatologistas | 95 |
| Meu tataravô não era nobre austríaco | 101 |
| Minhas aventuras aéreas..... | 103 |
| Minhas aventuras com Flash Gordon em 1960 | 105 |
| Ministro da Justiça Paulo Brossard - quando melhorar me avise que quero trabalhar lá..... | 107 |
| Não Me Toque, desfile de Sete de Setembro e a bandeira alemã..... | 109 |

| | |
|---|-----|
| O banco na colônia | 111 |
| O banheiro nos ônibus | 112 |
| O cachorro perdigueiro se mandou..... | 114 |
| A sensibilidade do caixeiro viajante | 116 |
| O casquete do Brigadiano | 118 |
| O ensino profissional na colônia | 120 |
| O hoteleiro não quis vender cerveja fiado..... | 124 |
| O ônibus quebrou em pleno inverno | 125 |
| O picolé e a limpeza da unha do dedão do pé..... | 127 |
| O pila e a inflação | 129 |
| O poder da comunicação na área da colônia..... | 131 |
| O reciclador e o urubu Chico | 134 |
| O subsídio e a justiça..... | 136 |
| O tropeiro Torquato Lancelote | 138 |
| Onde estão os cadáveres da Batalha do Pulador?..... | 140 |
| Os homens de vermelho | 143 |
| Padre Balduino Rambo-um homem acima do seu tempo | 145 |
| Papeleiros - heróis anônimos..... | 147 |
| Para su seguridad no baje el perno de la puerta | 149 |
| Pare, gado franqueano passando..... | 152 |
| Pepino em lata | 154 |
| Pequeno em área, mas grande nas tecnologias usadas, significa menos miséria no campo? | 156 |
| Primeiro dia dos azuizinhos em Passo Fundo | 158 |

| | |
|--|-----|
| Que se callen, que se callen | 160 |
| Reitor Murilo Annes e as viagens a Porto Alegre..... | 162 |
| Roubaram o meu sol..... | 164 |
| O Senador o microfone é seu | 166 |
| Tarzan e a expressão amigo..... | 167 |
| Tira o carro, não tiro: o brigadiano e o alfaiate..... | 169 |
| Tombo literário | 171 |
| Travesseiro de -segurança- de pena numa viagem de carro..... | 173 |
| Um leiloeiro de respeito | 174 |
| Uma noite de inverno num mato de araucária em São Francisco de Paula | 176 |
| Você não mudou nada..... | 178 |
| Zona da Petrópolis: meu primo famoso | 180 |



A história tem caracterizado o gaúcho como um elemento desbravador de fronteiras geográficas e políticas. Nossa soberania política, interna e externa, foi por eles defendida, enchendo páginas e páginas de coragem e habilidade, na área militar e na área política.

Vencidas as etapas da formação de fronteiras geográficas, o gaúcho voltou as suas origens, à lida nos campos, com a pecuária extensiva.

O tempo passou e imigrantes alemães, italianos, poloneses e holandeses foram chegando e criando raízes. Mudou o panorama do Rio Grande do Sul, mudou o gaúcho, mudou o aspecto das áreas rurais. Aos cabelos negros e olhos escuros juntaram-se os cabelos loiros e os olhos claros; à pecuária extensiva juntaram-se as áreas lavradas nas áreas de mata e de campo.

Apesar das transformações, o gaúcho continuou com seu espírito desbravador, o qual foi concentrado na conquista de novos horizontes, na agricultura. Na abertura dos Campos de Cima da Serra, a triticultura foi o grande marco inicial, nesta nova fase, do espírito desbravador.

A soja ocupou rapidamente no verão a área agrícola que havia sido ocupada no inverno pelo trigo.

Crescei e multiplicai-vos, disse o Senhor. Se assim foi dito, assim foi feito. Ocupadas as áreas agrícolas do Rio Grande do Sul, emigraram para Santa Catarina e sul do Paraná. Numa fase posterior após desbravarem as terras destes Estados, premidos por necessidades econômicas e impelidos pelo sentido da conquista do desconhecido, do almejado lugar para enfim repousar, lá se foram para o Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Norte, Goiás, Distrito Federal, Rondônia, Pará e sul do Maranhão.

Continuou o espírito desbravador. Mudou o equipamento. As lanças e as espadas foram substituídas pela pá, enxada, machado e a motosserra. Os cavalos

intrépidos ficaram nos livros de história, cedendo lugar para o trator e a colheitadeira automotriz.

Em vez de munição, carrega-se sementes e mudas.

O processo é simples e ininterrupto; desbravar, multiplicar-se, sedimentar e novamente avançar.

Foi desta forma que os gaúchos deram, e estão dando, sua contribuição para ocupação e integração de novas áreas à economia nacional. Se por um lado é difícil achar um gaúcho residente fora do Rio Grande do Sul, que tenha esquecido suas origens riograndenses, por outro lado é difícil achar um que não tenha se apegado firmemente ao seu novo torrão de terras, lutando firmemente para torná-lo igual ou melhor que seu lugar de origem. Assim tem sido e assim continuará sendo. É a alma gaúcha. Saudavelmente, indomável. Brasileira do Oiapoque do Chuí.

O Nacional-1985

A assinatura do Correio do Povo em Pulador, 1955.

07/09/2017



Ano de 1955.

Morava em Porto Alegre, mas nas férias escolares de verão viajava para Passo Fundo, onde moravam tios e depois ia para o povoado de Pulador, na casa do meu avô materno João Annes Lopes.

Lembro-me de que uma vez vim com o tio, Capitão Bijuca, e com a tia Hilda. Viemos num Ford 1939, motor V8. Acho que vínhamos por Bento Gonçalves, Nova Prata, Nova Bassano, Casca, Marau.

Viagem demorada, não só pelas estradas, mas pelo cuidado do tio na direção. Hora do almoço: uma sombra, um gramado, uma toalha na grama e uma galinha com farofa.

Noutra ocasião vim sozinho de ônibus. Noutras vezes vinha de avião DC-3, da Varig, Cruzeiro do Sul ou Savag. Viagens inesquecíveis.

Na casa do avô não tinha energia elétrica. Durante o dia o programa era jogar bola, caçar passarinho, comer frutas, alguma pescaria e tomar banho na sanga. Para que mais para um guri de 12-a 15 anos?

Mesmo no verão, a janta era entre 6, 30 e 7,00 horas. Depois, ficar sentado naRoque Gilberto Annes Tomasini área da casa, conversar, olhar o céu e fim do dia. Hora de ir para a cama.

Na falta de energia elétrica, uma vela num pires era a iluminação para ir ao banheiro e para o quarto. Enquanto o sono não vinha, arrumava alguma coisa para ler por uma meia hora. Se perdesse o sono no meio da noite, o que fazer além de ficar ouvindo o som de algum pássaro noturno, como coruja? Acender a vela e ler mais alguma coisa.

No dia seguinte, após o almoço o grande programa era ir à Estação da Viação Férrea, aguardar a chegada do denominado Trem Passageiro, que vinha de Santa Maria, saindo de Porto Alegre. Não era só isso. Além do espetáculo que era ver a monstruosa e barulhenta locomotiva, vomitando fumaça e vapor, parar na plataforma descarregando e carregando passageiros e carga.

Em agosto de 2017, durante a elaboração destas memórias, fiquei sem compreender como o meu avô, José Annes Lopes, o "Pai José", em 1955, morando no povoado de Pulador, era assinante de um jornal da capital, o Correio do Povo. Que motivação teria?

Como todos os seus filhos e filhas já faleceram, assim como outras pessoas contemporâneas, não havia uma fonte pessoal de informação. Vamos tentar encontrar algumas explicações através de fatos históricos, narrados a seguir.

Na obra "Genealogia Lucas Annes", de Alceu Oliveira Annes, disponível na Internet, na página 286, a descrição da genealogia de Gasparino Lucas Annes, pai do "Pai José", meu bisavô, inicia da seguinte forma:

"Nasceu em Cruz Alta a 06 de agosto de 1860. Advogado e jornalista foi presidente do "Club Amor a Instrução", sociedade fundada em Passo Fundo em 15 de fevereiro de 1883, e que até 1889 ou pouco mais, teve existência regular e fecunda. Chegou a dispor de uma bem escolhida biblioteca, quase toda ela encadernada, de 1.000 volumes, contendo magníficas obras, não só de literatura, como também científicas".

Gasparino Lucas Annes, meu bisavô, foi nomeado Promotor Público da Comarca de Passo Fundo em 19 de setembro de 1885. Novamente nomeado em 15 de fevereiro de 1890, assumindo o cargo a 24 de fevereiro de 1890.

Ainda no auge da revolução federalista (1893 a 1895), o Dr. Gasparino, preocupado pela segurança da família, com movimento de tropas nas proximidades da sua fazenda, providenciou carretas, carregando-as com provisões e alguns pertences. Com a família e alguns escravos, tomou rumo à Lagoa Vermelha. Antes, teve o cuidado de esconder em lugar seguro os objetos de

prataria e outros, todos enterrados, deixando a fazenda aos cuidados dos escravos. Em Lagoa Vermelha ficou aguardando o fim da revolução federalista para regressar, o que não aconteceu. Lá faleceu no dia 05/04/1894, aos 33 anos, vitimado pelo tifo.

Seu deslocamento, com toda a família, para Lagoa Vermelha, abandonando a sua fazenda, foi para fugir dos inimigos políticos na região de Passo Fundo.

Se em 1889 já era proprietário de uma grande fazenda, no hoje município de Passo Fundo, e, se seu filho José Lopes Annes nascido em 12 de novembro de 1888, pode-se pressupor que a educação inicial do "pai José", até os seis anos, tenha sido supervisionada por seu pai, Gasparino, proprietário de uma grande biblioteca.

Sua esposa Hortência, mesmo após a morte do marido, viveu em Lagoa Vermelha até ter notícias do fim da revolução. Regressou imediatamente à sua fazenda com seus cinco filhos. O de maior idade - João - devia ter sete anos e o filho José deveria ter seis anos.

Sua esposa, Hortência, agora viúva, ainda muito jovem, 24 anos, contraiu novo matrimônio com Antônio Mello, filho de Vva. Antoninha Mello. Passado algum tempo o casal mudou-se da antiga fazenda para outra menor nas imediações do povoado de Pulador, residindo no Casarão (o qual, quando na revolução, na Batalha do Pulador serviu de Hospital de Sangue, como era denominado) da Vva. Antoninha, mãe do seu esposo Antônio Mello.

Não se sabe como e por quem, o "pai José" continuou receber a educação básica, pois seu pai pode não ter tido tempo de ensinar-lhe a escrever, ler, matemática e outros conhecimentos. É de se supor que na antiga fazenda, sua mãe tenha iniciado ou continuado o ensino, porque sendo esposa de um Promotor Público teria capacidade para tanto.

Outra suposição para a sua educação, é de que na época havia em Pulador uma senhora, chamada Dona Xixi, ou Chichi, que dava aula para as crianças do povoado. Sua sucessora foi sua filha chamada Laila, que também pode ter dado aulas para o menino José Annes Lopes. Estas suposições são baseadas em alguns relatos e pela proximidade das datas. Não há nada que comprove estas suposições.

Como o pai do meu avô José Annes Lopes, Gasparino Lucas Annes, morreu quando ele deveria ter seis anos, é licito supor que sua mãe, dona Hortência, tenha influenciado na sua educação, seja educando-o em casa ou seja encaminhando-o para as professoras da época.

Mesmo com todo este histórico, ainda ficam perguntas sem respostas: o que levou meu avô, a manter a assinatura do Correio do Povo, de Porto Alegre, como testemunhei em 1955? Herança cultural do pai falecido precocemente ou da mãe que conviveu com um homem que foi Promotor Público da Comarca de Passo Fundo.

20/09/85

A bolacha arqueológica do trem Maria Fumaça

07/09/2017



Deveria ter uns 15 anos, lá por 1959, e não sei por que estava indo de Pulador até Passo Fundo, na minha primeira viagem da "moderna" Maria Fumaça.

Tudo era maravilhoso para um adolescente daquela época: o barulho da locomotiva, o plec, plec, plec, plec, da emenda dos trilhos, a paisagem.

A maioria das pessoas estava bem vestida, pois somente o fato de viajar no trem já era motivo para tanto. E, ainda mais: desembarcariam na cidade de Passo Fundo, que apesar de ainda ser uma cidade pequena, já tinha uma população de bom poder econômico e andar bem vestido, principalmente na área central da cidade, onde se localizava o terminal ferroviário, denominado Gare da Viação Férrea, era questão de se destacar na sociedade.

Bem, voltemos à viagem do trem. Como eram vários vagões de passageiros, de primeira e de segunda classe, o passageiro podia caminhar nestes vagões. Num destes vagões, havia um denominado de "restaurante".

Restaurante? Na minha viagem neste lugar destinado a, teoricamente, fornecer algo para comer, as instalações eram de um simples balcão com vidros para exposição das mercadorias e um armário. Para atender a clientela atrás do balcão estava um funcionário da, na época Viação Férrea do Rio Grande do Sul-VFRGS. Um uniforme não muito limpo e desalinhado. Não esquecendo: um quepe, meio sujo e gasto, mas que servia para mostrar que a autoridade naquele vagão era dele.

Lá pelas tantas, o trem entra numa curva fechada, em "alta velocidade", uma nuvem negra de fumaça invade o vagão pela janela e, misteriosamente, uma bolacha redonda que, até aquele momento repousava em algum lugar em cima do armário, despenca de quase dois metros de altura.

Cai em cima da madeira do balcão, dá um salto e caiu no corredor do vago e rola em alta velocidade.

Quase que ao mesmo tempo em que a misteriosa bolacha redonda caiu no corredor, o funcionário que estava meio que dormindo, despertou e deu um salto espetacular por cima do balcão, e cheio de energia, correu atrás do biscoito fugitivo e pegou-o.

Com um ar de quem salvou um patrimônio da VFRGS, colocou, delicadamente a bolacha num lugar bem visível no balcão, embora o vidro estivesse necessitando uma limpeza há muito tempo.

Não demorou muito apareceu um piázinho, que como todo piá está sempre com fome, e perguntou se tinha bolacha. Resposta: temos e com uma mão que certamente havia horas que não via uma água com sabão, deu a bolacha para o menino e pegou uma moeda.

O piá imediatamente pegou a esperada bolacha e deu uma mordida. Morder ele mordeu, mas a bolacha não se rendeu, não havia dente que rompesse aquela crosta de farinha de trigo. Sabe lá há quanto tempo esta preciosidade de bolacha arqueológica, repousava no alto do armário?

Bem a história termina com a imagem do piá caminhando para outro vagão, ainda tentando comer a bolacha.

O funcionário ajeitou seu quepe e continuou sua árdua tarefa de tirar um cochilo até Passo Fundo, uma vez que não havia o que vender. Se é que um dia houve.



Há momentos a em que razão deve ser mais forte que os sentimentos do coração.

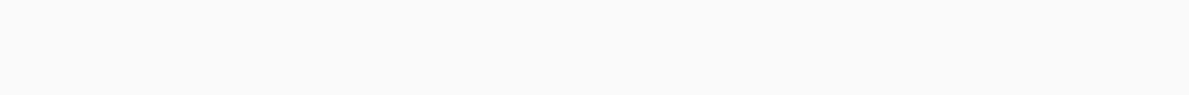
Ao longo de minha vida como profissional, como engenheiro agrônomo, sempre procurei, sob as mais diferentes formas, colaborar com o município de Passo Fundo. Além do trabalho no Centro Nacional de Pesquisa de Trigo-CNPT da EMBRAPA, as aulas na Faculdade de Agronomia da UPF, há a participação em Associações de classe como a dos engenheiros agrônomos e a dos profissionais liberais-APLIP, os comentários no jornal da Rádio Planalto e os artigos em O NACIONAL (Ciência Hoje e assuntos gerais). Todas estas atividades são altamente gratificantes a medida em que, como cidadão, tenho contribuído para crescimento humano e econômico da cidade.

O Coronel Gervásio Lucas Annes, meu antepassado, teve a honra de governar nos períodos 1893 a 1.900 e 1908 a 1914, elevando a vila de Passo Fundo a categoria de cidade, a qual lhe prestou homenagem com o monumento localizado no centro da Praça Matriz. Alguns anos mais tarde o Dr. Armando Araújo Annes governou a cidade nos períodos 1924 a 1928 e 1932 a 1934.

A participação política da família Annes na vida de Passo Fundo tem sido constante desde 1893, sob as mais diferentes formas. Talvez seja este um dos fatores que me induziram a, em 1988, quase 100 anos após a primeira administração do Coronel Gervásio Lucas Annes, a me lançar, abertamente, na vida política de Passo Fundo, disputando uma vaga na Câmara de Vereadores. Destino? Talvez. Continuação de uma tradição política familiar? Pode ser. A única novidade é decorrente da saudável mistura de raças que caracteriza o Rio Grande do Sul, ao sobrenome Annes foi adicionado o sobrenome Tomasini.

Se por um lado o livre exercício da democracia me permite lançar meu nome como candidato a vereador, por outro lado outras regras da democracia, no caso a legislação eleitoral, proibem que continue escrevendo artigos em O NACIONAL ou comentando na Rádio Planalto. Assim sendo, em obediência a lei, digo um até

breve aos meus amigos, aqueles que têm me incentivado a continuar escrevendo. Prometo voltar logo após 15 novembro. Até breve.



A cama alemã e o ninho de rato



Você já viu uma cama alemã? Não estou falando da cama em si. Vamos falar dos complementos da cama, seja de uma casa de uma família pobre ou de um castelo da nobreza prussiana

Calma. Pare de imaginar imagens impactantes. Seja de uma simples cabana, ou seja, de um palácio real com mais de 100 quartos.

De alguma forma, com organização acumulada ao longo da história da evolução da civilização alemã, ou melhor, do sistema organizacional alemão. algumas particularidades foram se acumulando e sedimentando. É comum ouvir-se a expressão: "é coisa de alemão".

Educação e rígida hierarquia familiar, a tradição militar, horários, enfim, uma série infindável de "coisas de alemão". Consequência: a organização da sociedade alemã.

Não vamos nos esquecer da palavra limpeza". Nos locais públicos, nas casas.

Uma senhora idosa, neta de uma família alemã, me contou sobre como foi sua juventude, sua vida de menina e comparava com os dias atuais. Na conversa, um local em particular me chamou atenção: o quarto. Tudo arrumado como se fosse um museu. Camas impecavelmente arrumadas. Lençol sem nenhuma dobra, nenhum amassado. A colcha parecendo que nunca tinha sido desarrumada.

Crianças: saiam da cama. Hora de acordar. A mãe falava só uma vez e imediatamente as crianças arrumavam sua cama, sala do quarto e a porta era fechada. Ninguém entrava mais no quarto, a não ser na hora de dormir ou para pegar alguma coisa. Se entrassem, sentar na cama? Nem em pensamento.

Vamos mudar de cenário.

Vamos falar de ratos. Onde está o homem, estão os ratos de diferentes espécies. Enfim, ratos de todos os tamanhos e hábitos.

Ponto comum entre os homens e os ratos das cidades, dos vilarejos: todos tem que dormir.

O rato também gosta de conforto. Como? Certamente de uma boa casa, com uma boa cama de palha e bem quentinha. Em alguns documentários é possível ver no interior de uma toca um amontoado de palha, gravetos, e a mamãe rata e ou o papai rato cuidando dos filhotes

Voltemos para o passado. Imagine uma criança com educação alemã, a moda antiga, após o almoço querer descansar no quarto, naquela cama impecavelmente arrumada. Nem em pensamento.

Para os humanos, quarto é para dormir. Ponto final.

Perguntem a um ratinho se ele tem hora para ir para seu "quarto" e tirar uma soneca. Deu vontade, vai.

Senhor Humano: responda com sinceridade. É ruim deitar numa cama que convenciamos chamar de "cama de rato"? Aquela que não foi arrumada logo após levantar?

É bom lembrar que os humanos e os ratos têm 99% do DNA igual.

Talvez resida aí uma explicação para o prazer de tirar uma soneca numa cama desarrumada, com aquele amontoado de cobertas, lindamente desarrumadas, esquecidas ao sair correndo para o trabalho.

O que é a felicidade? Depende de cada um. Para os ratinhos, talvez seja uma barriga cheia, uma soneca na sua "cama de rato".

Para os humanos, a coisa é bem mais complicada, mas certamente tem um ponto em comum com os ratinhos: a barriga cheia. Depois uma infinidade de outras razões, explicadas pelo restante 1, 00 % do DNA que nos separa dos ratinhos.

Leitor seja sincero: o que lhe deixaria mais feliz? Ter que conviver, diariamente, com uma cama alemã, com os lençóis e colchas arrumados a moda alemã (lembre-se, arrumada diariamente por você) ou ao menos de vez em quando, atirar-se numa cama com um emaranhado de lençóis e de colchas, rigorosamente bagunçados.

Se você se lembrar do seu tempo de criança, em que você deve ter passado por experiências da denominada "cama alemã", hoje conhecendo os vídeos sobre a felicidade dos ratinhos na sua "cama de rato", você deve pensar, quanto prazer perdido.

Conselho: faça uma regressão mental e se imagine numa linda "cama de rato", role a vontade e durma.

Leitor: a crônica terminou. Acorde e corra para seu quarto para preparar e usufruir de umas cobertas bem bagunçadas, vingando-se das imagens e restrições de uma "cama alemã" estilo prussiano.

A Caravan e o pagamento com dinheiro da zona

03/11/2017



Era o ano de 1986.

Na época sobrou um dinheiro, ou melhor, tinha uma sobra de dinheiro que utilizei para me presentear.

Na época comprei uma camionete Chevrolet Caravan Comodoro a álcool. Coisa de primeira linha.

Encomendei e entrei na fila. Entrar na fila? Que história é essa?

Lá se vão 20 anos e numa época de inflação alta, a venda de automóveis, acreditem se quiserem, era controlada pela SUNAB-Superintendência Nacional do Abastecimento, que era subordinada ao Ministério da Agricultura. É isso mesmo. Ministério da Agricultura. O pedido era anotado num bloco desta SUNAB e poder-se-ia ficar meses na fila.

Lembro-me que num sábado fui ao revendedor e perguntei se havia um prazo estimado para entrega, a resposta foi: daqui há uns 4 a 6 meses. Como não podia fazer nada e não podia sair da fila, disse: tudo bem, obrigado pela informação.

Dois dias após, segunda-feira, recebo um telefonema dizendo que a Caravan havia chegado. Disse, que brincadeira é essa? Não é brincadeira, chegou uma camionete, linda e é tua. Queres ou não? Claro que quero e fui logo à agência, Burlamaque. Era verdade, lá estava ela, linda, me esperando. Só que havia um problema. Não tinha o dinheiro. Antes tinha que vender o carro que era do uso que

também era uma Caravan.O dono da agencia me disse: dinheiro não é problema, leva está agora e coloca a velha para venda.

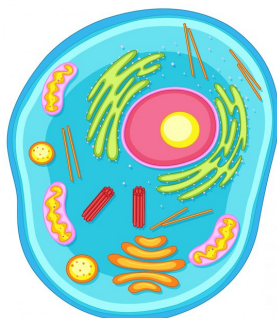
Tem gente já querendo levar o que é teu e vender com ágio de 30%, que era o normal na época, dado a falta de carros novos (nada parecido com os dias atuais, em que o deságio ao sair da agência é de 20%).

Em dois dias vendi a camionete velha e a compradora me pagou em dinheiro vivo, em um enorme são de papel. Era um saco de dinheiro, tudo em notas miúdas, como se fosse hoje de 10, 20 reais. Tive que ir ao Banco do Brasil, na contadoria para conferir a quantia.

Negócio fechado, intrigado, perguntei ao dono da loja de carros, que intermediou o negócio, porque aquele tipo de pagamento. Resposta: a mulher era a dona de uma casa de "zona". Era dinheiro de pagamento dos "programas". E eu vou lá adivinhar?

A célula tem alma?

14/08/2017



O que é alma? O que é vida?

A alma pode existir independentemente de estar ligada a uma referência material, como um corpo ou outra forma de vida existente neste Planeta Terra?

Existe alma nos seres vivos? Se existir, existe somente nos denominados seres "humanos" ou em todo ser vivo, animal ou vegetal?

Perguntas difíceis de serem respondidas. Terreno para imensas e inesgotáveis especulações.

Especular nesta área pode parecer perda de tempo. Será? Será que não faz parte de um processo de tentar entender, ou no mínimo, de abordar áreas do conhecimento humano consideradas com pouquíssimo ou sem nenhum respaldo científico. Pode ser.

Quando há certo consenso de que não aproveitamos sequer 10% da capacidade do nosso cérebro, pode-se imaginar o que não descobriremos quando avançarmos nos 90% inexplorados.

Em passado não muito recente, a humanidade ainda comentava sobre os mistérios que havia além da linha do horizonte nos mares. Onde começava e onde terminava o mar? A Terra? Monstros marinhos, elefantes sustentando os mares, A fértil imaginação humana especulando sobre o desconhecido. Hoje o mundo está despido, mostrando sua face às redes de satélites e colocando na mão de crianças aparelhos de GPS, dando a localização geográfica em qualquer lugar do mundo, com precisão de 14 m. Terminaram algumas fantasias. Não satisfeito o homem, ou melhor, sua mente, busca outras áreas misteriosas, como se nosso cérebro fosse viciado numa droga poderosíssima, denominada "conhecimento". Droga que se

retroalimenta e se autotransforma exigindo doses mais potentes e mais complexa de conhecimento.

Quando os escritores de ciência ficção descrevem o funcionamento de robôs com cérebros positronicos, podemos imaginar a evolução que terá ocorrido no conhecimento humano a ponto de projetar cérebros artificiais capazes de substituir complexas funções do cérebro humano.

Não acho que possa haver uma definição para a alma.

O que é conhecimento? Definições devem existir as centenas. O certo é que o conhecimento é um processo que nasceu com o homem e deve durar enquanto o ser humano habitar este planeta ou os que serão colonizados. Será?

Será mesmo que nasceu com os ancestrais do ser humano? Será que não nasceu junto com a primeira célula de vida neste planeta? Afinal não foi da transformação de uma célula que evoluiu a vida na Terra?

Se existe alma, a alma era pré-existente a primeira célula ou nasceu com ela, no momento do primeiro sopro de vida?

Se a célula evoluiu acumulando conhecimento, será que o conhecimento e a alma não são uma só fonte de energia?

Se a alma é imortal e a busca pelo conhecimento também o é, não será esta uma prova de que se alma e conhecimento são uma só energia, ou pelo menos subsistem juntas?

Enquanto houver uma só célula, de qualquer espécie de vida no Planeta Terra, por certo estará em desenvolvimento o processo do conhecimento e continuará o mistério da existência da alma.

Afinal, a célula tem ou não tem alma? Bom tema para uma longa noite de inverno, com troca de ideias em frente a uma lareira, com boa música clássica ao fundo e com uma (só?) boa garrafa de vinho tinto encorpado, com uma boa "alma". Vinho tem "alma"? Se não se chegar a nenhuma conclusão, não tem importância. Valeu o papo, o vinho, a noite, os amigos e a vida (com ou sem alma). Esgotados os argumentos científicos e não científicos o negócio é dormir e deixar a "alma"

A chegada dos ônibus intermunicipais em Passo Fundo

09/02/2018



Viajar de ônibus intermunicipal significa que você pode tirar uma soneca até o destino, seja para descansar ou porque já está cansado de viajar e acaba dormindo de cansado.

Nos ônibus atuais, em que os de longo curso são dotados de ar condicionado e poltronas com o mínimo de conforto, sem falar em banheiros em que o usuário tem que ser artista equilibrista, não é tão ruim.

Mas, vamos voltar uns 50 anos no tempo.

Ônibus barulhentos, "duros", em que qualquer buraco o passageiro era quase que arremessado para o teto, sem ventilação e com inúmeras paradas para embarque, desembarque e lanches em locais pré-fixados.

Na linha Passo Fundo-Porto Alegre, pela denominada "estrada da produção" o ônibus percorria cerca de 90 km e parava em Vila Assis, por uns 15 minutos para lanche e banheiro. Pode uma coisa dessas? Depois, não me lembro de se era direto para Porto Alegre, ou com paradas em Estrela, Lajeado e não sei onde mais. Não era uma viagem, era uma excursão pelas rodoviárias ao longo desta estrada.

Na volta o ritual somente era invertido.

O passageiro ao iniciar a viagem sabe que tem um longo percurso pela frente.

Na volta, a expectativa é grande. Finalmente em casa.

Na entrada da cidade de Passo Fundo, havia um dispositivo automático que acordava todos os passageiros.

De repente o ônibus diminuía bastante a velocidade e começava a sacudir para todos os lados. Objetos caíam do bagageiro. Crianças acordando e chorando. Mães loucas para chegar em casa depois de umas 6 horas de viagem.

Já adivinharam? O ônibus estava entrando no "Boqueirão" e seus buracos na rua, quando não eram crateras.

O ônibus encostava e o motorista anunciava: primeira parada. Se não estivesse chovendo, tudo bem. Se estivesse chovendo, não era problema do motorista se não havia nenhum abrigo.

Por muitos e muitos anos, este despertador automático, chamado "Buracos do Boqueirão" continuou, até que apareceu um asfalto quebra galho.

A cidade cresceu, os ônibus modernizaram, mas os mais velhos ainda se lembram da gloriosa chegada do ônibus no "Boqueirão".

A compra do terreno: missão impossível

15/01/2018



Uma rede de supermercados queria abrir uma filial e necessitava de um terreno bem localizado.

Um corretor, conhecedor da cidade e das pessoas, localizou um e perguntou aos compradores se a localização servia e qual o teto que poderiam pagar ao proprietário. Acertados estes pontos, lá se foi o homem tentar a missão impossível, uma vez que o proprietário tinha fama de só comprar e jamais vender.

Após as formalidades iniciais, vários cafezinhos, um monte de conversas longe do assunto principal, o corretor pergunta: Doutor, o senhor tem um terreno que interessa a um empresário que deseja investir em Passo Fundo. Vamos conversar sobre o assunto? O senhor venderia?

Vitória, após uma pausa angustiante, em que a resposta esperada seria um não, o proprietário disse: vamos conversar. Isto significava mais de 50% do negócio. Os outros 50% era questão de paciência e de inúmeros vai e vem.

Doutor, quanto o senhor quer pelo terreno? Resposta: quero tanto, o que excedia o teto já acertado com os compradores. Era uns 20-30% a mais. Sabedor do poderio econômico dos compradores, o corretor arriscou e disse negócio fechado. O pagamento é a vista.

Resposta do vendedor: ainda não, no terreno há uma casa que precisa entrar no negócio. Era uma casa muito antiga de madeira, abandonada.

Doutor: qual o valor da casa? Resposta: é tanto, e, este tanto, era como se fosse uma casa de alvenaria em boas condições. Já meio temeroso de perder este negócio, de o negócio morrer na praia, nosso corretor disse: negócio fechado.

Não, ainda não. Mas o que mais Doutor?

Ainda temos que negociar um pé de abacate, que por sinal está bem carregado. O vendedor realmente era duro na queda.

Nosso corretor diz: Doutor: este pé de abacate o senhor vai colocar de brinde para festejarmos o negócio.

Pensou e disse. Está certo, vamos providenciar os documentos de venda.

O corretor (ainda está bem vivo), para aqueles que não acreditam na história, tem uma foto desta compra e seus personagens.

A compra e venda de abacate.

24/11/2017



Tinha 12 anos e nas férias de verão passava uns 30-40 dias na casa da minha avó no distrito de Pulador, Passo Fundo. Outrora um importante povoado, decresceu com o encerramento das atividades das serrarias. População diminuiu drasticamente.

A avó Izolina, viúva há vários anos, convivia com a solidão característica das pessoas que aprenderam a viver sozinhas.

Visitas, durante a semana, muito poucas. Fins de semana, de filhas e parentes que moravam na cidade de Passo Fundo. Todos os dias um filho, meu padrinho Heitor, vinha almoçar e rapidamente regressava para sua casa, distante quase 2,0 km, pois morava sozinho e tinha que cuidar das criações.

Eu, um piá, adorava ficar com a avó, curtindo uma liberdade de interior, longe da cidade, e porque não, da vigilância da mãe.

Depois do almoço e a tardinha, o programa era ficar na área, observando o "movimento" das ruas limítrofes. De vez em quando passava um carro na rua "principal".

De repente, quebrando a monotonia da tarde, aparece no portão um piá com uns 13 anos e pergunta:

1- Vó tem abacate? Observação: há 10,0 m tinha um enorme pé de abacate, bem, carregado.

2-Vó responde: tem;

3-Pergunta o piá: a senhora vende?

4-Sim;

5-Tem maduro?

6-Tem;

7-Quanto? Era como se fosse 10 centavos, preço ultra simbólico;

8-Quero dois;

9- Vó levanta, sem pressa, e busca dois abacates; leva os para o piá, recebe o dinheiro e volta a sentar;

10- Obrigado vó. Até logo.

11- Até logo.

Segue a vida agitada de vendedora de abacate....

Tempo total da operação de venda: 10 minutos

Compra do canarinho

23/01/2018



Tinha uns 12 anos. Não sei por que, de uma hora para outra, inventei de ter um canarinho, bem amarelinho, chamado canário belga.

Descobri um criador de pássaros perto da minha casa e o sonho foi caminhando para a compra desta preciosidade.

Só tinha um problema: o dinheiro.

O pai sempre teve uma vida financeira que podia dar todo o conforto para a família. Acontece que, por razões que desconheço, pediu demissão do cargo de gerente da madeireira, da Cooperativa Central dos Madeireiros do Rio Grande do Sul-CEMADE.

Até que ele entrou noutro emprego, a solução foi a clássica: apertar o cinto.

A mãe, mãe é mãe, me deu um punhado de moedas e disse: vai lá e tenta comprar teu canarinho.

Feliz da vida, agarrando cada moeda como se fosse um tesouro, cheguei à casa do criador e fui atendido pela sua esposa.

Falei do meu sonho, já olhando para um lindo canarinho, e mostrei o punhado de moedas, certo de que logo levaria para casa aquele tesouro, dentro de uma caixa de papelão.

A senhora chamou o marido e explicou minhas intenções e mostrou a fortuna em moedas. Ele olhou e disse: só isso? Não vai dar.

Naquele instante meu sonho, realmente virou um sonho. Não sei se fiz cara de choro ou se fiquei com uma cara tão triste, que a senhora chamou o marido e disse: vende para a criança. Resposta: não.

Acontece que esta senhora também tinha um filho da minha idade e deve ter pensado: e se esta criança fosse meu filho? E começou a brigar com o marido.

Final da história: deixei a minha fortuna em moedinhas e, feliz da vida, levei para casa o meu canarinho amarelo.

A cuidadora de uma idosa e os velhinhos da casa de saúde

07/09/2017



Esta história é baseada em fatos reais, mas os nomes foram ocultados.

Não adianta fugir, a certidão de nascimento vai amarelando e a vida vai mudando. O vigor físico foge aos poucos, os filhos batem asas e vão procurar fazer sua vida em algum lugar longe dos pais, morre o companheiro ou a companheira, e entra no seu lugar a solidão e a saudade.

Poucos têm poder aquisitivo para um local para idosos com um bom atendimento. A saída: contratar um cuidador de idoso. Resolve parcialmente o problema: alimentação, higiene do idoso, roupa, limpeza da casa. Além destes fatores, talvez o mais importante seja a companhia, tanto dentro da habitação, como uma volta na rua.

Casa de idoso tem que ser refeita: fora todos os tapetes causadores de tombos, barras de segurança nos banheiros, rearranjo dos móveis, porta do banheiro sanfonada.

O difícil é convencer as pessoas que estão numa fase de vida e que os hábitos têm que mudar. Aceitar uma bengala ou segurar no braço da cuidadora é normal.

Uma vovó que sempre foi muito independente, física e mentalmente, um belo dia foi ao banheiro e, como de costume, a cuidadora ficou aguardando seu chamado para auxiliá-la a levantar do vaso sanitário.

Muito independente, a vovó levantou-se e sozinha foi pegar algo no móvel ao lado. Caiu e quebrou o fêmur.

Segundo os médicos, tombo de idoso significa fêmur ou bacia quebrada. Meses para recuperar e grandes riscos de complicações.

Bem, esta vovó quebrou o fêmur. Suas cuidadoras não sabiam como cuida-la nesta situação: como carrega-la sem prejudicar o osso em recuperação, higiene diária, alimentação, líquidos.

Solução: leva-la para uma casa de idosos, onde é obrigatória a presença de enfermeiras e demais assistências médicas.

Esta vovó tinha lucidez total, mas era obrigada a conviver com homens e mulheres com problemas como Alzheimer, Parkinson.

Uma das cuidadoras ficava durante o dia com a vovó. Era uma mulher jovem e de tamanho avantajado que chamava a atenção dos velhinhos, que podiam não estar muito bem da cabeça ou das pernas, mas não eram cegos.

Além do mais, na época era moda, usar uma calça rebaixada e uma blusa curta, que deixava um palmo de barriga a mostra. Consequência natural: acho que ela gostava de ver os coitados dos velhinhos botarem o olho na sua beleza. Se sentia uma rainha.

Quase matou os velhinhos por excesso de pressão sanguínea.

Moral da história: estou velho, mas não estou morto. Saudade dos dezoito anos.

A datilógrafa em Brasília

23/01/2018



Num certo ministério, lá por 1974, havia um trabalho urgente, urgentíssimo, para ficar pronto no dia seguinte. Os chefes encarregaram uma competente datilógrafa para ficar durante a noite trabalhando, até ficar tudo pronto.

A profissional acabava de preencher uma página e a folha pronta era colocada, não em cima de alguma mesa, mas para fins práticos, dentro de uma cesta de lixo ao lado da mesa.

Alta madrugada, serviço pronto, cansada e com a sensação do dever cumprido, apaga a luz e vai para casa. Coloca a última folha na cesta, as quais serão entregues ao chefe no início do expediente.

Chega o pessoal da limpeza e as cestas de lixo são esvaziadas. Serviço normal.

Só que, o que estava naquela cesta de lixo? O trabalho de várias horas da secretária.

Começa o novo expediente e os chefes pedem para a secretária o trabalho. Faceira vai busca-lo e surpresa: a lata de lixo com o seu precioso trabalho estava vazia. Não me recordo se os originais manuscritos também foram jogados fora. O que sei é que a confusão foi grande.

Moral da história: não basta ser uma boa datilógrafa, também precisa ser organizada.

Hoje, no mundo da computação, esta história não se repetiria.

A dentadura milagrosa

08/11/2017



Esta é uma história real. Todos os nomes dos personagens foram alterados para evitar constrangimentos. A história se passa em Passo Fundo e me foi enviada por um amigo que é o personagem central da história.

A história narrada por este amigo começa assim:

“Tem a história (real) da dentadura: Meu pai ficou órfão de mãe aos três meses de idade, em 1901.

Quando já tinha uns 14 anos, abriram o túmulo de sua mãe para enterrar algum parente. Meu pai que era um guri medonho apoderou-se de uma dentadura que estava entre os ossos, e a levou para casa, com o intuito de dar um grande susto em sua mãe adotiva - a D. Maria. Mas para sua surpresa, está ao ver a dentadura, disse: "Ah, a dentadura da Antônia! Essa dentadura me servia! Me dá ela aqui!"

Lavou bem a dentadura e a usou até a morte em 1939, quando a dentadura retornou ao cemitério, agora com atual usuária. Usou-a por 25 anos.

Há alguns anos eu reformei o túmulo, e peguei a dentadura.

Mostrei-a ao meu dentista que a princípio duvidara da história, alegando que a dentadura de uma pessoa não serve em outra.

Ele ficou encantado com a qualidade do material do ano de 1900.

Não se cansava de bater com um ferrinho nela, admirando a dureza dos dentes.

Disse que as modernas desgastam logo, e que aquela apesar do uso estava boa.

Quis que eu a emprestasse para ele mostrar num congresso de dentistas no Rio de Janeiro. Mas eu recusei.

Pronta a reforma do túmulo, coloquei-a de volta lá.

O dentista disse até que dada a qualidade dos dentes, eles poderiam ser reaproveitados na montagem de nova estrutura”

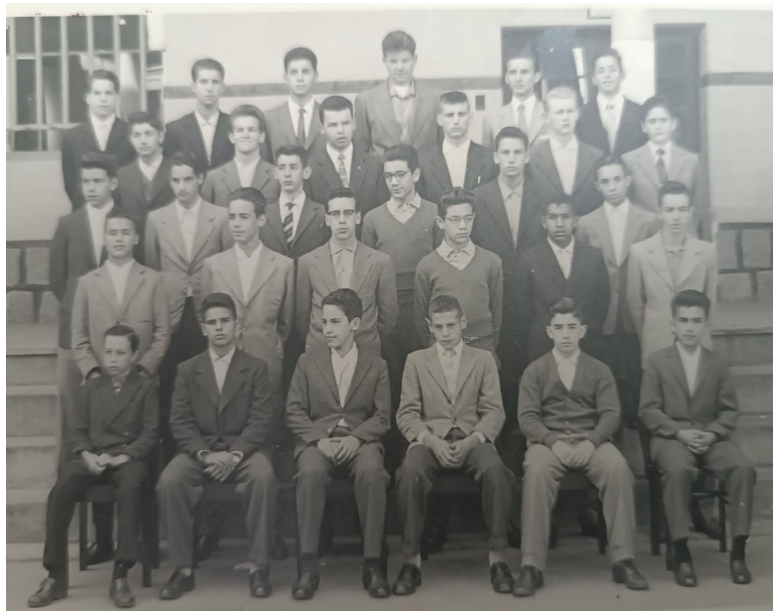
Na verdade, essa dentadura é uma prótese superior, com menos dentes que o normal, e com uma ventosa que a fixa no palato.

Daí a explicação de ela servir em mais de uma pessoa, de ser "universal".

Acreditem ou não, a história é verdadeira

A elitização do ensino universitário

04/06/1988



Já houve época em que para estudar na universidade era necessário ser filho de homens ricos, grandes industriais ou comerciantes, políticos influentes ou filho de família proprietária de grandes áreas de terras. Esta situação pode parecer inaceitável para os jovens que hoje desejam cursar a universidade, como uma forma de poder ganhar os conhecimentos que lhes permitam satisfazer seus anseios e lhes dê a devida recompensa financeira.

O crescente número de jovens que buscam uma vaga no ensino público brasileiro, não está encontrando as vagas que lhes permitam estudar. O sistema universitário federal ou estadual, em que o ensino é gratuito, com raras exceções, está ultrapassado há muito tempo. Pode-se afirmar que nos últimos 20 anos muito pouco foi feito, de concreto, para melhorar a qualidade e para aumentar significativamente, o número de vagas.

Os jovens, que não podem ficar esperando a burocracia do governo federal, são os que acabam pagando o preço da incompetência dos diversos demagogos que tem ocupado o Ministério da Educação desde a Velha República até os dias atuais.

A universidade particular, paga, foi a saída que os que desejam cursos superiores acharam para contornar a falta de vagas nas universidades gratuitas. Por algum tempo esta solução funcionou. Hoje, devido ao crescente custo do ensino privado, esta solução está superada. É muito grande o número de jovens que deixam a universidade particular por falta de dinheiro para pagar as mensalidades. Um número muito maior deixa, de se candidatar ao vestibular, pois sabem que não terão condições de pagar o curso.

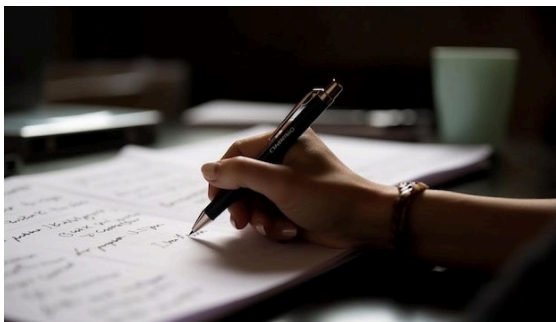
O resultado da falta de vagas nas universidades gratuitas (federais ou estaduais), e do alto custo do ensino nas universidades particulares, é um crime que está sendo cometido contra a juventude que quer estudar. Os filhos dos ricos, que tem condições de cursar um segundo grau em melhores colégios e, portanto, são melhor preparados para um vestibular, são os que terminam conquistando as vagas na universidade gratuita pública. O jovem que mora no interior, mesmo que tenha excelentes condições para vencer o vestibular nas universidades federais, na maioria das vezes não tem condições financeiras para se manter.

A solução lógica seria dar bolsas de estudos, para que os realmente necessitados, pudessem estudar numa universidade particular, em que o custo de ensino é pago e está muito caro, apesar do salário dos professores ser muito baixo. Somente desta forma a sociedade poderá corrigir a inadequação do ensino público gratuito. Não é justo que, pelo fato de ser pobre ou até mesmo da classe média, uma pessoa não possa estudar, por falta de condições financeiras, se ela possui condições técnicas e, o mais importante, a vontade de estudar.

A constituinte cometeu um grande erro, que espero seja corrigido, no segundo turno da votação: decidiu que a aplicação de verbas públicas em bolsas de estudo somente poderá ser dada para o ensino fundamental, e médio, não podendo ser dadas ao ensino universitário. Quer dizer, os senhores constituintes acabam de dizer que pobre não pode estudar em universidade. A solução seria o ensino universitário gratuito em todas as; universidades que deveriam ser federalizadas ou estadualizadas. Somente no Rio Grande do Sul deveriam ser federalizadas as universidades de Passo Fundo, Caxias do Sul, Ijuí, São Leopoldo... Como é obvio que o governo federal não tem recursos para tanto, fica a pergunta: porque não poder dar bolsas de estudo, com verbas públicas, para as universidades particulares?

O Nacional
Passo Fundo

A evolução da comunicação escrita



A história da comunicação escrita tem vários episódios maravilhosos.

Lembro-me que, em 1993, estava no México e, caminhando, encontrei numa rua uma cena que jamais voltarei a ver.

Era uma quadra, que chamarei de “evolução da comunicação escrita”.

Sentado numa velha cadeira, um senhor idoso tinha a sua frente uma pequena e rústica mesa, que era o seu móvel de trabalho na arte da comunicação. De repente chega um cliente que parecia ter saído das antigas páginas da história do México rural. Sandálias de couro, calça e camisa branca de algodão rústico. Chapéu de palha. Uma bolsa de couro rústico a tiracolo.

O escriba ajeita os óculos e seu cliente, que deveria ser um velho conhecido, começa a ditar uma carta. De pé na calçada.

Continuei caminhando e ao lado havia um setor já modernizando a arte de comunicar. Uma velha, mas velha mesmo, máquina de datilografia. Depois, sempre ao lado, outro comunicador com uma máquina já mais moderna. E seguiu a modernização, com uma máquina elétrica IBM equipada com uma "margarida", e finalmente outra IBM com a inovadora esfera de metal.

Finalmente, na esquina, uma loja com copiadoras e os computadores da época.

Uma aula de história da comunicação escrita.

Voltemos ao Brasil e a Brasília.

A fresta na porta do asilo



Há centenas de anos os prisioneiros que desagradavam os administradores do sistema prisional, ou seja, lá que regime fosse, eram jogados nas masmorras coletivas para morrer aos poucos. Castigo mais drástico era coloca-los em celas isoladas, sem direito a sol. O prisioneiro formava-se presa fácil para as doenças e/ou demência pelo isolamento total.

Um exemplo de celas isoladas, bastante visitado pelos turistas é o Palácio dos Doges, na Praça São Marcos, em Veneza. Na parte traseira do palácio está a Ponte dos Suspiros, ligação entre o mundo dos vivos e dos futuros mortos. O prisioneiro que a atravessasse, que percorresse os poucos metros que separavam o palácio desta prisão, sabia que nunca mais voltaria para o mundo normal. Passava a ser um morto vivo, com uma morte lenta, num ambiente insalubre, sem uma luz

As prisões subterrâneas do palácio, colocadas abaixo do nível da água e, por esse motivo, extremamente úmidas e insalubres, destinadas aos prisioneiros de condição inferior, encerrados em celas escuras e estreitas, tomavam o inequívoco nome de Pozzi (poços).

Por outro lado, sob o telhado do palácio e das suas coberturas estavam os Piombi (chumbos), que deviam os seus nomes à cobertura do teto: aqui encontravam lugar os prisioneiros mais particulares, nobres, ricos, religiosos, que eram, assim, relegados para um ambiente que, embora duro, resultava menos insalubre que os infernais Pozzi. Estes prisioneiros podiam até mesmo, a expensas próprias, providenciar a dotação das suas celas com pequenos alívios, mobília e boa comida.

Todas estas prisões estavam diretamente ligadas aos tribunais presentes no palácio, que tem na sua parte frontal a Praça San Marcos.

Passaram-se centenas de anos e esta situação se repete, vestida com outras roupagens.

O nosso sistema social não é igual para todos.

Para os idosos e portadores de alguma insuficiência física, o que resta?

Para os pobres e abandonados pela família, restam os asilos de poucos recursos, onde ficam aguardando os dias passarem, recebendo alimentação e assistência médica, conforme os recursos institucionais.

Sua situação, embora mais humana, é semelhante à dos Pozzi.

Em outras situações alguns tem a sorte de estar em instituições semelhantes aos Piombi

Mas, o que tem em comum os Pozzi e os Piombi, atuais?

A semelhança, em sua grande parte, é a do esquecimento pelos que estão fora destes ambientes. O velho de hoje sabe que, após transpuser a porta do asilo, não há volta definitiva para o mundo exterior. Somente para o cemitério. Muitos sequer têm consciência desta triste realidade. Somente esperam que um dia termine e que o outro comece.

Dia de festa num asilo: dia de visitação, de receber um abraço amigo, seja de quem for, familiar ou não. De carinho.

Meu filho Sérgio Tomasini conta que, numa visita a um asilo, como parte do seu trabalho de tese de mestrado, notou que havia uma grande aglomeração de idosos na garagem do asilo, o que o deixou intrigado.

Perguntou aos responsáveis o porquê desta situação. Resposta: porque lá havia uma fresta em que eles olhavam o movimento da rua, o movimento do mundo exterior do qual estavam banidos.

Centenas de anos se passaram e qual a grande diferença entre os Pozzi venezianos e os asilos pobres dos dias atuais? Certamente há muitas, hoje tratados com humanidade, mas a grande realidade é a de que dali dificilmente sairão.

A chave que lhes dá a esperança de continuar vivendo é a pequena fresta na porta para o mundo exterior.

Mas, o que esperaram os habitantes dos bons asilos ou casas de idosos, dos atuais Piombi? Certamente um bom conforto material, tudo o que o dinheiro pode pagar. Boa comida, boa assistência médica, bons acompanhantes da clínica.

Porém de que tudo isto adianta se não lhes é fornecido à única mercadoria que o dinheiro não compra: o carinho humano.

Para um mundo que está vendo a idade de vida avançar graças aos progressos da medicina e da alimentação, cada vez mais vai se acentuar o problema de continuar vivendo, sem se sentir um habitante de um Pozzi ou de um Piombi.

A janela dos ônibus antigos e o vomito

16/02/2018



Viajar a humanidade está viajando, desde que nossos antepassados aprenderam a andar.

Ao longo dos séculos o homem aperfeiçoou seus deslocamentos, que foram drasticamente acelerados com a invenção da roda. Sua primeira representação data de 3.500 AC.

Seu uso foi aperfeiçoado tanto para a guerra, como para o transporte de mercadorias e migrações. E o tempo passou, passou e chegamos à roda com pneus. Das carruagens passamos aos ônibus nas cidades e nas estradas.

Os primeiros ônibus, segundo os padrões da época, eram rápidos e eficientes.

Viagem de Passo Fundo a Porto Alegre, nas estradas da época, duravam até dez horas. Muitas paradas, buracos e, sobretudo muito pó. A saída era manter as janelas fechadas em grande parte dos trechos.

Não sei por que, mas era comum crianças e até adultos vomitarem. Onde? Não havia sacos para vomito. Então onde?

Comprimido anti- enjoo? Não havia. Deixar as crianças sem comer? Até ajudava, mas não resolvia o problema.

As mães, previdentes, já colocavam as crianças sentadas junto a janela.

Algumas esqueciam e a criança ficava no corredor. De repente lá vinha o vomito. Mãe desesperada pegava alguma roupa e seguravam o que podiam. Quando não havia tempo, a pobre criança vomitava no corredor, para horror da mãe e para

horror mais ainda dos passageiros próximos. Algumas vezes o vomito era muito líquido e ficava "passeando" pelo piso do ônibus. Que maravilha.

E as crianças que queriam vomitar e que estavam sentadas junto às janelas?

Simples. Abre a janela, enfia meio corpo da criança para fora e ela vomitava.

Pronto, problema resolvido.

Acontece que, se os passageiros das janelas de trás estavam com elas abertas para se refrescar, o vomito dava um "banho" nos passageiros pegos de surpresa.

Maravilha.

Grande evolução nos ônibus intermunicipais. Na maioria, as janelas não abrem mais, mas em compensação tem ar condicionado e saquinhos para vomito.

Agora parece que estão sendo introduzidos ônibus bem melhores, alguns de dois andares, na linha Passo Fundo-Porto Alegre.

Ainda não andei neles. Só andei na Argentina e no Chile. São muito bons os de lá. E quer saber, são feitos aqui no Rio Grande do Sul.

Bem, esta história de vomito em ônibus parece que ficou no passado.

Ou as crianças de hoje são menos sensíveis e/tomam anti-enjoo.

Mas os saquinhos continuam mesmo nas melhores companhias de aviação e nos melhores aviões.

A linguiça de Cruzeiro do Sul

03/11/2017



Em 1971, mês de julho, abriu, em Brasília, uma seleção para profissionais das áreas de agronomia, veterinária e sociologia.

Um grupo de mestrandos do Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas-IEPE da Faculdade de Economia da UFRGS, se inscreveu e foi selecionado para a entrevista.

Imaginem um bando de guris que estava querendo começar a vida profissional, receber uma passagem aérea e reserva num bom hotel em Brasília. Mesmo que não fosse aprovado, já valeria a pena.

Detalhe: para se inscrever, já em 1973, era necessário ter o título de mestrado ou doutorado, nas respectivas áreas. Naquela época, profissionais com esta titulação eram raros.

O objetivo era formar um grupo de elite para assessorar o Ministro da Agricultura.

Na época o Ministro era o Eng. Agr. Luís Fernando Cirne Lima, uma referência profissional.

Nada de indicação política. Era seleção mesmo, com o candidato enfrentando uma enorme banca examinadora. Deveriam ser uns quinze. O candidato na ponta de uma mesa, dizendo o que queria da vida, e respondendo a perguntas de todo o tipo.

Finda a seleção, o grupo retorna para casa, para concluir seus cursos e aguardar o resultado.

Chega o resultado: todos foram aprovados. Felicidade geral.

E agora: todos tinham prazo para se apresentar e começar a vida profissional.

Quem era casado ou tinha algum compromisso familiar, teve que decidir o que fazer.

No meu caso, em setembro e com a esposa no sétimo mês de gravidez, peguei o avião Electra da saudosa VARIG e, aluguei um apartamento na Asa SUL.

Pagar aluguel não era uma boa opção. Logo, juntamente com o colega Egidio Lessinger, procuramos terrenos na Asa Norte e compramos dois, lado a lado.

Outro colega gostou da ideia e também comprou um terreno nas proximidades.

Em seis meses os três empreendedores, já estavam morando nas suas casas.

Na época, era normal ter uma empregada doméstica que dormia na casa. Eu mesmo trouxe uma de Porto Alegre.

Antes disso, uma empregada, que acho que era menor de idade, foi trabalhar na minha casa e a esposa chamou a tia dela e disse que estava difícil mantê-la longe do pessoal de uma obra próxima da casa. Foi dispensada e entregue para a tia. Meu colega, que morava perto a contratou.

Aí sucederam dois fatos interessantes: a esposa deste colega, alguns meses após, descobriu que a empregada estava grávida. Bem, o que fazer? Esperar nascer a criança.

Imaginem o ano de 1973/74. De Cruzeiro do Sul, no RS, até Brasília, eram dois dias de ônibus.

A mãe do colega, com todo amor e carinho, trouxe salames, linguiças, feitas em casa para seu filho.

Preciosidades que permaneceram na geladeira até a mãe do colega retornar.

Um belo dia meu colega abriu a geladeira e pensou: agora vou me deliciar com as linguiças, salsichas, geleias da mamãe.

Surpresa: cadê as especialidades gaúchas de Cruzeiro do Sul?

Quem comeu?

Não precisou procurar muito. A grávida, com fome, devorou as especiarias gaúchas.

Meu colega, possesso, além de gritar não podia fazer nada.

A maconha plantada na Avenida Brasil

26/01/2018



Na Avenida Brasil, na direção Centro-Petrópolis, há umas duas quadras da praça Tochetto, existem dois pinheiros araucária no canteiro central, e pelo diâmetro do tronco devem ter sido plantados há pelo menos 50 anos.

São os únicos na Avenida Brasil, do Boqueirão até a Petrópolis. Poucas pessoas já se deram conta destas árvores. Como são pinheiros machos, não produzem pinhão e não chamam a atenção.

Este caso é verídico. Quase em frente há uma barbearia, que como em qualquer barbearia, tudo se sabe e tudo se inventa.

No espaço entre os dois pinheiros, um agrônomo, já falecido, excelente agrimensor, sempre utilizava aquele pequeno pedaço de terra para plantar alguma coisa que não fosse flor. Um passatempo agrônômico.

Ele havia plantado dois pés de mandioca, de folhas bem estreitas, que além de serem bonitos, eram muito ornamentais, e ainda poderiam render um bom cozido de mandioca plantada em área central da cidade, em área pública.

Certa tarde, barbearia cheia de clientes e de jogadores de conversa fiada (barbearia é uma espécie de local de terapia coletiva, sem custo), aparecem na porta duas pessoas, dois magrelões, com cara de olhar perdido. Educados, dão boa tarde e perguntam, para espanto geral: tio aquela planta no meio dos pinheiros é maconha?

Surpresa geral. Sim responde nosso agrônomo e apoiado pelos demais. Sim. É da boa.

Obrigado e até logo tio.

Na manhã seguinte, surpresa. Cadê os pés de maconha? Sumiram e só deixaram os tocos de lembrança.

Dias após os magrelões voltam e disseram que foram eles que tiraram e não disseram como fumaram.

Fizeram um elogio ao produto: tio era da boa. E foram embora.

Os presentes desandaram a rir, pois não acreditavam que a dupla tivesse acreditado na história da maconha.

Esta é a história da maconha na Avenida Brasil, cultivada em área pública.

Quem quiser confirmar, vá até a barbearia do Eri.

A minha rua

22/11/2018



A minha rua não é propriamente a minha rua, embora um dia possa a vir a ser.

É uma rua diferenciada. Não tem nome de nenhuma personalidade, de número de dia, mês e ano, alusiva a algum evento. Pode ser rua A, B ou C. Na verdade a rua é composta por várias ruas principais e pequenas travessas.

Ao contrário de uma rua normal, durante a semana tem um movimento muito pequeno. Em alguns fins de semana, em dias de sol aumenta o número de frequentadores. Se chover, as ruas ficam desertas.

Não é muito arborizada, mas é muito enfeitada com flores. Periodicamente recebe novos moradores, que jamais sairão de suas novas moradas.

É uma rua que é habitada por uma enorme diversidade de pessoas.

Algumas "moram" em "casas" suntuosas e outras em "casas" que não chamam tanto a atenção dos passantes das ruas.

À noite o tráfego de pessoas não é permitido. Há um silencio mortal.

O leitor já deve ter percebido que estou escrevendo sobre O Cemitério da Vila Vera Cruz, em Passo Fundo.

O local é uma "cidade" em que muitos já percorreram suas ruas na despedida de seus entes queridos. Poucos percebem a arte sacra nas esculturas, que em tempos antigos eram quase que obrigatórias, na forma de santos, anjos, bustos.

Embora com a tecnologia da cremação parte do problema da falta de espaço tenha sido minimizada, muitas e muitas gerações lá comparecerão no dia de Finados para lembrar os milhares de mortos que lá repousam.

A história de boa parte dos antigos habitantes de Passo Fundo, líderes históricos ou pessoas que simplesmente viveram na cidade, lá está e lá ficará.

Não é um ponto turístico como em outras cidades, como La Recoleta em Buenos Aires. Mas o certo é que a história de Passo Fundo passa por muitos dos que lá estão sepultados.

É um cemitério democrático, onde repousam católicos, evangélicos de várias origens, como os antigos luteranos, metodistas, fiéis das novas igrejas evangélicas, rosa-cruzes, maçons, ateus. Lá todos são iguais. Para todo o sempre.

Lembre-se, um dia você poderá frequentar definitivamente alguma rua. Tem preferência pela A, B ou C? Talvez alguma travessa?

A sensibilidade do caixeiro viajante

03/11/2017



Os anos passam e os relacionamentos humanos, comerciais, religiosos, mudam.

Dentre estas mudanças, há uma profissão que ainda persiste, embora sem o esplendor de outros tempos. A de caixeiro viajante.

Na área colonial era comum o então denominado "mascate", com suas mercadorias em lombo de burro ou cavalo. Numa época de vida simples, a maioria das demandas dos potenciais compradores cabia no lombo de um animal ou de uma carroça. Era um negócio de porta a porta, sem intermediários. Esgotada a mercadoria, na próxima viagem o pedido era providenciado.

Lembro-me que, em 1971, durante uma pesquisa do meu curso de mestrado no IEPE/UFRGS, o entrevistado recebeu um vendedor de tecidos, em que a mercadoria não era entregue no ato. O vendedor levava um mostruário de tecidos, que somente eram vendidos em rolos fechados. Era mais barato e, conseqüentemente, toda a família era "uniformizada" com o mesmo padrão de tecido, que era utilizado para costurar em casa. O local era o interior do hoje município de Progresso e a negociação era feita em alemão. Vendedor bilíngue. Chique.

Com a popularização do uso do automóvel, disseminou-se a figura do caixeiro-viajante e seu bloco de pedidos das mercadorias que por ele era representada.

Mas, sempre tem um, mas: em que municípios deveriam parar e percorrer o comércio local, oferecendo seus produtos? Ao entrar numa cidade, algumas já demonstravam seu potencial econômico e o caixeiro viajante já passava a visitar seus clientes e outros que porventura surgissem.

Mas, na grande maioria das cidades, ficava a dúvida: vale a pena investir meio dia do precioso tempo na busca de lojas com potencial de compra.

O que fazer?

Um me contou sua técnica infalível: procurava um bar de bom movimento e começava a questionar os frequentadores sobre um assunto que sempre dá papo em bar. Tinha "zona" na cidade? A zona era forte? Mulheres bonitas? Tinha movimento toda a semana?

Se a resposta fosse sim, terminava a cerveja e saía para conversar com os lojistas locais.

Se a resposta fosse não, que a zona era fraca, terminava a cerveja e pegava seu carro e ia para a próxima cidade.

Moral da história: se os moradores da cidade não têm dinheiro para gastar na zona, tampouco terão dinheiro para gastar no comércio.

Disse-me: este método era infalível. Nunca errei.

Obviamente ainda existem os viajantes, agora também denominados representantes comerciais. A zona também continua existindo, bem mais fraca, restrita a barzinhos, sem o charme de antigamente. O mundo ficou mais impessoal, com a comunicação via celular, email e WhatsApp.

Moralidade a parte, quem viveu aqueles tempos, tem muito que recordar.

Outros tempos, outros costumes. Não nos cabe prejulgar o passado sob a ótica moral de hoje. Cabe-nos relata-lo para que, perante os olhos da história, as novas gerações vislumbrem o caminho percorrido por seus antepassados.

A vendedora da FIAT e a entrega das chaves para a compradora

05/02/2018



O apelo publicitário, de qualquer mercadoria, atinge aquela camada da população que está com uns trocados a mais no banco e, muitas vezes, simplesmente decidem comprar algo que não teriam necessidade premente. Se não estiver sobrando dinheiro, para que serve o crediário? Afinal é só mais um carnezinho. Se tiver cartão de banco é só passar e fazer um ZIP. Pronto.

Exemplo: as mulheres não resistem ao apelo de sapatos, ainda mais quando está em oferta, liquidação, nova coleção. Algumas já saem da loja com o sapato novo brilhando nos seus lindos pezinhos. Ajuda a curar depressão, solidão, briga com marido ou namorado, ou seja, lá qual for o tipo de relacionamento. Se for para mostrar para as amigas, a ocasião pode se transformar num evento de no mínimo 30 minutos.

Lembro-me de uma mulher, que entrou no Bourbon de Passo Fundo empurrando um carrinho em alta velocidade e ao fazer a curva da antiga loja Paquetá, num canto dos olhos viu algo, obviamente um sapato e seu cérebro ordenou que pisasse no freio, abandonasse o carrinho e entrasse na loja. Uns 30 minutos após, compra efetuada, desejo satisfeito, pegou o carrinho e saiu em alta velocidade para recuperar o tempo investido no sonho de consumo. Vai explicar.

Bem, com automóvel, a coisa é mais demorada e complicada.

Minha esposa tinha um bom carro, mas estava chegando a hora de troca-lo por algo mais novo.

Para a mulher há detalhes que podem decidir a compra, desde um simples impulso do tipo eu gostei e fim.

O homem pergunta: consumo de combustível, velocidade máxima, prazo de garantia, preço da revisão, e um montão de dados técnicos.

Para a grande maioria das mulheres, o automóvel é um objeto de consumo, se lhe dá ou não satisfação.

Ponto final. É como o sapato. Gostou e pronto.

Para o homem o automóvel é uma espécie de extensão do seu poder de macho, da sua masculinidade, e, segundo alguns, uma extensão do seu "pinto".

Foi-se a época em que as mulheres eram consideradas compradoras em menor grau. Algumas fábricas já lançam modelos com compartimentos "secretos" para elas. Para que homem precisa de espelho no quebra sol? E ainda iluminado. Gancho porta bolsa.

Não sei como é hoje o preparo dos vendedores, mas há alguns anos atrás a esposa Lizete comprou em excelente carro da FIAT, um Stilo.

Na hora de entregar as chaves, lá estava a vendedora, a esposa, eu, e outro vendedor.

Só sorrisos e gentilezas.

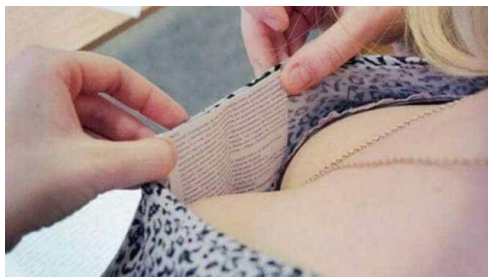
Vamos ao ato da entrega.

A vendedora, com um largo sorriso e as chaves na mão, esquerda, estendeu a mão direita para mim. Obviamente para entregar as chaves. Fiquei olhando para ela e não lhe estendi minha mão e disse. Dê a mão para a minha esposa que é a compradora. A coitada ficou sem jeito, mas mostrou que mulher também discrimina mulher. E como.

Desfeito o engano com pedidos de desculpas, a chave foi entregue para a compradora e a vendedora aprendeu uma lição.

As eternas colas na faculdade

17/06/2018



A cola em provas, no caso das faculdades tem um longo histórico. Difícil é o aluno (a) que não colou. Em alguns cursos, já no primeiro dia o professor passa um tema para os alunos e dá um prazo de uma a duas semanas para entregar o trabalho. Tanto pode ser de grupo ou individual. Consulta livre. Alguns alunos desistem já na primeira semana. Concluem que aquele curso não é o que esperavam que fosse. Nem com cola passariam.

Na grande maioria dos cursos os alunos vão fazendo as matérias, tirando a nota mínima ou o que for possível com um mínimo de estudo e esperando o dia da formatura. Outros, que são uma minoria, disparam na frente dos demais colegas.

Alguns, por vários motivos, no dia da prova não estão preparados nem para tirar a nota mínima. Solução: escrever qualquer coisa na esperança que o professor considere alguma coisa do escrito e dê alguma nota.

Vou relatar cinco casos de cola:

1-Sabia que uma aluna colava. Mas, como? Depois de muito observar descobri o método. Era praticamente a única aluna que vinha fazer a prova vestindo uma saia. Ela fixava as colas na barra interna da saia e era muito fácil virar a barra e ver as colas. Descoberta a tecnologia adotei um método simples de controlar a cola. Colocava a aluna na primeira fila, de frente para os demais alunos. Se ela virasse a barra da saia para colar, toda a turma veria.

Foi a única maneira que imaginei para que ela não colasse. Já pensou o que aconteceria se o professor mandasse levantar a dobra da saia? No mínimo poderia ser processado por assédio sexual.

2-Durante uma prova de exame final, peguei um aluno olhando uma cola no celular que estava no meio das pernas. Chegando por trás da classe, disse: entrega a prova e pode sair da sala.

Professor: eu não estava colando, só estava olhando uma mulher pelada. Respondi-lhe: olha soa coroa, aposentado, mas ainda sei distinguir uma mulher pelada e uma cola.

Recolhi a prova, coloquei data e hora do recolhimento e peguei o celular como prova. O aluno entrou em desespero. Que ia perder o PROUNI. Disse-lhe que ele tinha o direito de ir à Delegacia, perto da UPF e registrar um BO. Disse-lhe que iria junto para também registrar outro BO com a minha versão. No final, foi permitido que o aluno concluísse a prova. O aluno precisava uma nota baixa, três, para ser aprovado com a nota mínima de cinco. Demonstrou insegurança na capacidade de, sem cola, tirar uma boa nota.3-Um aluno já tinha sido reprovado duas vezes. Não estudava. Dava a presença, saía da aula e só regressava ao final. Ficava batendo papo no bar.

Combinei com a turma para todos darem uma força para ele, e ele se comprometeu a, ao menos, ficar na aula.

Não adiantou muito. Numa das provas, sentado na primeira fila, vi que estava colando e após retirar a prova, disse-lhe: pode sair da sala de aula.

O aluno levantou e imediatamente choveram colas da sua roupa. Parecia chuva de confete. Risada geral. Ele, imediatamente disse: não são minhas, não são minhas. A turma não parava de rir

4-Em quase todas as faculdades, os alunos juntam provas de vários anos e montam uma espécie de caderno e preferem estudar nesta "apostila" informal, do que ir à biblioteca e ler um livro.

Alguns simplesmente copiavam as respostas parecidas da "apostila"

Para desestimular, ao menos um pouco, esta tecnologia, costumava dizer: olha pessoal, a maioria destas respostas está errada e fiz pequenas modificações. Portanto, leiam a prova que lhes foi entregue, raciocinem e deem o melhor de si.

5-Um colega que tinha que viajar, me pediu para cuidar de uma prova de seus alunos.

Fiquei sentado num sofá no corredor em frente a sala da prova. Como a porta da sala estava aberta fiquei olhando os alunos entrarem. De repente, chamou-me a atenção de um aluno que, sentado na primeira fila, começou a tirar um monte de cola dos bolsos e "preparar" o ambiente para a prova. Enfiava colas embaixo da mesa, na roupa, no meio dos livros empilhados embaixo da mesa.

E eu, só olhando. Hora de começar a prova. Entrei na sala, apresentei-me e o aluno da cola me reconheceu como a pessoa que estava no corredor observando-o na arte de esconder as colas.

Começa a prova e o esperto, sabendo que eu o tinha visto escondendo as colas, não sabia o que fazer. E eu, só cuidando. De repente, desesperado, puxa uma cola e o peguei em flagrante.

Tirei a prova e anexeí aquela cola na prova e dispensei-o da prova.

6-Prova oral

Outro aspecto importante é a possibilidade do aluno fazer prova de recuperação. No primeiro dia de aula já avisava: a prova será oral, já que se muitos optarem em recuperar provas, o tempo ficará muito curto. Obviamente, alguns tinham motivos para faltar uma prova. Estes, normalmente, a faziam e tiravam a nota que precisavam.

A maioria tentava a sorte.

A prova era feita aluno por aluno. Ao entrar perguntavam ansiosos: professor, qual o tema para resposta?

Perguntava cinco pontos e, normalmente, não sabiam quase nada ou nada do assunto.

Para alguns malandros, que chegavam perguntando qual é o ponto e dizia: olha, como sou teu amigo, tens a liberdade de falar sobre o assunto que mais sabes.

Pra que: cara de espanto, e eu dizia: pode começar. Depois de algum tempo, o aluno falava sobre alguma coisa da matéria.

A fala não era muito longa, porque o conhecimento era curto.

Se porventura a resposta tinha alguma consistência, eu perguntava: explique o porquê da sua afirmação. Pergunta mortal. Não saia mais nada, porque não tinha de onde sair.

As histórias das bolhas dos psicólogos e afins

07/03/2017



Este caso das bolhas ocorreu na propriedade denominada Refúgio Ecológico Colônia Paraíso, localizada no município de Vila Maria-RS, há uns oito anos. Esta é uma área de preservação ambiental, 99,5 % coberta de mata da Floresta Atlântica, com águas de fontes e sanga, cristalinas. Originalmente foi idealizada para projetos de grupos de empresas que ficavam alojadas em uma casa de madeira de cerca de 80 anos e um alojamento também de madeira para 20 pessoas. Na época também foi construída uma pequena capela, com materiais de uma igreja que havia sido demolida. Tudo construído conforme os modelos de janelas, cores, telhas de barro, como eram na época de seus primeiros habitantes na região, há uns 50 anos. Só há cerca de seis anos passou a contar com energia elétrica. Antes, só vela, lanterna e lampião a gás.

O primeiro caso envolvendo as tais de bolhas ocorreu uns 400 metros mais adentro, sobre o lajeado de uma cachoeira. Lugar paradisíaco: árvores das mais variadas formas, pássaros, grandes borboletas azuis e dezenas de pequenas.

A professora que iria fazer um exercício de meditação acendeu quatro velas sobre as pedras, simbolizando os quatro pontos cardeais. Como estávamos no lajeado da cachoeira, os dois homens estavam de calção e as mulheres de biquíni.

Começa a meditação e todos deitados sobre toalhas ouviam as instruções.

Fechem os olhos, respirem fundo e pausadamente. Desliguem suas mentes do dia a dia da cidade. Imaginem uma bolha azul e entrem nela. Desliguem seu cérebro e agora já dentro da bolha azul, imaginem que ela está levantando vocês.

Tudo ficou do lado de fora e dentro da bolha só está cada um de vocês e uma paz celestial, só o espírito de vocês.

Quando as bolhas já estavam a uns 2 metros de altura, de repente um grito: TOOOMAAASIIIIINIIIII.

Lá se foi a concentração, as bolhas estouraram (bang, bang, bang, bang) e, juro, senti que me machuquei quando cai, tal era minha concentração.

Refeitos do susto, procuramos ver o que tinha acontecido. De repente, subindo as pedras da cachoeira, apareceu um jipeiro, perguntando se os outros jipeiros poderiam entrar com seus jipes na propriedade.

Expliquei que a entrada não era viável. Mais uma conversa e foi embora.

Bem, terminou ali a meditação e as bolhas já haviam estourado. Somente restou a alternativa de um bom banho na cachoeira.

Contaram que, no dia seguinte, numa cidade próxima, o comentário é que os jipeiros encontraram dois casais seminus, num cerimonial no meio do mato, cercado por velas. Imaginem o que devem ter imaginado e comentado.

O outro caso de bolha ocorreu com um grupo bem maior.

Desta vez a instrutora utilizou uma bolha dourada.

O local foi um gramado perto da casa, também em um ambiente próprio para exercícios de meditação. Era um grupo de 20 pessoas, todas deitadas de costas sobre o gramado.

Mesma conversa inicial, com as bolhas subindo até uns cinco metros. Depois de algum tempo a instrutora mandou que todos levassem suas bolhas até a grama, que saíssem delas.

Passados dois minutos, a professora disse: agora com o rosto colado na grama, junto a mãe natureza e suas forças cósmica se liberem tudo o que há de ruim em vocês.

De repente, um barulho ensurdecedor e conhecido por todos: PRÓÓÓÓÓÓÓ. Um longo e sonoro peido. Até um lagartão que estava debaixo de uma pedra ali perto, saiu numa velocidade de arrancada de Fórmula 1. Os pássaros pararam de cantar perante a inesperada concorrência sonora, as borboletas bateram as asas e sumiram.

Espanto geral, todos olhando para o cidadão que quebrou o cerimonial do encerramento da meditação.

Para espanto de todos, disse o dono do potente compressor intestinal: ELA MANDOU LIBERAR TUDO O QUE TINHA DE RUIM....

Até breve



Ha momentos a em que razão deve ser mais forte que os sentimentos do coração.

Ao longo de minha vida como profissional, como engenheiro agrônomo, sempre procurei, sob as mais diferentes formas, colaborar com o município de Passo Fundo. Além do trabalho no Centro Nacional de Pesquisa de Trigo-CNPT da EMBRAPA, as aulas na Faculdade de Agronomia da UPF, há a participação em Associações de classe como a dos engenheiros agrônomos e a dos profissionais liberais-APLIP, os comentários no jornal da Rádio Planalto e os artigos em O NACIONAL (Ciência Hoje e assuntos gerais). Todas estas atividades são altamente gratificantes a medida em que, como cidadão, tenho contribuído para crescimento humano e econômico da cidade. O Coronel Gervásio Lucas Annes, meu antepassado, teve a honra de governar nos períodos 1893 a 1.900 e 1908 a 1914, elevando a vila de Passo Fundo a categoria de cidade, a qual lhe prestou homenagem com o monumento. localizado no centro da Praça Matriz. Alguns anos mais tarde o Dr. Armando Araújo Annes governou a cidade nos períodos 1924 a 1928 e 1932 a 1934.

A participação política da família Annes na vida de Passo Fundo tem sido constante desde 1893, sob as mais diferentes formas. Talvez seja este um dos fatores que me induziram a, em 1988, quase 100 anos após a primeira administração do Coronel Gervásio Lucas Annes, a me lançar, abertamente, na vida política de Passo Fundo, disputando uma vaga na Câmara de Vereadores. Destino? Talvez. Continuação de uma tradição política familiar? Pode ser. A única novidade é decorrente da saudável mistura de raças que caracteriza o Rio Grande do Sul, ao sobrenome Annes foi adicionado o sobrenome Tomasini.

Se por um lado o livre exercício da democracia me permite lançar meu nome como candidato a vereador, por outro lado outras regras da democracia, no caso a legislação eleitoral, proíbe que continue escrevendo artigos em O NACIONAL ou

comentando na Rádio Planalto. Assim sendo, em obediência a lei, digo um até breve aos meus amigos, aqueles que têm me incentivado a continuar escrevendo. Prometo voltar logo após 15 novembro.

Burro, incompetente e invejoso.

12/02/2018



Na fase final do curso de mestrado em Economia Rural, no IEPE-UFRGS, abriu um concurso em Brasília, no Ministério da Agricultura, para formar um grupo de assessoria ao Ministro da Agricultura.

O grupo foi selecionado em 1971 e era condição para participar dos testes, ter mestrado ou doutorado nas áreas de economia rural ou sociologia. Na época era uma seleção muito rigorosa, uma vez que havia dois ou três cursos desta natureza no Brasil. Selecionado, em setembro de 1971, iniciei as atividades.

O grupo na época tinha uma posição importante na estrutura de assessoramento de políticas agrícolas do Ministério. Por quase um ano tivemos carro a disposição para nos levar e nos buscar em casa.

No meu caso, que trabalhava com políticas de carne bovina, viajava por todo o Brasil e por dois anos elaborei tabelas de preço de carne bovina que eram encaminhadas ao Ministro para aprovação e implantadas pela SUNAB-Superintendência Nacional Abastecimento, que pertencia ao Ministério da Agricultura.

Foi na execução destes trabalhos que tive oportunidade de conhecer como este país é grande e complexo, conhecendo-o do Chuí até a Ilha de Marajó, assim como as áreas da floresta amazônica onde na época, a exploração de pecuária era a grande responsável pelo desmatamento.

Trabalho do grupo andando muito bem. Éramos um grupo de elite na estrutura do Ministério.

Numa manhã fui comunicado que deveria me apresentar no Departamento de Segurança e Investigação-DSI, que ficava no mesmo andar do grupo, no 7° andar.

Era o ano de 1974, em pleno período do governo militar. Atravessar as portas do DSI significava que alguma coisa ruim poderia suceder.

Sem saber o que me esperava, apresentei-me e fui levado à presença do coronel que chefiava o departamento.

Apresentei-me e ele, sem muita conversa, foi direto ao assunto: recebi uma denúncia que você, no horário do expediente, ministra aulas na Universidade de Brasília-UnB. É verdade? Respondi, sim. Há um convênio entre o Ministério e a UnB para aulas na cadeira de economia rural.

Resposta do coronel: diante da resposta, disse: não se preocupe. Esta denúncia é obra de um burro, incompetente e invejoso.

Traga uma cópia deste convenio e não precisa me entregar pessoalmente. Entregue na portaria.

No mesmo dia entreguei o documento solicitado e o assunto foi encerrado e continuei dando aulas na UNB.

Quanto ao denunciante, deve ter ficado muito frustrado e certamente com mais inveja.

O chefe do Departamento de Economia da UnB era o Professor Edmar Bacha, autor da fábula da Beilindia, e um dos pais do Plano Real. Atualmente é Membro da Academia Brasileira de Letras. Participar das reuniões do Departamento de economia apreciar a condução dos trabalhos pelo professor Bacha foi um dos pontos altos na minha vida universitária.

Catuaba turbinada

20/02/2018



Algumas pessoas passam pela vida, passam, passam, morrem e na semana seguinte estão esquecidas.

Outras têm um dom próprio, também vão embora, mas continuam vivas nas memórias dos que com elas conviveram. O que menos importa é sua condição financeira. O que importa é sua personalidade, honestidade, companheirismo.

Tive a honra de conviver com uma pessoa com estas características. O Moacir.

Sempre correndo atrás da sobrevivência do dia a dia. Muitas vezes ganhando de manhã para chegar à noite de bolso vazio.

Além das despesas familiares, havia outras despesas.

Um joguinho de carta, um copinho de cachaça na mesa de jogo, às vezes uma cerveja e duas carteiras de cigarro por dia.

Mas, sempre tem um, mas. Além do cigarro, do sagrado chimarrão, havia uma companheira inseparável: a malvada da Catuaba.

Bebida adocicada, baixo teor alcoólico, fácil de "descer". Companheira nas horas de solidão e do fim do expediente nas obras longe da cidade.

Numa ocasião, Moacir, meu irmão e o Pedrinho, outro grande amigo e figura ímpar, estavam trabalhando numa obra, dentro de um reflorestamento.

Como eram perto da cidade, todos os dias meu irmão os levava com sua Kombi.

Acontece que havia mais um companheiro de trabalho, que morava perto e ia a pé para o serviço.

Antes de voltar a Passo Fundo o Moacir deixava escondida a garrafa com o que havia sobrado da catuaba. Até que um dia, após o almoço foi tomar uns goles da

bebida e, milagre, estava vazia. Alguém, e só havia um suspeito, havia liquidado com a preciosa catuaba.

Os três, Moacir, meu irmão e o Pedrinho, combinaram que no outro dia trariam outra garrafa e deixariam escondida no mesmo lugar, com um pouco da bebida. De novo, garrafa vazia.

Por vários dias fizeram a mesma coisa, para que o ladrão de catuaba se acostumassem.

Combinaram que, num sábado, deixariam meia garrafa, mas com um ingrediente adicional, secreto.

Já haviam comprado quatro envelopes de laxante. Colocaram na garrafa, misturaram bem, deixaram no lugar de costume e foram para Passo Fundo.

Segunda-feira, todos prontos para o trabalho e nada do outro funcionário local. E a garrafa estava bem vazia.

Terça-feira, nada do homem. Quarta-feira, nada do homem.

Na quinta-feira aparece o ladrão de catuaba, branco, mais magro e fraco.

Nem olhava para os colegas de trabalho. Bom dia estava desaparecido? Firme para o trabalho?

Depois descobriram que o vivente, depois de tomar toda a catuaba "turbinada" não parava mais de ir ao banheiro. Ficou fraco e teve que ir à emergência do Hospital São Vicente para poder recompor o intestino e parar com a diarreia.

Ninguém falou nada para ninguém. Só que na volta para Passo Fundo, era só risada dentro da Kombi.

Já na sexta-feira voltaram a deixar a garrafa de catuaba escondida e nunca mais foi roubada.

Champanhe-tradição familiar

12/02/2018



Não sei em que ano meu pai teve seu primeiro contato com a Vinícola Peterlongo, em Garibaldi-RS. Eu conheci o estabelecimento em 1968, pois estávamos hospedados no Hotel Casacurta, na época um hotel de primeira linha, que era perto.

O pai viajava muito e ele tinha suas paradas certas, que faziam parte do roteiro de viagem. Uma delas era uma parada na Vinícola, para uma degustação. A degustação não era como hoje, um copinho e deu. Era farta e melhor ainda, não havia nenhuma restrição de viajar e tomar alguma bebida alcoólica.

As gurias que atendiam os turistas já conheciam o pai e, perguntavam por perguntar, qual era a preferência dele. Sempre disse a champanhe da garrafa barrigudinha.

Detalhe importante: pelo seu pioneirismo, a Vinícola Peterlongo é a única empresa brasileira a, legalmente, poder utilizar o termo Champanhe em seus produtos. As demais empresas devem utilizar o termo espumante.

O casal Luiz e Lahir tem uma foto de um baile de gala, Baile da Champanhe, no Clube Comercial de Carazinho, creio que em 1945. No meio do salão havia uma grande balde com uma garrafa de champanhe.

Naquela época as pessoas bebiam champanhe por prazer e pouco por ser uma bebida diferenciada.

Na cozinha no apartamento do pai, em Porto Alegre, o teto era marcado pela parte metálica da rolha que batia com força no teto. Na época, o ato de abrir a champanhe implicava em abri-la sem segurar a rolha, dando um "estouro" e jogando-a a rolha longe. No caso no teto.

Atualmente a técnica é não deixar dar um estouro, pois caso contrário começa-se a perder as bolinhas, a "perlage".

A tradição familiar cultuada pelo pai consistia em colocar um neto sentado no joelho e ensina-lo a abrir a garrafa, dando um belo estouro.

Os filhos cresceram, o pai faleceu, mas a tradição de beber champanhe na família continua. Agora o papel de sentar um neto no colo é praticado por mim. Logo será por um dos meus filhos e seus netos.

A vida continua. Muda a marca do champanhe, mas a tradição é passada de geração para geração.

Chile: como passar frio não tendo dinheiro num povoado a beira mar

19/02/2018



Foi em 2018. Eu e a minha companheira, Lizete Augustin, fomos ao Chile, lindo país, linda capital.

Na época., era uma cidade muito limpa, povo muito educado, um bom metrô.

Comida em conta e para quem gosta, muitos pratos com especiarias do mar. Pode-se pegar um trem na Gare do Norte, em direção ao Sul.

Viagem maravilhosa, lindas paisagens, sendo que, para quem viaja ao Sul, a sua esquerda, você enxerga as montanhas nevadas e entre os trilhos e elas, quilômetros e mais quilômetros de frutas de todas as espécies.

Viajamos até quase ao final da linha férrea, na cidade de Chillan, e nos hospedamos no Grande Hotel Chillan, que de grande só tinha o nome. Mas tinha uma boa localização para conhecer a cidade e maravilha, uma feira livre, com maravilhosas verduras, enormes milhos verdes, tomates, e uma infinidade de produtos hortifrutigranjeiros, que nunca havíamos visto.

Subindo a montanha havia um hotel com águas termais, mas não tínhamos muito tempo sobrando e optamos para outra viagem.

E daí, o que fazer? Pegar o trem de volta ou achar outro passeio? Bem, alguém nos falou que poderíamos pegar um ônibus (tinha de tudo dentro, só faltou um porquinho) e ir e voltar no mesmo dia a uma pequena cidade, parando para tirar fotos com focas, o que para nós era novidade.

Resolvemos tirar fotos com as focas, que estavam próximas numa pequena ilha, e tivemos que tirar os calçados e a água estava um gelo, muito fria. Cada um tirou uma foto correndo e colocamos os calçados num pé gelado

. Pegamos outro ônibus que nos levou até o final da linha, numa pequena cidade. Por precaução, comprei as duas passagens para voltar a Chillan.

No caminho, numa região de pequenas propriedades, vi uma plantação de uvas, praticamente rasteiras, semelhantes às que tinha visto na Espanha, num enorme tapete na catedral em Córdoba. Herança cultural.

Bem, na hora do almoço, fomos ao melhor restaurante comer, lógico, um bom peixe. Hora de pagar. Apresento o cartão de crédito e caixa disse, estamos sem internet. Só a dinheiro. Pânico. Estávamos praticamente sem dólares. Pagamos e ficamos sem dinheiro algum.

Como já havíamos comprados as passagens para a volta, poderíamos esperar, até a saída..

Acontece que, saímos com roupas de verão e começou a esfriar muito.

O que fazer? Nenhuma loja aberta para passar o tempo. Procurando um local de pouco vento, encontramos uma casa de chá. Entramos e começamos a olhar uns quadros, e comenta-los para passar tempo. Contamos as moedas e vimos que dava para uma xícara de chá. A atendente perguntou se não queríamos duas. Agradecemos e ficamos bebericando e olhando outros quadros. Pura enrolação.

Perto da hora de pegar o ônibus, agradecemos a gentiliza e nos mandamos para a rodoviária. Nos enfiamos no ônibus, com frio, mas sem vento.

Coisa, boa, voltar para o hotel e colocar uma roupa quente.

Linda e inesquecível aventura, pelas focas, pelo frio, por estar sem dinheiro.

Dia seguinte, regressamos de trem a Santiago.

Chile é lindo.

Chuva de pinhão

05/04/2019



Noite de inverno. Quarto de hotel. Madrugada.

Algumas pessoas tem uma facilidade incrível para dormir, no sofá ou na cama.

A noite nosso cérebro, continua trabalhando, coisas boas, ruins, pesadelos, amores encerrados, esquecidos ou cobijados. O que fazer no dia seguinte, o porquê das coisas acontecidas no dia anterior. Como resolver os problemas da vida.

O pior é ficar acordado, rolando na cama, tentando agarrar o tal sono.

Levanta, vai ao banheiro, dá uma inspeção na geladeira, tenta ver algum programa de TV na madrugada e descobre que há dezenas de canais de TV com pregadores de todos os níveis e que são convincentes. Meia hora assistindo a um destes programas e você está fisgado. Na amanhã seguinte sua cabeça não tira aquelas mensagens do seu pensamento. Se fraquejar vai procurar um banco para fazer sua contribuição.

Parabéns se conseguiu resistir a estas pregações ou catequizações.

Na busca de novos canais que lhe prendam a atenção, descobre os canais de propaganda das joias. Para todos os gostos e para todos os bolsos. Daí você pensa: se tem tanta propaganda é porque tem quem compre. Como estão todas com maravilhosos descontos e com o apelo de compre antes que a promoção acabe, se você não comprar é porque realmente não necessita e ainda está bem acordado e ainda não está pronto para voltar para a cama.

Noite fria. Já naveguei dezenas de canais da TV a cabo e nada do sono voltar.

De repente, um barulho estranho no telhado ao lado do quarto.

Pequenas batidas, seguidas de dezenas de batidas de uma só vez.

Assim foi por mais de meia hora, até que o hospede, insone e assustado, liga para a portaria e diz que acha que tem um bicho no telhado, ao lado de sua janela. Descreve o barulho e o plantonista da madrugada lhe diz: não tema. O ruído é de pinhões caindo das pinhas que estão no pinheiro ao lado do seu quarto. Amanhã pela manhã o senhor pode juntar os pinhões que caíram durante a noite e lhe prepararemos os pinhões na chapa do fogão ou cozidos.

Desafio do rapel

13/07/2017



Se pudéssemos voltar no tempo e espiar a evolução da humanidade, veríamos que somos o que somos hoje, não porque alguma forma de vida extraterrestre nos deu de presente tecnologias que permitiram sair da idade da pedra, para a fase atual de tentativa de conquistar novos mundos.

Em vez de olhar as estrelas, os planetas, hoje estamos, embora ainda longe, tentando colonizá-los.

Quem tiver tempo para ler livros sobre história da humanidade, verá a paulatina, mas contínua evolução do conhecimento humano. Conhecimento que foi conquistado graças a pessoas que optaram em desafiar a falta de solução para os seus problemas do dia a dia da vida. Ou para realizar seus sonhos de uma vida melhor.

Quando uma criança nasce, seu primeiro grande desafio é aprender a respirar. Por parte dos pais, o desafio é aprender como proteger aquela vida frágil.

O convívio com os seres humanos, em qualquer forma de sociedade, não é fácil e é um contínuo aprendizado.

Já na escola o convívio, especialmente entre os adolescentes, é um desafio, com ações tipo bullying,

Desafios por ser pobre, por ser obeso, estar fora dos padrões de beleza predominantes e por mil outros motivos.

Há alguns anos um grupo de funcionários de uma empresa participou de um treinamento empresarial, que consistia em caminhadas nas trilhas da mata, banhos na água gelada do pequeno rio, jogos coletivos, terapia de grupo noturna sob supervisão de psicólogo, participação na elaboração do almoço/janta(incluía lavar a louça) e dormir em quartos com predominância masculina ou feminina.

O último desafio era subir numa torre de rapel, com 8 metros de altura. Subir os degraus até a plataforma já era um pequeno desafio. Colocar o equipamento, a cadeirinha, e descer os 8 metros sob supervisão do técnico era o grande desafio.

O grupo foi indo, foi indo e uma mulher jovem, bastante pesada foi ficando, foi ficando. Todos esperavam que desistisse de fazer o rapel.

Só faltava ela. De repente, botou o pé no primeiro degrau e subiu até a plataforma. Colocou o equipamento e desceu como se fosse uma profissional de rapel.

Pé no chão, aplausos gerais e ela com uma cara feliz, cheia de orgulho disse: enfrentei o desafio e venci o meu medo. Cumprimentos e abraços à colega.

Este é um pequeno exemplo dos desafios que temos no dia a dia de nossas vidas. Fugir deles. Pode ser. Só em caso de extrema necessidade. O desafio vencido de hoje, significa que o desafio de amanhã também poderá ser encarado e vencido.

E assim segue a humanidade na busca do amanhã com novos desafios e soluções.

Dois amigos e uma só alma

17/01/2018



Sinceridade. Espontaneidade. Amizade.

O que no passado era normal entre os indivíduos, ao menos na maioria, com o crescimento urbano e rural, passou a ser menos evidente. Fruto da disputa pela sobrevivência, da ambição, da falta de exemplos?

Amigo. Palavra meio fora de moda. Agora é colega, companheiro, compadre, "irmão", "tio", correligionário, conhecido, vizinho, ...

Estas palavras podem, na verdade, estarem sendo utilizadas para disfarçar o pensamento verdadeiro que as pessoas têm em relação a outras pessoas. Meras formas protocolares de convivência.

Lembro-me que na minha adolescência um dos livros preferidos eram "As aventuras de Tarzan".

Um herói da época.

Numa passagem de seus livros de aventura, Tarzan apresentou uma pessoa chamando-a de meu "amigo". A pessoa não se deu conta do significado da palavra amigo, já que vivia na cidade grande, onde era uma palavra comum. Todavia, outra pessoa presente na ocasião, disse-lhe que Tarzan, um homem que vivia isolado na selva, rarissimamente agradava alguém com esta palavra. Amigo para Tarzan e sua inocência em relação às falsidades da civilização, era algo sagrado.

Recentemente após almoçar na casa de um vizinho na área rural do município de Vila Maria, meu amigo de 25 anos, na hora de despedida, fui surpreendido com um abraço, e uma belíssima expressão, saída do fundo da alma. Em vez de um até logo formal, ocorreu um forte abraço, um sorriso na face e um som de uma voz dizendo: dois amigos e uma só alma.

Sim, dois amigos e uma só alma. Amigos de verdade são como almas gêmeas.

Tenho certeza que no tempo que me resta de vida, nunca mais ouvirei uma expressão de amizade tão sincera.

Fraldas poluidoras

03/05/2018



"A fralda descartável é uma invenção relativamente recente da humanidade. Tão recente que as primeiras fraldas a serem comercializadas, há cerca de 40 anos, continuam no mesmo lugar onde foram parar após terem sido descartadas pelos pais de bebês da década de 70. Sim, foi isso mesmo que você leu. Se você tem idade para, quando bebê, ter usado fraldas descartáveis, saiba que elas ainda existem".

"Feitas majoritariamente de plástico (isto é, petróleo) e celulose (isto é, árvores) e branqueadas com o uso de cloro, as fraldas convencionais têm uma cadeia de produção altamente poluente e demoram MUITO tempo para se decompor. De acordo com o Serviço de Parques Nacionais dos EUA, uma fralda descartável convencional leva cerca de 450 anos para se decompor.

Considerando a quantidade de fraldas usadas por um bebê até a idade em que o desfralde costuma acontecer (um estudo da National Geographic estimou que fossem, em média, 3.796 fraldas, não dá para negar que um bebê produz muito lixo em forma de fralda".

Texto extraído de: marisa@ecomaternidade.com.br

O que polui mais, pneus ou fraldas descartáveis?

É claro que pneu. São milhões de automóveis e caminhões periodicamente descartando pneus. Descartando onde? Terrenos baldios, voçorocas, queimando em indústrias que necessitam muito calor, como a de cimento.

Será?

Já fizeram a conta de quantas fraldas descartáveis são utilizadas todos os dias no Brasil?

Vamos aos números. Segundo o censo de 2010 do IBGE, a população de crianças de 0 a 4 anos era de 13.700.000. Vamos supor que a população até dois anos seja a metade, ou seja, de 6.850.000. Mais uma suposição. Que só 40% destas crianças usem fraldas descartáveis e as restantes usem as antigas fraldas de pano. Ainda restariam 2.740.000 crianças.

Se cada criança nesta faixa etária, trocar fraldas 3 vezes por dia, terão sido trocadas 8.220.000 fraldas por dia.

Como criança não faz feriado de cocô, ao final de 365 dias, o total será de fraldas será de 3.000.300.000.

Está difícil de imaginar esta quantidade? Vamos a outra conta. Se cada pacote contiver 38 fraldas, teríamos uma quantidade de 78.955.263 pacotes, Se cada pacote tiver 15 cm de altura, teríamos uma pilha de 11.843.289 metros de altura. Difícil de imaginar? Então imagine uma estrada de 11.843.289 m de extensão, ou de 11.843 quilômetros. Agora está mais fácil de visualizar.

Difícil acreditar em números tão grandes. Ainda tem que ser acrescentadas as fraldas geriátricas, difíceis de calcular.

E então, o que polui mais? Pneus ou fraldas?

Por favor, revisem meus cálculos e digam o resultado correto ou menos errado.

Heitor e a poupança na Habitasul

09/02/2018



O que fazer com o dinheiro ganho com muito trabalho?

Gastar para seu prazer? Poupar e investir na ampliação do seu negócio, na compra de terra, de um imóvel urbano?

Cada um tem suas preferências e urgências.

Cada preferência de acordo com sua faixa etária.

Ano de 2.018. Quer investir? Vá a qualquer banco, corretora de valores, clubes de investimento, corretora de imóveis.

Pode até investir em moedas virtuais.

Ir ao banco? Para que? Use o aplicativo do seu celular.

Vamos dar uma volta no passado, poucos anos antes do Plano Real. Inflação de até 80% ao mês. Loucura total. Todos querendo proteger seu dinheiro. Um dia parado, significava uma enorme perda do valor da moeda. Era uma época do "over night". Aplicava-se dinheiro até o final do expediente bancário e este rendia por uma noite.

Na zona colonial, os mais antigos guardavam cada moeda conquistada com o trabalho duro, embaixo do colchão, em meias, enterrados em latas. Não confiavam nos bancos e tampouco tinham oportunidade de ir ao banco. Se perdiam um dia do seu tempo na cidade, quem trabalhava na propriedade?

Resultado: com o tempo o dinheiro perdia seu valor e o poupador ficava com um simples papel, sem valor.

Pois o meu padrinho Heitor, já aposentado rural, todos os meses vinha de Pulador, distrito de Passo Fundo, para receber sua aposentadoria e, claro, coloca-la na sua conta de poupança, como faziam a maioria dos aposentados.

Ele tinha conta na Habitasul, onde hoje é o Ed. Killing frente à praça da cuia.

Logo após o almoço vai ao Banco e se depara com uma enorme fila. Deve ter pensado: a caderneta deve estar rendendo bem, está todo o mundo depositando.

Depois de mais de uma hora de fila, finalmente chega sua vez e o caixa lhe pergunta: quanto vai retirar? Nada, eu quero depositar. O caixa olhou espantado e ficou sem entender.

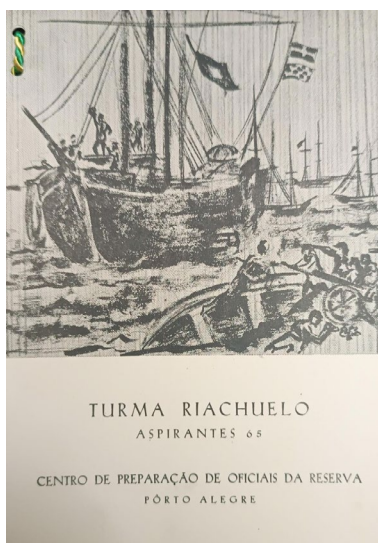
Acontece que havia corrido o boato de que a Habitasul ia quebrar e os poupadores, apavorados, foram correndo tirar seu dinheiro.

Era mais um dos boatos falsos que circulavam a cada hora sobre a situação dos bancos e do país, diante da inflação fora de controle.

Anos depois, contei esta história para o diretor do banco, na época. Disse-me: se eu soubesse deste caso, de que o seu tio foi o único que naquele dia depositou, o teria buscado no colo e lhe teria

Histórias militares do tempo do CPOR

01/02/2018



Estava cursando a Faculdade de Agronomia da UFRGS, quando tive que cumprir o serviço militar. Por estar cursando uma faculdade, poderia entrar para o Curso de Preparação de Oficiais da Reserva-CPOR, que por ser realizado nos finais de semana durante o período de aulas e durante o período de férias, possibilitava não perder aulas. Isto durante um período de 18 meses.

O único inconveniente era ter que levantar as 5,00 h para estar iniciando as atividades, começando pela chamada, as 6,30 h no pátio do quartel. Pegava um bonde no quarto distrito, na Av. São Pedro e outro no centro até o fim da Av. Getúlio Vargas, no Menino Deus.

Dentro os inúmeros fatos pitorescos, alguns não podem deixar de ser narrados.

1-O panelão de Q-SUCO e a cuspidora

Mês de fevereiro, calorão. No meio da tarde era feita uma pausa para tomar água. Na água colocavam Q-Suco. Não era na medida de um pacotinho para dez copos e sim para vinte litros. Era uma água cor de rosa fraco, mas enganava bem a sede. Primeiro se serviam os oficiais que estavam com os alunos e depois os alunos veteranos (o curso durava dois anos), e, finalmente os novatos.

Terminada a fila, se tivesse sobrado, se servia quem quisesse.

Um aluno veterano viu uma figura de verde, inclinada, pegando mais uma caneca de suco e, pensando que era um aluno da turma novata, cuspiu um catarro no panelão.

O ser vestido de verde levantou e, pânico do aluno cuspidor, no ombro estava a insígnia de um tenente. Todos os alunos apavorados e o oficial uma fera.

Um final de semana detido no quartel para o cuspidor.

2-Pelotão fantasma

A cada semana um dos alunos era nomeado xerife da turma.

Uma tarde, num período de intervalo, não se sabe induzidos por quem, inventaram de todos colocarem as máscaras contra gases, que tapavam todo o rosto e o ar vinha de um filtro na altura da cintura, por uma mangueira preta flexível. Todos, numa perfeita ordem, saíram marchando pelo quartel sob supervisão do xerife.

O quartel parou para ver os alunos bagunceiros e estes foram denominados de "pelotão fantasma".

Não precisa dizer que todos pagaram caro a brincadeira.

3-Granada na trincheira

Como parte do treinamento uma tarde um oficial ficava numa trincheira e chamava um a um os alunos para exercício de lançamento de granada manual.

Primeiro o aluno lançava uma granada sem o detonador para aprender a técnica do lançamento.

A seguir, o oficial ensinava como tirar o pino de uma granada real, ensinava o tempo entre retirar o pino e a explosão. Passo seguinte, tirar o pino, arremessar e se agachar na trincheira.

Tudo seguia normalmente até que um aluno, daqueles que nunca tinha saído debaixo da saia da mãe, cheio de medo, entrou na trincheira.

Aí aconteceu o que não poderia ter acontecido. Já cheio de medo, o aluno cagão, tirou o pino de segurança, girou o braço para lançar a granada e bateu o braço na lateral do corpo e soltou a granada, dentro da trincheira. O oficial, vendo a burrada no aluno, ainda teve tempo para pegar e lançar para fora. Por segundos os dois não viraram picadinho.

4-Metralhadora Madsen

Na época havia uma metralhadora, que devia ser sucata da Segunda Guerra, que era carregada com um pente de munição pela parte superior.

Os pentes eram carregados em bolsas de couro, com quatro carregadores cada. Cada aluno deveria correr carregando duas destas bolsas e a metralhadora. Eram uns 15 a 20 kg de peso.

Num dos exercícios, todos vinham correndo e a uma ordem se atiravam onde estivessem, colocavam um pente de munição vazio, engatinhavam e puxavam o gatilho. Estava fazendo a minha parte quando vi um colega ao lado colocar o pente de munição, mas ele não viu que estava carregado com munição real. Gritei desesperado para não engatilhar a arma. Se tivesse engatilhado e puxado o gatilho, seguindo as instruções, certamente muitos teriam morrido.

Como aquela munição foi parar ali, durante um exercício. Ninguém soube explicar. O certo é foi evitada uma tragédia.

5-Se não boia é feijão

Na época a cozinha tinha aparelhagens muito simples. A do feijão era um panelão de aço inox. Antes de sair o cozinheiro despejava um saco de feijão, dava uma mexida e com uma peneira tirava o que boiava, mais uma mexida e mais uma limpeza. Na época o feijão não tinha a limpeza automatizada como hoje e vinha o que vinha.

Uma noite estava de guarda e lá pelas quatro horas chega o cozinheiro e, de folga, sem sono, acompanhei-o à cozinha. Pegou uma madeira, deu umas mexidas e o que subiu e boiou, foi retirado. Não boiou, era feijão. Simples.

Lembro-me de que no meu primeiro dia de almoço, junto com o feijão, veio um enorme prego. De fato, o feijão do quartel continha muito ferro.

6-Os banheiros do acampamento

Todo o CPOR foi convocado para uma semana de treinamento. Arrumar barracas, aulas de instrução, manobras diurnas e noturnas, tudo organizado como manda a logística militar. E os banheiros? Afinal eram 600 homens. Faltava moita para todos e, é claro, os especialistas da intendência providenciaram onde colocar os banheiros. Uma placa indicava: banheiros de oficiais e de alunos. Após uns 20 metros de caminhada pela mata, lá estavam os banheiros: o dos alunos e os dos oficiais. Todos com uns 40 x 40 cm e profundidade de 45 cm. Ao lado uma estaca para servir de suporte ao papel higiênico. Alguns até com gubi para o vivente se entreter nesta atividade solitária. Até ai tudo normal, só que, rigorosamente em frente, distante uns 10 metros estava o banheiro dos oficiais. Uns olhando para os outros, mas rigorosamente separados. Nada de misturar aluno com oficiais. Ordem e hierarquia até neste momento.

Já vendi tomate em Passo Fundo

03/11/2017



Tinha uns 15 anos, ano de 1959.

Estava na casa da minha tia Hilda, passando uns dias antes de ir para Pulador, na casa dos avós.

Passo Fundo, na época era uma típica cidade do interior. Pacata, segura, sem grandes indústrias, comércio sem grandes estabelecimentos. Armazém do seu fulano, seu beltrano, anotação das compras em cadernetas e armazenamento de gêneros alimentícios em tulhas.

Produtos embrulhados em papel.

Os produtos de origem hortifrutigranjeiros eram pouco encontrados nos armazéns, pois quase todos moravam em casas e tinham suas pequenas hortas de fundo de quintal.

Na casa da tia Hilda havia um pátio dedicado às galinhas, algumas frutas e a uma pequena horta.

Neste ano foram plantados vários pés de tomate que produziram muito bem. Muito acima da capacidade de consumo da família. O que fazer?

Deixar apodrecer no pé? Dar um pouco para as galinhas?

Disse para a tia que, se ela quisesse, poderia fazer vários sacos de um quilo de tomate, que eu sairia pela vizinhança, com uma cesta de vime, oferecendo o produto. Acho que sai, no mínimo duas vezes, e rapidamente vendi tudo. Tomate na época era escasso.

Dupla felicidade: eu por ter ajudado a tia e ela por não ver os tomates apodrecerem no pé.

João barbeiro, Marco Antônio e as navalhas Solingem

23/01/2018



Quando vim morar em Passo Fundo, em 1975, havia todo um mundo de coisas a descobrir. Entre estas um barbeiro. Na Avenida Morom descobri o Salão Nacional. Barbearia simples com duas cadeiras e um simpático barbeiro, o seu João.

João já trabalhava lá por mais de 20 anos e por suas mãos passaram as mais ilustres cabeças de Passo Fundo. Na época fazer a barba todos os dias era o hábito de muitos clientes.

Fazer a barba era um cerimonial. Primeiro a cadeira Invicta, uma obra prima, deixava o cliente numa posição reclinada que facilitava a vida do profissional João. Segundo, eram as navalhas Solingem. A primeira tirava a barba mais crescida. A segunda tirava algum resto e a terceira era milagrosa, pois tirava os pelos que ainda iriam sair no dia seguinte. Resultado, uma pele do rosto tão lisa e macia como bunda de nenê.

Detalhe, aconteceu comigo: um corte de cabelo demorava 15-20 minutos e custava "x" reais. A barba demorava o dobro do tempo e custava menos que o corte de cabelo. A barba bem feita era seu orgulho.

Meu filho Marco adorava observar o seu João trabalhando e tentava pegar uma navalha na gaveta. Ouvia do seu João: cuidado menino, é perigoso.

Certa ocasião estava cortando o cabelo e vi o Marco bem quieto perto da porta, segurando o dedo. Vi que tinha feito algo. Saindo da barbearia perguntei o que tinha acontecido e ele me disse: cortei o dedo.

Ficou quieto e não chorou, pois lhe havia dito que se fizesse algo errado que ficasse quieto e aguentasse as consequências.

João Zaffari, Plano Collor e o dinheiro.

20/05/2018



Em artigo publicado pelo jornal O Globo, Gustavo Villela, comenta:

"Sexta-feira, 16 de março de 1990, feriado bancário. Um dia após tomar posse como o primeiro presidente eleito no país de forma direta após quase 30 anos, Fernando Collor de Mello anunciou um pacote radical de medidas econômicas, incluindo o confisco dos depósitos bancários e das até então intocáveis cadernetas de poupança dos brasileiros. O plano, que poucos meses depois começou a fazer água e seria substituído pela sua segunda versão, em fevereiro de 1991, foi considerado duro demais por empresários e até pelo ex-ministro Octávio Gouvêa de Bulhões.

A população reagiu com perplexidade, especialmente às medidas de bloqueio do dinheiro. Ao fim do feriado bancário de três dias, longas filas se formaram nas agências, e os bancos não tinham dinheiro suficiente para cobrir saques dos clientes. O comércio também ficou paralisado.

O Plano Collor I determinou que os saques na caderneta ou conta corrente estavam limitados a NCZ\$ 50 mil. O restante ficaria retido por 18 meses, com correção e 6% de juros ao ano."

Já imaginou? Você vai dormir após uma semana de imensa confusão econômica e na expectativa de que um novo governo salvasse o Brasil.

Acorda e vê que o mundo em que você vive mudou.

O que você tinha guardado para uma emergência, para seu futuro, para pagar contas segunda feira, para comprar comida no mercado, para abastecer seu carro, tudo sumiu.

Calma, não sumiu, está no banco, é seu, só que você não pode tirar tudo. Só NCZ\$50 ml, quantia muito pequena. Está congelado. Só 24 meses após você poderia ir buscar seu dinheiro.

Obviamente com grande perda do valor original, apesar de correções e juro.

Na prática, sumiu.

O que fazer?

Inúmeras pessoas haviam colocado dinheiro em suas contas correntes ou aplicações, uma vez que haviam vendido seu carro, sua casa, terra, valor de colheitas vendidas.

Como pagar seus compromissos? Pânico total.

Conheci um gaiteiro, de muito pouco recurso econômico, que vendeu sua casa para gravar um disco. Colocou o dinheiro da venda da casa no banco e o dinheiro, dois dias após, ficou indisponível. Sem casa, sem disco, só o desespero.

Domingo, em meio a toda esta confusão, um grupo de pessoas estava no canteiro central da Av, Gal. Neto, em frente a catedral, obviamente discutindo o que fazer para sobreviver.

Em meio a esta confusão, passa ao lado do grupo o Sr. João Zaffari e senhora, que estavam indo assistir a missa da dez da manhã na Catedral.

Não me lembro de exatamente das palavras, mas alguém do grupo gritou: João reze por nós. Ele acenou dizendo que rezaria.

A seguir alguém disse: segunda feira o único que vai ter elevadas quantias de dinheiro vivo na mão é o João.

Porque perguntou alguém?

Simples, todo mundo tem que comprar comida e o supermercado é o caminho natural do dinheiro. Outros gastos ficam para depois.

Maçã flambada em Buenos Aires

03/05/2018



Foi na época, lá por 1.976-2.000, em que viajar para Buenos Aires era mais barato do que ir para uma praia de Santa Catarina. Avião barato, hospedagem e alimentação muito abaixo dos preços praticados no Rio Grande do Sul.

Nem imaginar viajar para o Nordeste. Longe, caro e sem os encantos de Buenos Aires. Mas lá não tem praia, dirão alguns. Tubo bem para quem gosta. Mas na capital portenha tem um mar de cultura europeia. Sem falar na gastronomia.

De 1971 a 1975 viajei quase todas as semanas para o Rio de Janeiro, a trabalho. Era uma cidade linda e relativamente tranquila. Nada parecida com a de 2018.

Viajar, hoje, para o Rio de Janeiro ou Nordeste? Nem pensar. Prefiro pegar um avião e descer no aero parque, centro de Buenos Aires. Sair do aeroporto e dar uma olhada no Rio da Prata, olhar os pescadores, os navios ao longe e comer um Pancho. Sem pressa, sem ter o perigo de ser assaltado.

Dá sim pegue um taxi e vá para um hotel que fique perto de alguma estação do Metro. Não deixe de andar na Linea A, a mais antiga e não recorde em qual Linea estão as obras de arte em azulejos, com quase 100 anos. É bom lembrar que em 2017, o Metro de Buenos Aires, comemorou 100 anos. Não, não é erro de digitação, a Linea A completou 100 anos. Enquanto isto, no Brasil, no Rio de Janeiro o transporte era em veículos com bondes elétricos na superfície, elétricos ou puxados a burro.

O primeiro metro do Brasil foi inaugurado somente em 1974, no governo militar, em São Paulo. Somente 57 anos após.

Bem basta de comparativos. A minha capital política é Brasília. Onde morei, também nos bons tempos. A minha capital sentimental é Buenos Aires. Mesmo que a cidade hoje não seja mais a de 20-30 anos atrás. Mesmo assim, mesmo sem as belezas naturais do Rio de Janeiro, para mim, é a melhor cidade da América latina.

Vamos ao caso: estava com um colega argentino, conhecedor da capital e chegou a hora de jantar. Na época "El palácio de las papas fritas" era um atrativo para os milhares de brasileiros que estavam aproveitando os preços baixos da capital portenha. Filés e batatas fritas, acompanhado de um vinho Malbec ou de uma cerveja Quilmes.

Entramos e a muito custo conseguimos uma mesa e ficamos admirando os clientes, quase todos brasileiros, alegres, barulhentos, o oposto dos discretos argentinos.

Detalhe, 90% dos homens brasileiros estavam com roupas de couro. Típico de um legítimo turista brasileiro que tinha vindo pela primeira vez a Buenos Aires.

Terminada a nossa janta pensamos: vamos nos divertir um pouco.

Chamamos o garçom (moço) e solicitamos uma sobremesa (postre) de maçã flambada ao conhaque. Cara para os padrões argentinos da época, mas barato para nós.

Passado algum tempo, uma comitiva de garçons vem para nossa mesa. O maitre (impecável, imponente) e dois garçons, empurrando um majestoso carrinho, com um enorme prato de aço inox com tampa, e uma bela garrafa de conhaque no carrinho.

Boa parte dos brasileiros do restaurante focou sua atenção naquele espetáculo gastronômico que estava dando os primeiros passos.

O maitre destampou o doce de maçã e, com gestos grandiosos, despejou o conhaque sobre as maçãs. Nesta altura o restaurante estava prestando atenção na nossa mesa e, de repente, o maitre, com um fósforo acende o álcool do conhaque, que liberou uma enorme chama e um odor de conhaque queimado.

Agora, quase todo o restaurante estava admirando aquele espetáculo, um show incendiário e gastronômico.

Nosso objetivo era admirar as dezenas de olhares dos turistas brasileiros para o espetáculo da preparação para flambar a maçã, pelo maitre e os dois garçons.

Flambada a maçã, fomos servidos com grande cerimônia. Agradecemos a atenção e tomamos mais uma taça de um bom vinho Malbec roble de Mendonza.

Eu e meu amigo, Miguel Angel Peretti, um legítimo argentino, não estávamos interessados em comer a maçã, que após o fogaréu da flambagem foi devorada sob os olhares de dezenas de pessoas e que estava excelente.

Comemos, pagamos a conta e fomos para a rua nos divertir com o espetáculo que havíamos preparado.

Merluza negra e a chepa

16/02/2018



Adoro a Argentina. Mendoza e seus vinhos, Buenos Aires sem comentários, a Patagônia como um todo, com destaque para El Calafate, com a geleira de Perito Moreno e para Ushuaia, a cidade do fim do mundo.

Bela Patagônia. Paisagens indescritíveis, segurança, excelente gastronomia, educação, preços civilizados.

No caminho do glacial Perito Moreno, deixe-se explorar no catamaram tomando um uísque vagabundo, a preço de bebida de 12 anos, mas com um detalhe: o gelo é "pescado" perto da geleira e certamente estarás tomando uma bebida com gelo de 3.000, 5.000 anos ou mais. Aproveite, pague e desfrute. Não adianta se arrepender depois.

Em Ushuaia, as melhores opções são um belo cordeiro patagônico, acompanhado de vinho patagônico ou cerveja Weiss patagônica. Os turistas adoram comer uma centóia (cetolla) que é retirada na hora de um aquário. Este grande caranguejo tem pouca "carne", custa caro, mas é excelente para foto de recordação de viagem.

A melhor pedida é uma posta de merluza negra, carne muito branca e muito cara. Não se encontra em todos os lugares, até na Argentina.

Este peixe só é encontrado naquela região, em águas profundas e muito frias. Grande parte da produção é exportada.

Num jantar em Buenos Aires, o proprietário do restaurante, muito simpático, começou a conversar sobre os pratos do seu restaurante e perguntamos sobre a merluza negra.

Ele contou que é comum os garçons comerem comidas que as pessoas praticamente não tocam. Esta comida chama-se "chepa".

Dizia que não era, obviamente, seu hábito, mas que em uma ocasião caiu em tentação. Um turista havia pedido uma merluza negra, uma linda posta do peixe e

não comeu nada. Disse o cidadão: não resisti, seria um crime deixar aquela preciosidade ir para o lixo (ou quem sabe para os garçons). Comi como se fosse um jantar dos deuses.

Confesso: se fosse eu teria feito o mesmo.

Meu namorado atual

17/11/2017



O que é a vida? No fundo, no fundo é uma sucessão de ilusões e desilusões. De toda a ordem. Financeiras, profissionais, culturais, saúde, e, a pior de todas, as amorosas.

Um dia você pode estar muito bem e no dia seguinte, pode entrar numa desilusão. Pior, pode entrar numa depressão. Se juntar causa financeira com amor perdido, meu amigo, minha amiga, a coisa fica feia. Foi-se o ser humano racional e dá lugar ao ser humano emocional, quando não irracional. É como andar numa montanha russa, a alta velocidade, numa sucessão de subidas e descidas. Não dá tempo para raciocinar. Você só quer sair daquela situação e conseguir um pouco de paz.

Esta história aconteceu com um amigo, que já namorando uma bela loira, resolveram fazer uma viagem romântica para Buenos Aires. Os dois separados, a caminho de novos horizontes de vida, lá se foram para a capital portenha.

Para começar com pé direito, fizeram como os portenhos: atravessaram a rua na saída do aeroporto, no caso o aero parque, e foram comer um "Pancho", numa das inúmeras tendas de comidas, tendo por vista o Rio da Prata.

Agora é pegar um taxi. O que estava na frente era um taxi meio velho e ao embarcarem o motorista disse, em tom de voz imperativo: "para sua segurança não baixem o pino de segurança da porta". Achando que havia entendido mal, imediatamente baixou o pino. Pra que! O homem, furioso, disse que havia falado para não baixar o pino. Pegou uma ferramenta do porta mala e destrancou a porta. Vou eu lá saber que a porta estava com defeito, disse meu amigo.

Bem alojados num hotel de três ou quatro estrelas, começaram a curtir a vida. Pontos turísticos, almoços, jantares, confeitarias, teatros, shows de tango, sorvetes, feira de San Telmo, caminhadas nas ruas centrais, shopping...Enfim, um pacote turístico completo.

Para diversificar, resolveram pegar um trem de ir até o Rio Tigre. No caminho desceram para caminhar numa feira de antiguidades, numa das estações da linha de trem. Linda.

Chegando ao Rio Tigre, resolveram fazer um passeio de barco, imaginando que fosse um longo passeio. Não era. Mas, tudo bem, turismo é isto mesmo. Ilusão e desilusão.

Mas, o pior ainda estava por vir.

O casal, cheio de romantismo, encontra a bordo, outro casal de brasileiros. Era uma época em que tinha mais brasileiros em Buenos Aires do que argentinos...

As mulheres se olharam, trocaram abraços e beijinhos, fizeram um resumo executivo das suas vidas nos últimos anos e, repente, a namorada do amigo lembrou-se que ele também estava ali e o apresentou ao casal, sem citar o nome, disse, "este é meu atual namorado".

O pobre coitado ficou sem ar, ATUALLLLL???? De uma série de QUANTOS??? Ele que a considerava quase uma freira de pureza mundana, ficou com uma cara de quem tomou um choque. Pensamentos românticos despedaçados, SUMIU MEU CHÃO, disse ele.

Por pouco não se atirou no rio.

Passados longos e intermináveis dois minutos vieram as explicações: perdão amor, com "atual" eu quis dizer que estamos namorando, és o amor da minha vida, meu anjo.

Hoje acho que meu amigo passou de "atual" para "efetivo" ou quem sabe "definitivo".

Um choque de amor sempre faz bem para o coração. Na volta ele teve que colocar um "stent".

Disseram-me que, em novembro de 2017, estão planejando mais uma volta. Pelas dúvidas, sem o passeio pelo Rio Tigre. Por precaução, evitarão falar com brasileiros no metro de Buenos Aires. Principalmente na beira da plataforma. Sabe lá, se não acontecerão outras revelações.

Meu nariz e as dermatologistas

01/04/2017



Vou contar umas histórias baseadas em fatos reais, vividos por mim.

Calma: antes de entrar nos acontecimentos reais, um pouco de aquecimento.

Nascemos, crescemos, morremos.

Começamos no encontro do óvulo e do espermatozoide, com bilhões de células freneticamente se desenvolvendo, e, para proteger esta máquina maravilhosa do corpo humano, com uma cobertura fantástica chamada pele.

É nessa pele que se instalam as brotoejas, espinhas, manchas, berrugas, ...

Bem a vida é altamente complexa, com coisas boas, regulares e não tão agradáveis.

Vou me concentrar em alguns fatos não tão agradáveis fisicamente.

Esta história tem por base fatos reais, em que os personagens receberam nomes fictícios.

Creio que foi no ano de 2000, quando fui num encontro técnico sobre agricultura na Costa Rica. Como estava perto dos Estados Unidos pensei em, na volta, passar alguns dias em Miami.

Olhando melhor o mapa pensei? Porque não Cuba? Decisão: vou a Cuba, para Havana.

Problema: como conhecer a Cuba real? Seu povo, suas conquistas, seus problemas econômicos, a falta de liberdade, o dia a dia de uma típica família cubana.

Para encurtar a história: consegui um quarto na casa de uma advogada por quatro dias, graças a informação de um técnico brasileiro que lá havia estado. Se for

contar todas as histórias vividas neste curto período, daria para escrever um livro sobre este país.

Bem, o que esta viagem tem a ver com dermatologistas? Inicialmente nada. Ao regressar ao Brasil, tem tudo.

Por vários anos convivi com uma rosácea no rosto. Vivíamos bem. Até tínhamos certa intimidade.

Quando iniciei a viagem para a Costa Rica já tinha um pouco desta rosácea. Ela havia me abandonado por vários anos. Mas, como nos casos de lembranças antigas, de vez em quando ela volta e fica ali, bem quietinha.

Não é que a danada começou a manifestar fortemente sua presença quando estava em Havana. Razão? Calor, umidade, falta de higiene?

Solução durante a viagem: espremer as espinhas (pústulas?). Doía, mas aliviava.

Chegando ao Brasil, procurei socorro em dermatologistas.

Encontrei uma profissional bem recomendada e marquei consulta. Lá fui eu, de cara vermelha, um narigão inchado, a espera de um medicamento milagroso.

Esta "senhora" me disse: milagre não existe, mas vou aliviar a tua dor. Vamos lá? Por favor, pode iniciar, disse corajosamente.

Sabe aquela história de irmã espremendo espinhas do irmão adolescente? De se deliciar tirando cravos do nariz dos irmãos? Será esta uma aptidão feminina? Não será essa a raiz de haver a predominância feminina na profissão de dermatologista? Freud explica? O que dizem as psicólogas?

Voltemos ao meu nariz. Quem disse que mão de mulher é delicada? Só se ela quiser. Mas, deixe-a colocar as unhas no teu nariz e estourar uma espinha com uma força capaz de entortar trilho de trem. Aguenta. Nariz de macho é nariz de macho. Tanto para receber carinho da prenda amada, como para entrega-lo para uma profissional da área dermatológica.

A "senhora" deu início ao seu trabalho para me aliviar a dor. E aí foi uma sucessão de estouros de pústulas. No início aguentei. Depois de três ou quatro, o espírito machão foi embora e se entregou à dor do corpo. Rolaram lágrimas. E a "senhora" continuava seu trabalho, insensível as lágrimas do cliente. Só dizia: mais um pouco, mais um pouco. Não posso afirmar com certeza, mas acho que a cada pústula estourada abria um brilho nos seus olhos. Afinal, não é todo o dia que aparece um lindo narigão cheio de pústulas de rosáceas. A cada pústula despertava as lembranças dos treinos no irmão ou namorado. Era como se tivesse ganhado a mega sena.

Justiça seja feita. Terminada a sessão de tortura dermato-nasal, a dor havia praticamente sumido. Ficou um narigão inchado e foi-se a virgindade lacrimal de um gaúcho.

Não me recordo se a rosácea permaneceu por muito tempo e acho que ela me receitou algum tipo de pomada.

Bem. Enfim a rosácea, com o tempo, foi embora e eu e o meu lindo nariz vivemos felizes por um bom tempo. Mas, a felicidade não dura para sempre.

Não é que esta florzinha, a tal de rosácea voltou. Bem, como não está incomodando muito pensei, vamos conviver com ela.

Acontece que, me olhando no espelho e admirando no rosto o meu jardim de rosácea, achei que deveria retirar algumas manchas da pele que não estavam me agradando.

Pensei: vou procurar uma profissional que deteste nariz com rosácea. Não tenho, mas se ela gostar, ainda vai achar. Meu negócio desta vez é mancha na pele. Afinal, uma mancha inocente é algo fácil de tirar.

Conversa aqui, conversa ali e me indicaram uma profissional.

Consulta marcada, ano de 2016, lá fui eu, como sempre acreditando que esta profissional, a quem chamarei de "moça", cuja fama era de mais competente que benzedeira antiga. Dizem os antigos que benzedeira boa, olhava, benzia e a verruga caía. Rápido e indolor.

Chego ao endereço. Várias pessoas auxiliares, consultório lotado. Não sei se fico satisfeito pela organização ou se fico temeroso de em vez de uma, duas pessoas passem a procurar algo no meu nariz.

Consulta em andamento. Explico que quero dar um jeito em algumas manchas e verrugas. Nada no meu nariz.

Chega o meu horário e já meio ressabiado sento e começa uma amável entrevista.

Olha daqui e olha dali, lupa percorrendo meu rosto e aproveito para mostrar verrugas e manchas no peito e costas, confortavelmente deitado numa cama do ambulatório.

Volto à cadeira do consultório e tem início a conversa do que foi visto e sobre o que eu queria fazer. Perguntado como andava meu tempo, disse que estava disponível para quando a "moça" tivesse tempo. Queres fazer agora? Podemos fazer uma limpeza geral, uma faxina.

Dado o adiantado da hora, marcamos para outro dia às 9,00 horas. Na hora prevista uma "guria" solicitou que tirasse a camisa e começou a me cobrir com um creme anestésico. Achei que era muito, mas pensei que era assim mesmo. Não sabia o que me esperava. Desta vez meu nariz está fora deste procedimento, mas o rosto, peito e costas não. Mas, pensei, é coisa rápida e indolor. Afinal para um macho de Passo Fundo, comedor de churrasco e ouvinte de música nativa, tudo seria fácil. Rápido e indolor.

Confortavelmente deitado na cama do ambulatório, enquanto a "moça" não chegava, a "guria" se esmerava em amontoar algodão, gaze, esparadrapos, pomadas, tesouras, bisturi, líquidos de várias cores e cheiros. Isto o que eu consegui ver. Pensei: deve estar fazendo alguma arrumação do estoque. Para mim bastam umas duas buchas de algodão e um pouco de álcool 95°, destes de embalagem de supermercado. Não pude deixar de notar, pelo canto do olho, certo olhar de satisfação profissional. Lendo os pensamentos da "guria" fiz a seguinte leitura: este aí vai receber um pacote completo.

Bem, chega a "moça" devidamente paramentada como se fosse para uma cirurgia complexa de 10 horas. Comecei a levar medo. Mas, fazer o que? Estou ali deitado, indefeso, e não vou demonstrar fraqueza. Encho o peito de ar e, cheio de coragem, digo: pode começar dona.

Sabe o bom profissional quando olha um panorama como o meu, se realiza. Naquele momento inicial, passam a conviver o espírito da menina que exprimia cravos e fazia explodir as espinhas dos irmãos e namorados, com a do profissional acostumado com estes procedimentos de eliminação de verrugas, manchas, quistos sebáceos, ...

Depois de quase uma hora de raspagens, comecei a desconfiar que a coisa não fosse tão simples. Parecia que a "moça" e a "guria" estavam numa espécie de transe espiritual, em que pouco falavam entre si, numa espécie de comunicação sem fio, mental. De vez em quando lançavam palavras de incentivo, tais como: vai ficar com uma pele maravilhosa, és um bom paciente. Ao final de duas horas ainda faltavam muitas partes a serem "limpas". Confesso que desisti de pedir para ver algumas verrugas perto da virilha. Já pensou se aquela dupla se entusiasma e vai tirando tudo até chegar à unha do dedão?

Finda a faxina a "guria" me dá um espelho para contemplar o rastro dos procedimentos. Frankenstein teria ficado com inveja. Era sangue para todo lado. Na cabeça, rosto, tórax, costas. Para disfarçar a "guria" me cobriu com uns cinco metros gaze e esparadrapo com a recomendação de tira-los a noite.

Bem esta foi à parte light deste meu encontro com a "moça" e a "guria".

Sabe a história do nariz? Pois não é que tinha uma tal de seratose e que para tira-la seria necessária uma anestesia local.

Sabe aquela história de não há nada tão mal que não possa piorar?

Como numa refeição, as duas já haviam passado a fase do antepasto e agora vinha o prato principal. O meu nariz. A "moça" e a "guria" se entreolharam e, juro, vi expressões de realização profissional, mesclada com algo que se assemelhava a uma salivação antevendo esta rara oportunidade de uma intervenção nasal. Deixaram para o fim.

Como numa ópera, este seria o "gran finale" cirúrgico.

Não que o meu nariz seja uma obra prima. Mas é meu e é sensível.

Preparei-me espiritualmente para uma breve intervenção.

De repente, vejo que a "guria", silenciosamente estava alcançando para a "moça" uma enorme, monstruosa seringa com uma agulha de, somente ao olhar, fazer desmaiar um mortal sem muita coragem. O que poderia fazer? Sair correndo porta afora, todo ensanguentado e com as duas mãos cobrindo meu pobre nariz?

Gaúcho que é macho aguenta. Como palavra de consolo a "moça" dizia: não vai doer nada, é rapidinho. A "guria" concordou. E a "moça", sem dó nem piedade, enfiou aquela monstruosa agulha na ponta do meu nariz. Juro que senti que atravessou todo o nariz, atravessou a arcada dentária e saiu pelo pescoço. Ao final do procedimento acho que vi um pequeno furo no travesseiro. Vai saber....

Suei frio e acho que perdi uns 100 ml de suor. Isto a cada penetração da agulha.

Ufa, terminou. Que terminou nada. De repente vi o brilho daquela agulha e a dor de uma segunda anestesia. Acho que foram umas três ou quatro. Meu cérebro havia desmaiado. Deixei meu corpo inerte entregue a elas e me teletransportei para outra dimensão, acho que para o útero da minha mãe, a salvo do mundo exterior.

Anestesia pronta, a "moça" começou a cavar um buraco no meu querido nariz. Um túnel de fazer inveja ao do Canal da Mancha.

Comentário final: pela segunda vez na vida chorei ante duas mulheres. De dor e de felicidade por terem me dito que estava tudo concluído.

Lembram-se da história de enterros de pessoas ricas em Pelotas? As famílias contratavam as chamadas "carpideiras" especialistas em choro, que variava conforme o valor e tempo combinado. Enterros com a presença destas profissionais davam status ao falecido e à sua família.

Só faltaram as "carpideiras" para acompanhar meu corpo se despedindo do orgulho do macho gaúcho que, historicamente, diz que não chora.

Concluindo: nestes dois casos pessoais de contatos com profissionais da área de dermatologia fica o agradecimento pelos serviços profissionais e suas equipes, pela amizade e pelo contato humano em que, num momento delicado, mostramos a nossa fortaleza e o nosso lado humano, que nos permitiu chorar.

Ah: já ia me esquecendo, a pele do meu rosto está tão bonita quanto a da bunda de nenê novo.

Meu nariz? Está bonito e tão cedo ninguém bota a mão nele. Só a mulher amada, com direito a beijinhos e a pequenos toques com o seu nariz.

Meu tataravô não era nobre austríaco

29/05/2018



Há já alguns anos despertou nos descendentes de emigrantes a vontade de descobrir de onde vieram, o que faziam nos seus países de origem.

Esta é a história de um casal, Adamo e Lucia Tomasini, com duas filhas e dois filhos.

Como a grande maioria dos emigrantes que saíram da Europa, eram pessoas que não viam nenhum futuro, para si e para seus filhos, em permanecer na terra que habitavam, quem sabe, há centenas de anos.

Pouca terra, submetidos às ordens dos senhores da terra, pouca comida, fome e doença.

A maioria das refeições semanais era feita praticamente a base de farinha de milho cozida ou torrada (polenta), chucrute.

Solução: emigrar para o Brasil, para a América. Muito sacrifício, mas muita esperança de uma vida melhor.

Alguns simplesmente vendiam o que podiam e compravam uma passagem de navio para dar início a nova vida.

Na época, o Tirol, região destes emigrantes, pertencia a Áustria, e seus habitantes politicamente tinham nacionalidade austríaca (a língua predominante era alemã, italiana e ladina) e podiam ser convocados pelo Exército Austríaco. Para estes, diante da falta de um futuro para a família, só restava a alternativa: desertar, correndo o risco de serem presos por esta atitude.

Um dos filhos de Adamo, Biaggio, que era soldado, tinha por função lavar os cavalos dos nobres para que estes pudessem passear com suas namoradas.

Dizia que, no fim do dia, ele fedia mais que os cavalos. Sua namorada, Dorothea Loss, era enfermeira em um hospital do Exército Austríaco e também não via futuro nesta atividade.

Conclusão: como toda a família tinha resolvido emigrar, ambos desertaram, e já com as passagens do navio, ficaram escondidos num monte de feno, até a hora de o navio sair. Embarcaram em 1856. Casaram logo após sua chegada ao Brasil.

Enfim, a liberdade. América. Brasil.

Vida nova, mas antes muito trabalho, mas muito trabalho mesmo.

Desmatar, construir casa rústica, plantar, caçar. Sobreviver.

Ela, Dorothea, após a vida estabilizar, como enfermeira de um dos exércitos mais cultos da Europa, virou doutora sem diploma na área das colônias de terra vizinhas, realizando centenas de partos e outros atendimentos médicos, como de fratura de ossos, comum na arma da cavalaria.

Embora, hoje, sejam denominados de italianos, eram imigrantes de nacionalidade austríaca. Só após 1918 o Tirol, na parte sul, passou a ser geograficamente e politicamente, parte da então nascente nação italiana.

De agricultores pobres sem futuro no Tirol, na Áustria, passaram a serem reis no Brasil. Donos do seu futuro. Aqui se tornaram nobres.

Minhas aventuras aéreas

02/10/2017



1-Vasp, só mais um susto.

Notícia do Estado de São Paulo, 04/10/1973.

"Por muita sorte não se registrou na madrugada de domingo, um acidente de grandes proporções com o Boeing 737 da VASP que, ao manobrar para pousar no aeroporto da capital (Brasília), tocou de leve no cerrado a dois quilômetros da cabeceira da pista, nas proximidades do equipamento de VOS...."O prefixo era PP-SMF.

Estava neste voo. Muitos dos que estavam, sem o cinto, com o forte impacto no solo, saíram das cadeiras e as máscaras de oxigênio, caíram. O avião arremeteu e o pânico se instalou. Ninguém sabia nada, só se sabia que não havia sido pouca coisa, pela enorme pancada ao tocar o solo.

Será que o trem de pouso quebrou? Vamos poder aterrissar normalmente?

O avião começou a descrever círculos e mais círculos, até que avisaram que faríamos um pouso de emergência. Todos deveriam assumir a postura de emergência descrita no cartão de sua poltrona.

Lembro-me de ter tirado as canetas do bolso da camisa, e, no momento em que o avião ia tocar no solo, minha vida passou na minha memória em segundos.

Descemos com os bombeiros posicionados ao longo da pista.

O avião ficou semanas sem voar, fazendo uma revisão dos possíveis danos. Meses após, ao decolar no Galeão, uma das turbinas deste mesmo avião deu pane e quase ocorreu outro desastre.

2-O voo da esquadrilha no Mato Grosso

Depois de sair de Brasília num Lear Jet, pousamos na Fazenda Itamaraty do Rei da Soja, Olacyr de Moraes. De lá decolaram cerca de oito aviões, mono e bimotores para visitar algumas fazendas, onde estavam sendo implantados projetos agropecuários. Ao descer numa delas, o pouso foi feito com dificuldade, devido a pista de terra estar muito molhada. Ao decolar, os pilotos disseram que não havia segurança, pois as rodas estavam atolando e facilmente ocorreriam acidentes.

Como sair? Solução: chamar outros aviões para descer numa estrada próxima. Tem que ter braço para pousar e decolar naquela situação. As pontas das asas quase tocavam nas árvores.

3-Porto nacional

Estávamos num voo em um Cessa bimotor, saindo de Brasília para o Pará. A viagem previa um pouso em Porto Nacional para reabastecer. Numa época em que não havia GPS, o que funcionava para direcionar o avião era a bússola e o rádio farol de algumas cidades, como o de Porto Nacional. Quase chegando, some o sinal da rádio, pegando de surpresa o piloto. Este sem perder a calma, disse: se alguém tem um terço pode começar a rezar porque só temos uma hora de combustível, o que, na Amazônia significa nada, considerando as grandes distâncias.

Calmo, começa a dar voltas e em meio as nuvens decide baixar cada vez mais. De repente, abre-se um claro e, milagre, bem abaixo está a cidade. Este piloto, com grande experiência, era possuidor de uma intuição formidável. Salvou a vida de todos.

4- O pouso da Ilha de Marajó

Estávamos voando há dias num cessa bimotor na Amazônia e fomos até a Ilha de Marajó. Lindas paisagens. O piloto era bom. Mas ao pousar pegou um vento de ré que quase capotou o avião. Faltou pouco para que o avião capotasse.

Minhas aventuras com Flash Gordon em 1960

15/01/2018



O meu pai sempre ia para Ilópolis, terra de seus pais.

A casa do avô João era enorme. Porão de pedra com pipas de vinho, parte térrea e um sótão. Típica casa de família italiana, com mais de dez pessoas.

Eu pouco ia para lá, e o quarto de dormir era na parte de cima da casa, na parte da frente. O colchão era de palha, coisa da época. Pinico embaixo da cama.

Recordo-me que, não sei de onde apareceu um magnífico livro das aventuras de Flash Gordon, colorido. Na época era mais avançado do que Jornada nas Estrelas. Não sei quem comprou, uma vez que não fazia parte da cultura italiana um livro sobre viagens para a Lua, para o planeta Moom.

Mesmo morando em Porto Alegre, nunca tinha visto livro igual.

Não sei que fim levou. Mas me marcou para sempre as lindas histórias deste herói da época.

A vida continuou e este livro caiu no esquecimento.

Em 2017, na Livraria Delta, em Passo Fundo, surpresa. Encontrei uma magnífica publicação sobre este herói. Comprei imediatamente

A luz do conhecimento científico atual, as proezas deste herói, são inadmissíveis. O que na época levava um jovem a sonhar com os mistérios do espaço, da vida

extraterrestre. Hoje é somente para recordar uma fase da vida que foi e que deu alegrias.

Foi-se o sonho daquela época e abriram-se novos sonhos para novas épocas.

Esta é a vida, uma sucessão de sonhos.

O importante é sonhar, sonhar é viver.

Ministro da Justiça Paulo Brossard - quando melhorar me avise que quero trabalhar lá

11/06/2018



"Democracia neste país é relativa, mas corrupção é absoluta".

Paulo Brossard, ministro da Justiça do Brasil, em 1986.

Certas pessoas são inesquecíveis. Algumas por serem poderosas e temidas. Outras por serem poderosas e serem naturalmente líderes natos.

Outro tipo é aquele que, respeitada na vida pessoal e profissional, é levada a ocupar cargo público da mais alta relevância, como de Ministro da Justiça.

O senhor Paulo Brossard-1924-2015, político equilibrado, pensador e respeitado advogado, aceitou o desafio de ser Ministro da Justiça, em 1986.

Esta história deve ter acontecido em 1987, por ocasião de uma visita do Ministro na unidade da EMBRAPA em Vacaria.

Dia frio e após uma rápida caminhada pela unidade e entre os pés de maçã, todos foram até uma linda macieira, carregada com apetitosas frutas, geladas pela fria noite e foram avisados que poderíamos comer a vontade, com a casca, pois não tinha produtos químicos.

A seguir foi formada uma fila e cada um disse sua origem e eu me apresentei como pesquisador da EMBRAPA-Trigo

Dois anos após, por ocasião de uma visita ao centro de pesquisa da FECOTRIGO, em Cruz Alta, eu estava na fila de cumprimentos, quando me apresentei ao Ministro como pesquisador da Embrapa-Trigo. Esta conexão funcional deve ter-lhe lembrado do evento anterior. Com sua mão esquerda segurando seu inseparável chapéu estilo Panamá, segurou minha mão e perguntou, com voz pausada: "como vai a EMBRAPA"? Enquanto procurava uma resposta para a pergunta, que eu não esperava, continuava segurando minha mão e a fila de cumprimentos continuava parada. Finalmente eu disse:" vamos indo, porém com problemas". Ainda sem

soltar minha mão, me olhou bem e disse, com voz pausada e firme: "quando os problemas terminarem me avise que quero trabalhar lá". Só então soltou minha mão e continuou a cumprimentar os presentes na longa fila.

Lembro-me, como se fosse hoje, a grande e inestimável lição que não o Ministro, mas o pensador Paulo Brossard acabara de me transmitir. Os problemas sempre existirão porque fazem parte da vida.

Se tínhamos problemas na Embrapa-Trigo, imaginem os milhares de problemas que chegam a um homem com o cargo de Ministro da Justiça deste imenso país.

Obrigado Senhor Paulo Brossard pela lição de vida, que sempre tento passar para os mais inexperientes na vida.

Não Me Toque, desfile de Sete de Setembro e a bandeira alemã.

29/05/2018



Tinha 16 anos. Estava de férias em Passo Fundo na casa de uma tia, e aproveitei para ir à Não Me Toque visitar um tio.

Chegando à rodoviária, que naquela época era uma parada em frente a um bar-armazém, desci e me senti totalmente desorientado. Só ouvia línguas que não entendia que eram o alemão e holandês. Nunca as tinha ouvido antes.

De repente chega meu tio e fala português. Que lindo som.

Passei alguns dias magníficos, na pequena e simpática comunidade.

Na época, cidade pequena, havia uma nítida divisão entre a igreja luterana e a católica. Num lado da praça estava a igreja católica e no lado oposto a luterana. No cemitério, de um lado do caminho central estavam as sepulturas dos luteranos e do outro a dos católicos.

No dia a dia estas diferenças acabavam e a comunidade era muito unida. Lembro-me de, num domingo, acho que em frente a igreja luterana, alguns fiéis, provavelmente em alguma data festiva, vinham com carroças e charretes enfeitadas de flores. Lindo.

Contam que, ao menos numa ocasião, (antes da segunda guerra mundial), abrindo o desfile de Sete de Setembro, vinha a bandeira da Alemanha com um grupamento cantando o hino alemão. Na época, iniciava com Deutschland, Deutschland Uber alles, Über alles in der Welt,(Alemanha, Alemanha acima de

tudo, Acima de tudo no mundo).Em 1952, esta parte foi suprimida porque lembrava um passado que a nova Alemanha queria esquecer.

Após vinha o grupamento com a bandeira brasileira. Pode, numa primeira análise, parecer estranho, uma falta de patriotismo. Mas deve ser visto como uma oportunidade de demonstrar publicamente seu amor à pátria. Mas, qual pátria, Alemanha ou Brasil?

A ambas.

É extremamente difícil você apagar da sua cultura, da sua memória, as suas origens étnicas. Tanto isto é verdade, que hoje muitos tentam obter a cidadania alemã ou italiana. Por questões econômicas, mas a maioria por questões culturais. Logo é fácil imaginar como, naquela época, eram fortes os laços culturais ligados a terra de origem destes imigrantes e seus descendentes.

Hoje, ano de 2018, as novas gerações talvez nunca tenham ouvido falar destas histórias. Provavelmente por terem acontecido há uns 80-90 anos. Coisas dos avós. Hoje a grande maioria dos conhecedores destas histórias está lá no cemitério. Talvez estejam escritas em livros de algum autor local.Fazem parte da história.

O banco na colônia

23/01/2018



A história mostra que sempre existiram grupos de dispunham de mais recursos que outros. Resumindo, sempre existiram ricos e pobres em relação a bens materiais.

Na área de colonização italiana, passada a fase inicial da colonização, em que sobreviver já era uma vitória, o progresso possibilitou o desenvolvimento de pequenas comunidades, com indústrias da época e comércio.

Produção que gera vendas, que gera comércio, que gera dinheiro.

Dinheiro na comunidade, no povoado e no bolso dos pequenos agricultores que moram no interior.

O que fazer com o "excedente monetário", com o "soldi"?

Deixar embaixo do colchão? Dentro de uma lata?

Como guardar este dinheiro com segurança? Viajar quilômetros e quilômetros até uma cidade que tivesse um banco comercial? Boa saída, mas que exigia tempo de viagem e implicava no risco de ser assaltado.

Acontece que um comerciante forte havia comprado um cofre de ferro reforçado, muito pesado e difícil de roubar. A notícia logo se espalhou e as pessoas, inclusive pequenos colonos, iam até o dono do cofre e perguntavam: quanto teria que "pagar" para deixar seu dinheiro depositado no cofre? Combinado preço, iriam para casa dormir tranquilos, seguros que o dinheiro duramente conquistado estava bem guardado.

O banheiro nos ônibus

09/02/2018



Hoje temos ônibus modernos com banheiro a bordo. Os projetistas colocaram lá no fundo do ônibus. Não sei se para aproveitar espaço ou se para colocar o mau cheiro do banheiro longe das poltronas da frente.

Bem, não há como negar. É um conforto a bordo.

Nos ônibus antigos não existia esta facilidade. Se a coisa apertava mesmo, sempre havia a possibilidade de pedir para o motorista encostar à beira da estrada, de preferência perto de alguma árvore. Tira o pinto, abre as pernas e pronto.

Detalhe: isto para os homens. E as mulheres, que também fazem chichi? Fica mais difícil e todo mundo vai ver a pobre coitada descer do ônibus, correr para alguma moita, agachar e se aliviar. Tanto para o número um como para o número dois.

Bem nos ônibus modernos temos banheiro a bordo, tudo está resolvido. Será?

Esta aconteceu comigo: estava viajando para o interior da Argentina, num ônibus de dois andares e não aguentei ficar brigando com o número um e me dirigi ao banheiro. Primeiro, era um banheiro com o assento para pessoas com 1,85 m de altura. Tinha que colocar uma escadinha para o vivente poder sentar naquela tampa do vaso sanitário.

Até aí, tudo bem, um pouco de força e o desesperado passageiro se acomoda e alivia.

Mas naquele ônibus não era bem assim, o motorista deveria ter incorporado um espírito de Juan Manuel Fangio, o mestre dos mestres das carreteras de corrida na Argentina e campeão mundial. Um ídolo dos motoristas argentinos. Toda a força a frente e as curvas feitas no limite da aderência. Era mais um ônibus de corrida do que para transportar passageiros.

Acrescente-se uma estrada cheia de curvas e buracos. Mesmo que o coitado, no caso eu, pudesse sentar na tampa do vaso sanitário, ou da patente, como queiram, o difícil era ficar de pé ou sentado. Só com cinto de segurança de três pontos.

Quando começava a me aliviar, parecia um rali de velocidade: obstáculo a frente, curva fechada a esquerda, rampa de 100 m metros, descida forte a 50 metros e curva de 90° a direita. Quando o organismo parecia se acalmar e aliviar, um buraco e um pulo de 10 centímetros. Resultado: imagine o leitor e exagere um pouco.

Ao final, desisti de me aliviar e lembrei-me dos conselhos que as mães dão para os filhos; não beba muita água a noite porque vai fazer chichi na cama. Sábios conselhos de mãe.

Na próxima viagem com aquele motorista acho que prefiro usar fralda geriátrica e não me estressar.

O cachorro perdigueiro se mandou

02/2018



Caçador Filho e Caçador Pai

Não faz muito tempo que nossos campos eram cobertos de capim denominado "barba de bode" e gramíneas de porte baixo.

Os habitantes destas áreas eram bovinos criados com tecnologia muito baixa, a ponto dos seus proprietários serem denominados de "gigolos de vacas".

Um pouco de ovelhas, mais para o gasto das propriedades. Em alguns locais podiam-se avistar algumas emas. Mas, o que havia em abundancia eram perdizes e um pouco menos, perdigões.

Caçar perdizes era uma atividade normal. Não havia restrição à caça e o trânsito de armas dos caçadores, normalmente espingardas de cano duplo, também não tinha restrição.

Meu pai contava que de Passo Fundo à Carazinho, pela antiga estrada que passa por São Miguel, sempre, da janela do carro, matava, com uma garrucha de cano duplo, várias perdizes na beira da estrada. Só tinha o trabalho de sair do carro e ajunta-las. Sobrava para minha mãe limpa-las.

Difícil era a casa que não tivesse uma espingarda e vários caçadores tinham fama de não errar um tiro. Algumas conversas de café contavam até casos de caçadores que, com um tiro, matavam mais de uma perdiz. Diziam que era para poupar munição. Coisa de caçador. Depois era só preparar a polenta.

Esta história, verídica, é de um cidadão trabalhador, pacato e que um dia resolveu que também ia dar uns tiros, caçar na sua propriedade.

Surpresa geral, o homem só sabia negociar na firma e plantar soja.

Bem resolução tomada, foi adquirir o material necessário.

Um bom par de botas, uma guaiaca com pendurico para colocar as perdizes caçadas, um bom chapéu, uma boa espingarda de cano duplo, munição de primeira qualidade, Pronto.???

Não estava faltando o cachorro para "amarrar" as perdizes.

Cachorro de caçador tem algo especial, podendo custar mais que a espingarda. Tem que ter um bom faro, ser amigo do dono. Enfim, um profissional canino.

Procura, procura e acabou comprando, por uma bela quantia, um legítimo cachorro "perdigueiro".

Tudo pronto para a primeira grande caçada. Coloca tudo na carroceria de uma Ford F100, nova em folha, e partiu para a grande aventura.

Desce no campo, numa área muito frequentada pelas pobres perdizes e o nosso caçador estreante se veste com toda a roupa própria para a ocasião. Nem lembrava o homem acostumado com o escritório da firma.

Desce o cachorro da carroceria da F100, prende-o na coleira e saem campo afora.

Maravilha, liberdade, aventura.

De repente, o nosso profissional canino, levanta o rabo e fica com uma das patas dianteiras semi-levantada, focinho bem espichado olhando alguma coisa a frente. O faro aguçado do cachorro especializado em caça de perdiz detectou uma perdiz.

O caçador solta o cachorro da coleira e incentiva-o para encontrar a perdiz, forçando-a a voar e assim permitir que o brilhante caçador novato possa dar um certo tiro e abate-la.

BANG, BANG, dois tiros sucessivos por segurança.

Aí vem o engraçado da história. O cachorro assustado com os tiros começou a correr, a correr, e sumiu. O pobre caçador chamava e chamava o cão perdigueiro, que mostrou não ser um bom profissional.

Conclusão: desistiu de achar o cachorro com sensibilidade auditiva e voltou para a firma.

Todo o mundo queria ver o produto da caça do chefe, as perdizes: nenhuma.

Até aí tudo bem, foi um dia sem sorte.

Demorou, mas a pergunta veio: onde está o cachorro? Resposta: se mandou. No dia seguinte era o assunto mais comentado na firma e na cidade.

Nunca mais o frustrado caçador saiu para caçar.

Que fim levou o cachorro? Dizem que está correndo até hoje.

A sensibilidade do caixeiro viajante



Os anos passam e os relacionamentos humanos, comerciais, religiosos, mudam.

Dentre estas mudanças, há uma profissão que ainda persiste, embora sem o esplendor de outros tempos. A de caixeiro viajante.

Na área colonial era comum o então denominado "mascate", com suas mercadorias em lombo de burro ou cavalo. Numa época de vida simples, a maioria das demandas dos potenciais compradores cabia no lombo de um animal ou de uma carroça. Era um negócio de porta a porta, sem intermediários. Esgotada a mercadoria, na próxima viagem o pedido era providenciado.

Lembro-me que, em 1971, durante uma pesquisa do meu curso de mestrado no IEPE/UFRGS, o entrevistado recebeu um vendedor de tecidos, em que a mercadoria não era entregue no ato. O vendedor levava um mostruário de tecidos, que somente eram vendidos em rolos fechados. Era mais barato e, conseqüentemente, toda a família era "uniformizada com o mesmo padrão de tecido, que era utilizado para costurar em casa. O local era o interior do hoje município de Progresso e a negociação era feita em alemão. Vendedor bilingue. Chique.

Com a popularização do uso do automóvel, disseminou-se a figura do caixeiro-viajante e seu bloco de pedidos das mercadorias que por ele era representada.

Mas, sempre tem um, mas: em que municípios deveriam parar e percorrer o comércio local, oferecendo seus produtos? Ao entrar numa cidade, algumas já demonstravam seu potencial econômico e o caixeiro viajante já passava a visitar seus clientes e outros que porventura surgissem.

Mas, na grande maioria das cidades, ficava a dúvida: vale a pena investir meio dia do precioso tempo na busca de lojas com potencial de compra.

O que fazer?

Um me contou sua técnica infalível: procurava um bar de bom movimento e começava a questionar os frequentadores sobre um assunto que sempre dá papo em bar. Tinha "zona" na cidade? A zona era forte? Mulheres bonitas? Tinha movimento toda a semana?

O casquete do Brigadiano

23/01/2018



Eram outras épocas. Tudo se resolvia mais facilmente.

Para que deixar para amanhã o que se pode resolver de imediato? Sem complicação.

Nas grandes cidades, certamente, havia estruturas jurídicas complexas. Delegacias, juízes, tribunais, imprensa a procura de notícias.

E nas pequenas comunidades? Quanto muito uma pequena delegacia. Em outras, muito menos, talvez um pequeno posto da Brigada Militar.

Este caso tem por base um acontecimento na então, pequena comunidade de Ilópolis, Rio Grande do Sul.

Em que ano? Talvez há uns 40-50 anos.

Qual a veracidade do acontecido? Não me lembro de quem me contou. O tempo já apagou esta informação. Ficou o fato.

O caso inicia com a entrada de um pequeno agricultor, na época chamado de colono. Homem simples que ganhava seu pão plantando milho, criando porcos. Plantando e criando o que podia para sua alimentação.

Bem, toda propriedade tem um ou mais vizinhos. Não se sabe o porquê, o personagem do nosso caso apanhou de um vizinho e com medo de apanhar mais, foi dar parte ao representante da lei na comunidade.

Homem de pequeno porte, entra no posto da Brigada Militar e encontra o responsável, que, contam, era um enorme brigadiano, que de italiano não tinha

nada. Era de pele escura. Bem escura. Homem respeitado pelo seu caráter e, também pelo seu tamanho.

Humildemente o pequeno queixoso contou seu problema e pediu providências para o representante da lei. Perguntou se o brigadiano não poderia ir lá no interior, meio longe da comunidade, falar com o valentão e trazê-lo preso.

O homem da lei, pacientemente, ouviu tudo e disse: não vou lá.

Surpreso o homem perguntou por quê?

Olha, disse, vou te dar o meu casquete (na época era a cobertura padrão que cobria a cabeça, peça ainda usada por algumas corporações militares).

Tu levas meu casquete, vai a casa dele diz o seguinte: amanhã de manhã, cedo, ele vem aqui, me devolve meu casquete e quero conversar com ele.

Diga também, se ele não me trouxer, eu vou lá buscar e daí a conversa vai ser muito séria.

Não deu outra, cedo o valentão, chegou para falar com o dono do casquete. Cheio de medo de levar uma cana, e, nunca se sabe, alguns tapinhas nada amigáveis.

O brigadiano disse: recebi uma reclamação e podia te prender. Mas, desta vez passa. Não pensa que tudo termina só com uma advertência.

Lá no pátio da delegacia tem um matagal de "guanxuma". Tu vais arrancar com as mãos um quadrado de 3.0 m por 3,0m. Vou sair e até o meio da tarde quero ver todo o mato arrancado e empilhado num canto.

Explicando: a planta de guanxuma tem metade para fora da terra e a outra metade é uma profunda raiz, muito difícil de arrancar.

Meio da tarde volta a nossa autoridade máxima na comunidade e vai verificar o serviço. Tudo limpo e o valentão com as mãos em carne viva.

Pode ir, disse o brigadiano, do alto do seu 1.80 m de altura e 60 cm da largura de tórax.

Comporta-te, porque se tu aprontares confusão novamente vais arrancar o dobro de guanxuma.

Enfim, tudo resolvido. Sem processo judicial e o pátio da delegacia ficou mais bonito.

Tudo resolvido na pequena comunidade italiana de Ilópolis.

O ensino profissional na colônia

23/01/2018



Imagine uma pequena comunidade em, talvez, 1940.

Tudo por fazer, pouco a oferecer.

O que não sobra é o que fazer. Trabalho não falta.

Escola? Somente para o básico. Ler, escrever, calcular e alguma coisa mais.

Algumas famílias com recurso mandavam seus filhos estudar em escolas pagas. Muitos, talvez a maioria, mandavam seus filhos e filhas estudar em entidades religiosas. Ensino de boa qualidade e gratuito.

Com sorte, algum filho poderia seguir a carreira religiosa e a família era abençoada com um padre ou uma freira. A grande maioria desistia ao longo do tempo e voltava para a vida na comunidade.

Raros, muito raros, eram os que conseguiam ir para a capital, Porto Alegre e entrar em alguma faculdade. Não esquecendo, com muito dinheiro para custear os estudos.

E o pequeno produtor, o "colono", como educava seus filhos? Nos colégios locais, perto da sua área de terra? Talvez sua casa ficasse distante 5, 10, 20 km do colégio mais próximo. Consequência: filhos analfabetos.

Alguns pais, preocupados com o futuro dos filhos, pela falta de perspectivas de trabalhar na colônia, na roça, procuravam o dono de casa de comércio na comunidade, nos "bodegões," e, pasmem, faziam a seguinte pergunta: se o

proprietário aceitava ensinar o ofício de balconista para o futuro aprendiz e quanto custaria este trabalho de "professor"?

Obviamente o trabalho era fazer de tudo, sem reclamar.

Ao final de algum tempo o aluno estaria formado na arte de atender atrás de um balcão, sem medo de atender o público. Talvez até apto para ir para uma cidade maior, onde o progresso sempre estava a exigir mão de obra qualificada.

O ensino religioso no Rio Grande do Sul

25/07/2017



O ensino religioso no Rio Grande do Sul, certamente já existia quando começaram a chegar as primeiras levas de emigrantes europeus.

Os emigrantes europeus deixaram sua terra natal, seus parentes, pertences pessoais e uma vida com heranças de relacionamentos com a terra, seus familiares, sua propriedade, de sua relação com os proprietários, que lhes arrendavam para plantar.

Mesmo pequenos proprietários, abandonaram sua terra na busca de um futuro. Sim, na busca de um futuro, por que a situação na época em que emigraram era de miséria, sem perspectiva de melhora.

Depois de uma longa viagem, plena de incertezas e ao que lhes esperava no desembarque, enfim chegaram. Passados os tramites iniciais e legais, enfim estavam pisando no pedaço de terra que lhes propiciaria o começo da nova vida. Enfim, um futuro pela frente.

Lotes distantes uns dos outros, comunicação difícil.

Como conversar com alguém, no dia a dia, além de seus familiares, além de um vizinho próximo.

Suas crenças religiosas não foram deixadas no Velho Mundo. Estavam muito presentes no Novo Mundo. Se eram fracas, ficaram fortes como compensação pelo isolamento e o árduo trabalho de quem estava iniciando esta etapa da nova vida.

Foi a crença em Deus, independente da religião, que deu forças na luta do dia a dia.

Não demorou em serem erguidas pequenas igrejas, local de reunião para a reza, para agradecer a Deus pela vida, para solicitar graças e para a reunião de famílias.

Com o progresso das comunidades foram surgindo seminários e conventos, que recebiam pretendentes à missão de servir a Deus.

Numa época em que o ensino na região colonial era escasso e muito caro, as famílias enviavam seus filhos e filhas para estes locais com dois propósitos: o mais nobre era de que a família fosse contemplada com um filho padre ou uma filha Irmã.

O outro propósito era de possibilitar uma educação de boa qualidade, sem custo, uma vez que as pessoas podiam desistir desta possibilidade religiosa e voltar para casa.

Obviamente que as entidades religiosas sabiam que a maioria desistiria, mais cedo ou mais tarde, do seu curso de formação religiosa.

Deviam considerar que era natural que assim fosse e que o "lucro" seria a manutenção ou o incremento da religiosidade nas famílias destes meninos e meninas.

Toda uma geração de descendentes de emigrantes europeus foi influenciada pelos princípios religiosos, principalmente católicos e luteranos.

Além da produção agrícola e posteriormente industrial, este foi o grande benefício da emigração: a formação moral que seguiu influenciando as gerações seguintes.

O hoteleiro não quis vender cerveja fiado

14/08/2017



Qual a função de um piá num povoado do interior, ano de 1960? Obedecer às ordens dos adultos. Sem discutir.

Um cidadão, notório apreciador de cerveja, no meio de uma tarde de verão, notou que seu estoque havia acabado. Solução? Manda um piá no hotel do povoado de Pulador buscar algumas garrafas.

O piá chega ao hotel e faz o pedido. Pergunta o hoteleiro: onde está o dinheiro? Não vendo fiado. Mas o tio disse que depois paga, diz o piá. Não, fiado não vendo.

Volta o piá de mãos vazias e diz: o homem não quis vender fiado para o senhor.

Indignado o cidadão pega seu caminhão de rebocar toras, passa na frente do hotel e vai até Carazinho, distante uns 20 km. Na volta, estaciona o caminhão na frente do hotel, e começa a abrir as garrafas sob o olhar incrédulo do hoteleiro.

Deve ter pensado: o cidadão viajou 40 km para comprar quatro caixas de cerveja e eu não quis vender fiado duas garrafas.

Moral da história: o cliente sempre tem razão, ainda mais se estiver com sede e vontade de tomar uma cerveja.

O ônibus quebrou em pleno inverno

19/08/2017



Faz aproximadamente 60 anos, foi lá por 1957. Numa época em que os pais simplesmente colocavam os filhos, sozinhos, no ônibus e ficavam descansados.

Lembro-me que nas férias de inverno fui colocado no ônibus, em Porto Alegre, e que meus tios me buscariam na rodoviária em Passo Fundo.

Imaginem um ônibus em 1957, obviamente sem nenhuma calefação. Está com calor ou vai vomitar? Abra a janela. Está com frio? Se agasalhe.

Imagine também as estradas da época, em que muitos trechos eram de terra. Buracos e pó, pó e buracos. Naquela época a vinda para Passo Fundo era por Nova Prata, Nova Bassano, Nova Araçá, Casca, Marau. No verão lembro-me que o ônibus passava tão perto de alguns parreirais que dava para sentir o cheiro das uvas maduras.

Mas, voltemos a minha viagem de inverno.

De repente o ônibus foi parando, parando e parou. Já era noite e fazia muito frio. O motorista abriu o capô do motor, que naquela época ficava dentro do ônibus, ao lado do motorista. Depois de um demorado diagnóstico, veio o anúncio: não tem conserto, quebrou o cano do óleo diesel que abastece a bomba injetora.

E agora? O que fazer, perguntam os passageiros ainda meio dormindo.

Arrumar um telefone, ligar para a garagem em Passo Fundo e esperar outro ônibus. Parece simples, mas vejam bem, estávamos em 1957, quando telefone era coisa rara nas cidades médias e ainda mais em pequenas. Outro problema: como sair no meio da noite e tentar achar uma casa que, por milagre tivesse um telefone?

Solução mais realista: esperar que passasse algum veículo e pedir para levar o motorista ou algum passageiro até um telefone e pedir socorro.

Por quase uma hora todos esperavam por este socorro, quando chegou um caminhão com carroceria de madeira aberta, para cargas.

O motorista concordou em levar todos que quisessem na carroceria até a pequena cidade de Nova Bassano, onde esperariam pelo ônibus socorro. Felizes muitos subiram no caminhão e lá se foram estradas afora. Só um detalhe: se dentro do ônibus já fazia muito frio, imaginem numa carroceria aberta, no meio da noite, numa velocidade de uns 50 km/h. O vento atravessava a roupa, era congelante.

Enfim chegamos em Nova Bassano e o motorista nos levou a um "bodegão", onde se vendia de tudo o que a vida da época necessitava. Também era uma espécie de pequeno restaurante. Só que já havia fechado.

A senhora do proprietário vendo todo aquele povo morrendo de frio e de fome, resolveu fazer um "cafezão" colonial para socorrer o pessoal. Não precisa dizer: pão colonial, salame, queijo, pão, manteiga, ovo frito. E também um magnífico café com leite.

Estomago cheio, fome saciada, só restava esperar pelo socorro.

Nunca mais me esqueci daquela refeição, creio que eram entre 9 e 10 h da noite. Foi uma das melhores refeições da minha vida.

Não me lembro da hora que chegou o ônibus para nos levar a Passo Fundo.

Lembro-me de toda a cena de passageiros esfomeados e com frio tendo uma das melhores refeições de suas vidas, talvez não em qualidade e suntuosidade, mas feita com o sentimento de calor humano dos proprietários que abriram seu negócio muito além do horário de fechamento. A eles o meu agradecimento, mesmo com 60 anos de atraso.

O picolé e a limpeza da unha do dedão do pé.

07/09/2017



Verão de 1959, mês de fevereiro.

Interior de Passo Fundo, povoado de Pulador. Para refrescar somente água do poço, tirada na hora com um balde e servida com um caneco de lata ou, luxo, de alumínio.

Alguns se aventuravam a tomar uma cerveja de porão, ou seja, que ficava no porão da bodega, encostada na terra fresca.

Alternativa, era ficar numa boa sombra de cinamomo. Proseando e, ao menos as mulheres, tomando mate e comendo bolacha.

A gurizada ia tomar banho na sanga, na época cristalina e sem poluentes químicos.

A eletricidade ainda era coisa para poucos. Muitos tinham um cata vento com alternador para carregar uma bateria e ligar o rádio, além de um ou dois "bicos" de luz.

No povoado existia um hotel, devido ao movimento da estrada Passo Fundo-Carazinho, que na época passava por Pulador.

O hoteleiro, para aumentar a clientela, comprou uma "moderna" geladeira, movida a queima de querosene. Imagine poder tomar uma cerveja gelada naquela época. Foi uma revolução no povoado. Bebidas e comidas geladas a qualquer hora do dia.

Logo o hoteleiro descobriu que colocar um corante nas formas de gelo, poderia dar um bom dinheiro, fazendo picolé.

A gurizada descobriu e não havia produto suficiente.

O hoteleiro não era dos mais caprichosos e suas unhas do pé eram grandes e sujas.

Numa forte tarde de verão o hoteleiro estava limpando a sujeira da unha do dedão com um canivete. Juro que fazia crec, crec. De repente surge um piá e pergunta: tem picolé?

Tem sim. Então quero um, diz o piá.

O homem vai até a geladeira e traz uma forma de gelo com uma cor avermelhada. O guri olha aquelas de pedras de gelo colorido, arregala os olhos e dá o dinheiro.

Agora vem a melhor parte: sabe aquele canivete que estava servindo para tirar a sujeira da unha do dedão? Pois não é que foi o instrumento para tirar a pedra de gelo, o picolé, da forma.

Eu fiquei olhando e naquele momento o que tinha importância não era a sujeira da unha que certamente foi vendida junto com o picolé. O que importava era a felicidade do piá, com seu picolé enriquecido com vitamina da limpeza da unha do

O pila e a inflação

10/10/2017



Não sei qual a origem da palavra pila, como símbolo de moeda utilizada no Rio Grande do Sul. O que sei é que tanto pessoas de idade avançada ou as crianças, todos sabem o que significa um pila.

Os constituintes gaúchos perderam uma bela oportunidade de colocar na Constituição gaúcha o nome da nova moeda que passaria a vigorar no Rio Grande do Sul. Poderíamos ter eliminado as figuras das OTN, BTN, MVR, VRF, UPC. O governo federal poderia continuar com o cruzado novo ou qualquer outro indicador. No Rio Grande do Sul só se falaria em pila.

Fica, desde já, a lembrança para que os que sonham em implantar a República do Piratini, constituída pelo nosso estado e talvez por Santa Catarina e parte do Paraná: o pila deverá ser a nova moeda.

A parte que cabe ao nosso estado na dívida externa seria negociada. Nossa dívida para com a união seria paga na base de um pila para sete novos cruzados, uma vez que cada pila passaria a valer um dólar americano e por sua vez um dólar vale hoje sete cruzados novos. Terminaríamos com a dolarização da economia gaúcha e, por que não, os demais estados do Brasil (poderíamos continuar de alguma forma política ligados ao Brasil) passariam a comprar pilas como moeda forte para se defender da crescente desvalorização do novo ou novíssimo cruzado. Já imaginaram os passageiros de um avião da Varig, ao final de um voo internacional Porto Alegre-Rio de Janeiro, sendo assediados por cambistas cariocas a procura de pilas que, de uma forma ou de outra iriam parar nas mãos de sonegadores de impostos que, para proteger seu capital, precisam de moeda forte, como o pila gaúcho para remete-los para bancos suíços?

Na história gaúcha passaria a constar duas fases distintas na área de economia: a da fase das moedas do império e da república, e da fase do pila.

Uma das definições da inflação é simples, uma alta generalizada dos preços. Sabemos que são várias as causas econômicas e políticas para uma inflação como as que estamos vivendo. Eu diria que, hoje a inflação, além do descontrole do déficit público, tem na falta de confiança nos governantes, no governo federal, a principal causa das constantes remarcações em todos os setores da economia. Ora, de que adianta o atual governo do estado tentar administrar, com seriedade, o dinheiro público gaúcho, inclusive com desgaste político perante o funcionalismo, se o governo federal está as portas de uma hiperinflação? As vezes fico a pensar: teria sido tão sem propósito a proposta de criar a República do Piratini? Ao menos teríamos mais confiança no nosso mandatário, num regime presidencialista ou parlamentarista. Consequência, governo sério, economia firme, moeda estável, inflação baixa. A justiça social seria feita pela força do pila, num regime sem inflação, com uma moeda forte. Enquanto este dia não chega, vamos continuar com a nossa moeda, resistente a inflação, vamos continuar ouvindo os velhos no banco da praça falando em pilas e ver os meninos pedindo cinco pilas de bala.

O Nacional Passo Fundo

O poder da comunicação na área da colônia

04/11/2017



O que significa para você a palavra "colônia"?

Por muitos anos, as pessoas que moravam no interior, eram chamadas de "colonos". Nada depreciativo. Havia até uma data de festa para o Dia do Colono. Ainda continua, mas com pouca ênfase.

Talvez o isolamento geográfico, de comunicação precária, de pequenas propriedades com baixa renda, originária de produtos de baixo valor, sem valor agregado, colocassem estas pessoas num grupamento social pouco valorizado pelos habitantes das cidades.

Trabalho duro, pouca renda, isolamento. Futuro sem grandes horizontes, filhos sem um futuro promissor.

Como sobreviver? As ancoras para viver o dia a dia, foram a religião, suas capelas e as Associações Comunitárias. O terço em família e as visitas entre as famílias para conversar, preferencialmente à noite, para jogar carta e comer pipoca, bolacha, bolo. Era a época do "filó".

Até que um dia chegou a televisão e começou a matar todo este sistema de comunicação e interação entre a família, entre os vizinhos. Até a imagem ou retrato de algum santo perdeu destaque para um local em que a deusa TV pudesse ser adorada.

Em 2017 é difícil o local em que não haja um acesso a telefone celular. Seja na hora da ordenha, no meio da lavoura, conversando com a família, seja aonde for, o celular coloca o "colono" no mesmo nível de comunicação que um habitante da cidade.

Morreu o "colono". Nasceu o empresário rural, pequeno em área, mas evoluído nas tecnologias, integrado com o complexo sistema da agroindústria. Seu produto sai hoje da sua propriedade, e, em uma semana poderá estar sendo vendido em qualquer lugar do mundo.

Principalmente na forma de carne de ave ou suína.

Vamos voltar para o ano de 1995. Esta aconteceu comigo. Sempre tive o sistema de parar nas casas dos antigos "colonos", conversar a aproveitar para comprar ovos de colônia, os legítimos, os coletados nos ninhos ainda sujos de cocô. Gema bem amarela. Outro produto excelente era o queijo caseiro, Queijo com gosto e cheiro de queijo. Aquele é feito com o leite in natura, somente adicionado de coalho e sal. Mexido com as mãos sem luvas e toucas na cabeça. Após o produto coalhado ser espremido numa forma, ficava secando numa tábua da janela da cozinha.

Antes que o leitor diga que era anti-higiênico, veja como, ainda hoje, são feitos muitos queijos nas áreas rurais da Europa.

Numa destas visitas, perguntei se tinha queijo para venda. Sim temos foi a resposta.

Perguntei quanto custa o quilo? Resposta: quanto o senhor está pagando?

Resposta: não sou comprador de queijo. Qual seu preço?

Resposta: o senhor espere um pouco.

Após alguns minutos, veio a resposta. É tanto por quilo.

Achei o preço meio alto, mas escolhi uma forma, e paguei.

Na saída perguntei: com a senhora descobriu o preço? Conversou com algum vizinho?

Não, disse-me. Telefonei para a cidade e perguntei a quanto estava sendo vendido no supermercado da cooperativa.

Senhora esperta. Na casa havia um dos poucos telefones fixos da região. Vendeu-me o queijo talvez pelo dobro do valor pago por um comprador que, na época, comprava galinha, ovos, salame, queijo, manteiga e trocava por farinha, açúcar. Era um supermercado ambulante da época. Ainda há alguns destes.

Televisão na sala, internet manuseada pela "gurizada" e celular no bolso.

Adeus "colono". Tudo tem sua época. Era ruim naquela época? Melhor hoje? Depende do seu olhar.

Continuo parando e conversando. Mas, está cada vez mais difícil comprar produtos da colônia, mesmo na casa do "ex-colono".

O reciclador e o urubu Chico

07/09/2017



Há muitas histórias que a gente ouve e acredita se quiser.

Há inclusive o ditado: "morro e ainda não vejo tudo neste mundo".

Dizem que as maiores mentiras são contadas por pescadores, mas esta que vou lhes contar foi por mim presenciada.

Há uns 15 anos, meu irmão falou que ouviu falar que perto da subestação da CEEE, no bairro Santa Marta, em Passo Fundo, um cidadão que recolhia lixo e sucatas, tinha vários objetos antigos.

Era, na época, um lugar distante da subestação, praticamente num banhado.

Boa tarde: podemos ver uns objetos que disseram que o senhor tem? Sim. Levou-nos a um galpão de chão batido e lá havia uma grande quantidade de tudo quanto é tipo de objetos recolhidos ao longo dos anos, sabe lá Deus aonde. Lembro-me que me interessei por alguns objetos de madeira, esporas e outros objetos, que comprei.

Depois nos convidou para ver umas rodas, que estavam atrás de uma estrebaria e de um chiqueiro com dois enormes porcos. Nunca tinha visto este tipo de roda: não eram fabricadas no Rio Grande do Sul e certamente, em Minas Gerais ou estados limítrofes. Eram de carretas puxadas a boi, aquelas que andam fazendo um barulho estridente. Compramos as duas. E até hoje perguntam: onde arrumaram estas rodas? Se eu explicar, ninguém acredita.

Já nos despedindo, contentes pelas compras, o cidadão olha para o céu e começa a gritar: Chico, Chico, Chico. Olhamos para o céu e vimos que estava chamando um corvo, um urubu, pelo nome. Chico, Chico.

O urubu certamente era bom de ouvido, além da fama de olho aguçado e excelente olfato para localizar as carniças.

Veio descendo, descendo em círculos e, de repente, pousa a poucos metros do seu amigo. Sem demonstrar nenhum medo sai caminhando pela rua de terra, sem dar importância a outras pessoas que por ali estavam. Eu e meu irmão Sergio, admirados, cumprimentamos o cidadão, ainda incrédulos pela cena.

Meses depois soubemos que denunciaram para a Brigada Militar que o urubu era judiado pelo nosso amigo. Resultado: "prenderam" o corvo e, para "protegê-lo" o trouxeram para o viveiro de pássaros da UPF. Tudo conforme manda a legislação de proteção aos animais silvestres.

Não deu outra: livre da sua liberdade o pobre urubu morreu. Morreu em nome da lei.

Pobre Chico perdeu a liberdade, a vida e o nosso amigo reciclador, um amigo incomum.

O subsídio e a justiça

04.05.88



Justiça, quem não gosta de ouvir esta palavra? Todos nós temos uma noção do que é justo, do que é ser correto. Não importa se a pessoa é rica ou pobre. Não importa a condição social ou a condição econômica e, até mesmo entre as pessoas condenadas pela justiça, vigora um código de justiça, adequado às condições em que vivem os presos. Enfim, em princípio ninguém gosta de ver um semelhante, seja homem, mulher, criança, adulto ou velho, pagar por atos que não cometeu.

Com relação a palavra subsídio, muita injustiça tem sido praticada como consequência do mau uso da política de subsídio. Muito se fala em subsídio, mas o que significa a palavra subsídio? Numa linguagem simples, significa tirar de alguém e dar para outro mais necessitado, em nome do bem comum, em nome do progresso comum e da justiça social. Em relação ao Estado, o subsídio existe quando o governo tira recursos do orçamento, do tesouro nacional, e os transfere para grupos de pessoas que estão em situação econômica muito ruim, a fim de que estas possam diminuir seus problemas econômicos. Entretanto, o subsídio também pode ser dado à atividades econômicas fundamentais para a nação.

O programa do leite é um exemplo de subsídio. Neste caso, o governo federal tira recursos do orçamento e paga o leite que é distribuído nas vilas às pessoas que não tem recursos para comprá-lo. Assim, o ticket que um morador de vila recebe através da sua associação não significa nenhum favor do prefeito, do vereador, do deputado ou do senador. O ticket significa que esta pessoa está recebendo do governo federal um subsídio para a sua alimentação. Ou seja, está recebendo uma colaboração de toda a nação, através do governo federal e, portanto, não deve favor político a ninguém. Outro exemplo de subsídio que poderá surgir é o referente ao pão, como forma de compensar, somente para as pessoas de baixa renda, a retirada do subsídio, indiscriminado, ao consumo de trigo. Da forma como

era feito, este subsídio que foi retirado era dado a todos, rico ou pobre, e para todas as finalidades, desde ao simples pão de uso popular até o pão e massas servidos em restaurantes mais luxuosos. Neste caso o subsídio era injusto.

É muito difícil manter uma política de subsídio por muito tempo, sem que aos poucos não se instalem situações que distorçam os objetivos iniciais e passem a configurar gritantes situações de injustiça. Este é o caso da atual política de combustíveis, em que o álcool está sendo subsidiado. É bom lembrar que, num passado não muito distante, a gasolina era subsidiada. O que aquela situação significava? Significava que, quem andava a pé ou de ônibus, ajudava a pagar o subsídio à gasolina, permitindo que os mais ricos pudessem andar de automóvel pagando um preço baixo pela gasolina. Significa que muitos, os mais pobres, ajudavam poucos, os mais ricos, a andar de automóvel. Esta era uma situação de gritante injustiça. Outra semelhante a essa, é a relação existente entre o preço da gasolina e o do álcool. Ora, quem usa carro a gasolina, que não tem subsídio, são as pessoas mais pobres, proprietárias dos carros mais velhos e que dão maior manutenção. Por outro lado, o álcool que é subsidiado, é utilizado pelas pessoas mais ricas, que usam carros mais novos que dão menor manutenção. Eis outro caso em que o subsídio está levando a mais uma situação de injustiça.

Exemplos de injustiça não faltam neste Brasil que ainda não desvendou todos os segredos da máquina administrativa e econômica que comanda este país, muitas vezes da forma mais oculta possível. Ainda estamos longe de atingir uma forma de democracia em que as injustiças sejam eliminadas. Não existe a sociedade perfeita. No momento, o que se deseja é somente um pouco mais de justiça.

O Nacional
Passo Fundo

O tropeiro Torquato Lancelote

21/08/2017



Início das férias do colégio em Porto Alegre e eu já pronto para ir para o povoado de Pulador, em Passo Fundo, onde morava a minha avó.

Férias da cidade grande e início de 30 a 40 dias de liberdade no povoado, brincadeiras com a piazzada local e descobrindo coisas da vida do interior.

Pulador durante muito tempo teve sua economia baseada na pecuária extensiva e nas serrarias de pinheiros araucária.

Era comuns trens de carga de gado descarregarem os animais, vindos acho que da fronteira, para depois seguirem viagem na forma de tropa de gado. Para conduzi-los havia vários tropeiros na região.

Um chamava-se Torquato Lancelote, e era uma figura ímpar. Sempre de enormes bombachas, bota com cano sanfonado, camisa branca de manga comprida, chapéu de quatro cantos, lenço vermelho e uma enorme guaiaca. Detalhe: só tinha quatro dedos de nascença. Quando o conheci, já havia parado de tropear mulas de Pulador até São Paulo, parece que para Sorocaba. Segundo ele, era um mês de viagem com 300-400 mulas. Não sei quem ia com ele. Mulas entregues, dinheiro na guaiaca, voltava de trem com os arreios e a roupa de viagem. Não esquecendo, um enorme revólver 38.

Lembro-me que dizia: não pode faltar dinheiro para pano de cueca. Imagine passar mais de um mês sobre um cavalo, com cueca apertada. Não dá para aguentar.

"Segundo Leopoldo Costa, em sua História do tropeirismo, durante os meses de setembro e outubro as tropas saíam de Passo Fundo e seguiam a jornada passando por Lages, Mafra, Rio Negro, Lapa, São José dos Pinhais e Curitiba. Em Curitiba os animais e os tropeiros permaneciam até abril e maio esperando a Feira de Sorocaba. Saindo em direção à Sorocaba as tropas passavam por Palmeira, Ponta Grossa, Itararé, Itapeva, Buri, Itapetininga, Alambari, Araçoiaba da Serra e finalmente chegava ao destino. Em Sorocaba os animais eram amansados e engordados. "

Já na vida de aposentado, todo o mês vinha a Passo Fundo buscar sua aposentadoria, numa agência bancária perto de onde hoje é o banco ITAU.

Suas roupas, mesmo para Passo Fundo, chamavam a atenção e as pessoas paravam para admirar sua figura.

Era um pedaço do Rio Grande do Sul que foi embora, na tropeada sem fim do

Onde estão os cadáveres da Batalha do Pulador?

13/07/2017



Muito se tem escrito sobre a "Batalha do Pulador", também denominada Batalha de Passo Fundo, seus antecedentes históricos, a batalha em si que envolveu mais de 4.000 homens e suas consequências para o final da Revolução Federalista.

Atualmente o local está demarcado com marcos de pedra que dão uma visão aos visitantes da área em que irmãos, cada um em nome dos seus ideais, mataram e foram mortos com o ferro e o aço frio das espadas e facas, além das armas de fogo, pistolas, fuzis canhões e até metralhadoras (novidade na época).

Entre os autores passofundense, Paulo Monteiro, em publicação de 15/09/2010, cita que "ao final da batalha do Pulador foram contados 1.024 mortos no local da batalha, afora um número incalculável de combatentes que morreram em consequência dos ferimentos recebidos em combate. O número de feridos que sobreviveram, também é incalculável".

Segundo o historiador Ney Ávila, "encobertas pela escuridão da noite as forças federalistas retiraram-se. Não foram, todavia, perseguidas pelas forças governistas. Do enfrentamento resultaram algumas centenas de mortos e mais de mil feridos. Em razão de condições adversas, principalmente do frio rigoroso, das precárias condições de saúde, do deficiente serviço médico, um considerável número de feridos veio a falecer nos dias imediatos à batalha".

Lembro-me que, em 1959, aos 15 anos, movido pela curiosidade de visitar um local sobre o qual sabia pedaços de fatos de uma antiga batalha, fui às ruínas da

casa denominada "Hospital de Sangue". Nada que sequer lembrasse que ali um dia ocorreu tal batalha. Só ruínas.

Conversando na época e em anos posteriores, com moradores locais, vários com mais de 90 anos em suas casas ou nas pequenas casas de negócios do povoado de Pulador, o comum era ouvir histórias variadas sobre a vida no campo, sobre o gado e cavalos. Nunca ouvi nada sobre a tal Batalha de Pulador. Por quê? Embora certamente soubessem a ocorrência da Batalha, não havia um fator motivador como cerimônias incentivadas pela Prefeitura ou conteúdo escolar comemorativo sobre o evento. Na época havia quase total precariedade das comunicações. O rádio ainda reinava soberano em uma programação mais voltada para a vida da cidade. Cada um tocava a sua vida do dia a dia e pronto.

Depoimento de pessoas, ainda vivas e que nasceram em Pulador, contam que seus pais sabiam que naquelas coxilhas havia ocorrido uma Revolução. E não muito mais que isso.

Nos livros de história, em fontes da internet, as estatísticas de quantos morreram de cada lado, pica pau ou maragato, variam enormemente conforme a fonte. Além dos mortos em combate, muitos morreram dos ferimentos à bala, espada, faca, lança, ...

Em algumas fontes da internet há relatos de que poucos foram enterrados. Mas quando se fala em 1.024 mortos ou mais, surge a dúvida. Que fim levou a maioria destes cadáveres? Certamente alguns ficaram se decompondo nos campos, banhados e matas.

Certamente os derrotados não levaram na sua fuga centenas de cadáveres da sua tropa. Ficaram no campo de batalha. Quero fugir e ficar vivo. O morto está morto.

Será que os vencedores simplesmente olharam os cadáveres do inimigo e os deixaram abandonados, para os animais e os corvos? Será que abriram uma fossa e fizeram um sepultamento coletivo?

Os vencedores talvez tenham recolhido seus mortos e os enterrado em algum lugar. Alguns falam em mais de 200 maragatos. Será que fizeram um sepultamento coletivo dos "seus" mortos, já que tinham tempo para tanto?

Além destes mortos, onde foram enterrados os que acabaram morrendo no "Hospital de Sangue"?

Cabe aos historiadores passofundense lançar uma luz sobre o tema. Os fatos históricos não somem, ficam aguardando que alguém os descubra.

Afinal, onde estão os mais de 1.000 cadáveres da Batalha do Pulador? Espalhados pelos campos ou em algumas fossas coletivas ainda a serem descobertas?

A história aguarda a resposta

Os homens de vermelho

01/08/2017



Este caso será contado em duas etapas.

A primeira parte é originária das memórias de um jovem de uns 15 anos, lá por 1955-1960.

Naquela época Passo Fundo era uma cidade típica do interior. Casas na beira da calçada, pequeno comércio, poucas e pequenas indústrias, armazéns ainda no tempo das cadernetas, vida cultural sem grandes novidades. Enfim, uma cidade ainda de pequeno porte em que, ao menos nas partes mais centrais, todos conheciam todos.

Um bom ensino religioso por parte dos maristas e pelas freiras. Igrejas lotadas nos horários de missa, principalmente aos domingos.

Como em todo aglomerado urbano da época, as pessoas vendiam, compravam e procuravam manter suas contas em dia. Formas de pagamento: dinheiro, ficha de compra direto com o lojista, carnês de pagamento de lojas de maior porte e, no pequeno comércio, anotação na caderneta. Não nos esqueçamos das compras em que o fio do bigode era a grande garantia.

Pagar uma conta tanto poderia ser uma honra para manter o crédito e o bom nome, como, para alguns poderia ser diferente.

Alguns, por várias razões, não podiam quitar suas dívidas na data de pagamento.

Outros, como ainda sucede hoje, 2017, já compravam com a intenção de não pagar, de dar calote.

O que fazer com os que atrasavam suas contas? Chama-los à loja, ao armazém?

A maioria acabava pagando, junto com algum juro ou com a promessa de não atrasar as próximas parcelas.

Outros eram maus pagadores premeditados. O "remédio," a técnica de cobrança, teria que ser diferente.

A minha memória lembra-se de umas pessoas vestidas de vermelho, que iam à casa do devedor tentar cobrar a conta. Não querendo antecipar a segunda parte deste caso, imagine o leitor esta figura estranha passando na sua rua e batendo na porta de algum conhecido.

O homem ia caminhando e toda a vizinhança ia espiar a cena.

Bem aqui termina a minha participação baseada nas lembranças da época.

A segunda parte tem por base a história dos homens de vermelho, segundo o criador desta forma de cobrança, Sr. Luís Carlos Dale Nogari dos Santos.

Padre Balduino Rambo-um homem acima do seu tempo

7/07/2017



O abaixo assinado atesta que o livro intitulado:

"Os Jesuítas no Sul do Brasil" volume VI: A Fisionomia do Rio Grande do Sul, da autoria do R.P. Balduino Rambo pode ser impresso-- IMPRIMI POTEST

Porto Alegre, 29 de janeiro de 1959.

P. Jorge Steiger. S.J.

Provincial

Esta é a segunda edição desta publicação, sendo que a primeira é datada de 1º de maio de 1942. A obra tem 456 páginas.

Na sua "Carta ao leitor", o apresentador P. Luiz Gonzaga Jaeger, S.J., cita que:

"desta maneira, tendo descrito com mão de mestre a nossa fauna, nossa flora, nossa genealogia, a nossa geografia física e humana, sociológica, orográfica, potamográfica, petrográfica e ainda a climatológica, pode oferecer-nos um riquíssimo e variadíssimo material para todos quantos se interessam pelo nosso Rio Grande do Sul.....".

Ainda hoje, em 2017, é uma obra com conhecimentos que enriquece os leitores. Detalhe: estes conhecimentos foram publicados em 1942. Além de consultar profundamente a bibliografia existente na época, o padre Balduino Rambo viajou por mais de 80.000 km, sendo 12.000 km no Rio Grande do Sul, onde realizou cerca de 400 voos, além de extensos deslocamentos a pé, a cavalo e veículo.

Sua obra, mesmo na época da internet com acesso praticamente instantâneo e universal do conhecimento, deveria ser mais bem conhecida.

Matéria publicada no ZH/Caderno D, em 23/07/89, página 2 e 3, com o título Padre Rambo, um pioneiro na defesa do meio ambiente, relata aspectos de sua vida, particularmente que: "Durante 30 anos, entre 1932 a 1961, o Padre Rambo conseguiu coletar cerca de 62.000 espécies de vegetais, das quais aproximadamente 60 haviam nunca sido identificadas. Este herbarium estava, até aquela data, no Herbário Anchieta, da Unisinos.

Fluente em várias línguas, também "deixou um diário com mais de dez mil páginas escrito em alemão gótico".

Nos dias atuais é extremamente difícil encontrar pessoas autodidatas como o P. Rambo. Seu livro permite ao leitor uma ampla visão de vários aspectos do Rio Grande do Sul nos idos de 1942. Obviamente os conhecimentos atuais, em 2017, são imensamente superiores. Todavia, são dispersos em várias obras, o que dificulta uma leitura comparativa.

Todavia, nenhuma obra atual substitui a obra escrita em 1942, revisada e republicada em 1956. Falta-lhes o espírito de um homem desbravador, que buscou o conhecimento numa época de grandes dificuldades de encontrar e gerar a informação científica.

Enfim, a leitura desta obra certamente levará o leitor a concluir que o P. Rambo foi um homem acima do seu tempo. Um pioneiro.

Papeleiros - heróis anônimos

07/09/2017



À medida que cresce a renda da população, aumenta o consumo por todas as classes sociais, seja de bens permanentes, como habitação, seja de bens de consumo imediato como de alimentação.

O que ontem satisfazia as necessidades da população passa a não mais satisfazer. A população quer mais e melhor.

Comparem a sociedade em que nossos avós viveram: para os padrões de hoje, muito simples e com muitos sacrifícios. Amanhã talvez a sociedade nos olhe e terá o mesmo julgamento. Assim tem sido ao longo dos séculos e até aonde iremos só o futuro dirá.

Há um ponto comum em toda esta evolução da história da humanidade: a geração de lixo, em todas as suas formas e consequências: a poluição.

No passado lixo era lixo. Não servia para nada.

Além do mais o lixo gerado por habitante era muito pouco, pois se consumia pouco.

Neste século, além do grande aumento populacional, o lixo passou a ser composto de materiais altamente diversificados, com embalagens caras que, inicialmente, eram jogadas nos lixões a céu aberto. Lá eram e, em muitos lugares, continuam sendo disputadas por catadores.

O serviço de coleta de lixo nas cidades nunca deu conta de recolher tudo que é jogado fora, seja pelos moradores, ou seja, pelo comércio e indústria.

O comércio e a indústria ainda são objeto de uma fiscalização, quando existe. Raros são os setores que tem que recolher o seu produto ao final da vida útil, como os pneus.

Mas o lixo domiciliar e as embalagens descartadas pelo comércio?

Papelão, alumínio, embalagens PET, são os itens mais procurados pelos trabalhadores que são conhecidos por "papeleiros".

Principalmente nas partes centrais da cidade, desde o amanhecer até o anoitecer, veem-se pessoas adultas, mulheres e até adolescentes e crianças puxando um carrinho, com rodas de bicicleta, carregados com estes itens. Até pouco tempo eram comuns carroceiros fazendo este serviço.

É comum famílias buscando nos contêineres de lixo, algo que lhes sirva para vender. Nestes casos a mercadoria é levada em sacos.

Recentemente surgiram "papeleiros" modernizados, com camionetes com altas telas, que lhes possibilitam levar o equivalente a 5-6 carrinhos puxados por uma só pessoa.

Vamos imaginar que este serviço de coleta não oficial não existisse ou fosse proibido. O que aconteceria? Certamente um caos na limpeza urbana ou as prefeituras teriam que investir altas somas para coletar o lixo que atualmente é coletado por estas pessoas.

Outro importante detalhe: será que o serviço de coleta oficial iria a todos os cantos da cidade e faria, diariamente, o mesmo serviço de limpeza? De forma alguma. Primeiro a população, não abrangida pelo atual serviço de coleta, teria que depositar o lixo em locais pré-determinados.

Será que os serviços sociais tem ideia de um número aproximado das pessoas envolvidas nesta atividade?

O lixo de uns significa um trabalho honesto para outros.

As prefeituras deveriam, não só fiscalizar, mas também valorizar este trabalho anônimo. Trabalho que "limpa" as cidades e reduz o problema de doenças do acúmulo de lixo, ratos e insetos.

Da próxima vez que você vir um papeleiro trabalhando, pense bem e agradeça a ele pelo seu trabalho, importante para a limpeza e a saúde da cidade.

Para su seguridad no baje el perno de la puerta

09/02/2018



Mi Buenos Aires querido. Sou gaúcho. A capital política de meu país é Brasília. A capital sentimental deste morador do extremo sul do país é, sem dúvida, Buenos Aires. Não quero saber do Rio de Janeiro atual. Não preciso explicar. O de 1971-75, ainda era bom.

Nordeste, deixa para os turistas europeus e os que vão em pacotes de viagem. Viajam uma enorme distância e ficam restritos a uma praia e alguma coisa a mais. A única coisa que compensa é a forma de pagamento destes passeios.

Não saia a noite, não leve muito dinheiro, não isso, não aquilo.

Vá a Buenos Aires, Santiago do Chile, Lima. Além das culturas diferentes, boa gastronomia, custos não muito superiores aos destinos turísticos do Brasil. Todavia, há um fator muito importante: a segurança.

Em Buenos Aires, certamente, a TV divulga casos de roubo ou assassinatos. Um pequeno caso rende horas de material para a TV. Normal.

Nós temos a Lava Jato que ocupa boa parte do noticiário. Das 8,00 até as 24,0 h. Tem também a linha vermelha, linha amarela e de várias cores. Tiro de tudo quanto é calibre.

No passado os argentinos olhavam os brasileiros com um ar superior. Com razão. A educação, em todos os níveis era muito melhor, o país era rico e as pessoas tinham um bom padrão de vida. Isto no passado.

Em 1917, foi inaugurada a primeira linha do metrô de Buenos Aires, a linha A. Se não me engano, foi o terceiro do mundo. Hoje, 100 anos após, o metrô de Buenos Aires tem uma ampla rede.

Enquanto isso, em 1914, na capital Rio de Janeiro, o transporte público era feito em bondes puxados a burros. Acredite se quiser. O primeiro metro do Brasil foi em São Paulo, em 1974, no regime militar. São 57 anos de diferença. Nesta altura Buenos Aires já tinha várias linhas.

Os maus políticos empobreceram a Argentina. O povo perdeu qualidade de vida, a economia encolheu, os interesses políticos meteram a Argentina numa confusão social e econômica. Ainda por cima se meteram na guerra das Malvinas contra a Inglaterra.

Mas, apesar de tudo isto, a cidade continua linda, cheia de vida.

Não precisa dizer que, comer não é um problema. Tem de tudo. Para todos os gostos e bolsos.

Desde um café da manhã, onde se pede um café, uma média luna, e as pessoas ficam conversando. Ou simplesmente lendo um jornal, curtindo a solidão e seu café.

Almoçar ao meio dia. Coisa de turista. Entre no ritmo. Almoce lá pelas duas da tarde.

Bem, vamos ao título desta crônica.

Chegando no aero parque, localizado na área central de Buenos Aires, primeiro a gente desce, atravessa a autopista e come um Pancho numa daquelas carrocinhas, contemplando o Rio da Prata.

Vamos pegar um taxi?

Na época chegou um taxi não muito novo, embarcamos e o motorista disse em alto e bom tom: "Para su seguridad no baje el perno de la puerta", Tradução, NÃO baixe aquele pino de segurança que fica na porta. Pensei, que motorista cuidadoso.

Baixei o pino e na hora o motorista, furioso, disse que falou que não era para baixar o tal pino. Bem ao contrário do que entendi. Baixar.

Furioso, desceu do carro, abriu o porta malas, tirou uma barra de ferro e destrancou o tal pino. A porta estava com defeito.

Eu entendi que para minha segurança deveria baixar o pino, como é o normal.

Tirando este pequeno incidente, que passou a fazer parte da viagem, foram 5 dias maravilhosos, caminhando nas ruas sem medo de ser assaltado e muito menos de bala perdida. Quase não se via policiais nas ruas.

Bem, não posso ocultar que me bateram a carteira, com passaporte e tudo na boca do metrô. Os argentinos dizem que são imigrantes peruanos e não eles que fazem este serviço.

Pare, gado franqueano passando

07/11/2017



Quem disser que conhece todos ou a maioria dos municípios do Rio Grande do Sul, está mentindo. São 497 municípios. Nem governador em campanha política.

Você sabe onde fica Jaquirana? Fica perto de Bom Jesus. Que fica perto de Vacaria. Agora já para dar uma ideia da sua localização.

Há uns 10 anos, em 2007, tinha uma reunião de trabalho em Jaquirana.

Como chego lá? Sem GPS, a solução foi apelar para um mapa e perguntar qual a melhor estrada. Não sei como, acabei numa pequena estrada de terra, virada em pó, curvas e pedra. Bem, vamos aproveitar o passeio e ir admirando a belíssima paisagem, com pinheiros brasileiros (araucária) e os americanos (pinus). No campo um gado sem raça definida. Raras casas no caminho.

A estradinha parecia não ter fim, mas o passeio estava lindo.

De repente, ao sair de uma curva, tive que parar.

A frente estava atravessando algumas dezenas de cabeças de gado. Não era um gado comum. Tinha enormes guampas, aspas. Pelo de todos os desenhos.

Era um gado estilo franqueiro, raça praticamente extinta no Brasil, com somente algumas dezenas no Rio grande do Sul e Santa Catarina.

Mas, o mais importante nesta história é que parado no meio da estrada estava um gaúcho pilchado, montado num belo cavalo, segurando uma placa vermelha e branca, com a palavra PARE.

Diga leitor: não parece parte de uma cena de filme? Não era. Certamente o gado deveria pertencer a um desses criadores anônimos, que teimam em preservar a história da bovinocultura gaúcha.

Quando estava me refazendo desta imensa surpresa, lastimando por não ter uma máquina fotográfica para registrar este acontecimento, o gado seguiu seu caminho. Alguns quilômetros após cheguei a Jaquirana para a reunião.

Voltei alguns anos após, torcendo para ver novamente aquela cena.

Naquela região de “Campos de Cima da Serra “a natureza ainda tenta resistir com seus campos, matas e águas cristalinas.

Vá e visite Jaquirana. Almoce, no único restaurante da cidade, uma legítima comida campeira, com as panelas em cima de um lindo fogão a lenha.

Pepino em lata

22/11/2018



Quer comprar algo? Fácil. Vá a um supermercado. Compre pela internet.

A vida ficou fácil. Basta ter dinheiro. Perdeu parte do desafio de lutar para encontrar algo que queremos.

Na área da alimentação a banha que reinou por muitos anos nas cozinhas, hoje tem inúmeros óleos concorrentes e que a marginalizaram.

Na área de carnes, a galinha caipira que reinava soberana nas mesas do almoço de domingo, praticamente desapareceu. Os ovos de colônia que eram vendidos enrolados em palha de milho para não quebrar, ainda existem somente na memória dos mais velhos.

O leite que era trazido pelo leiteiro em tarros de metal, ficou no passado.

O garrafão de vinho da colônia ainda subsiste, embora não seja mais produzido por famílias na colônia e sim por pequenas indústrias.

A própria colônia está praticamente desaparecida. Os velhos morreram e a juventude modernizou os processos de produção. Não há saída: modernizar ou desaparecer.

Mas, já houve época, não tão distante, em que as pessoas tinham que inventar para poder ter um produto.

Pepino: como fazer uma conserva caseira, já que não havia para vender.

Em alguns casos poderia ser utilizado o processo de utilizar vidros com borracha e alças de pressão, esterilizados, das marcas Aurora.

Na falta destes, algumas pessoas utilizavam latas para colocar o pepino, já temperado, e para fechar a lata utilizavam uma solda de estanho. Processo rudimentar, mas que funcionava. Está eu vi com meus olhos de guri que não entendia direito o que estava sendo feito.

Aos olhos de hoje, não faltariam críticos para condenar o efeito tóxico do estanho na alimentação. Até pode, mas por muitos anos funcionou e se alguém morreu, deve ter comido um pepino bem gostoso.

Pequeno em área, mas grande nas tecnologias usadas, significa menos miséria no campo?

05/06/1997



"Pequeno em área, mas "grande" nas tecnologias usadas, significa menos miséria no campo"

Não se pode permitir que, por falta de ação política do Estado, ocorra a morte prematura de milhares de pequenas propriedades quando existem tecnologias que podem salvá-las.

A grande empresa, via de regra, não quebra. Renegocia dívidas. O pequeno produtor não pode correr riscos, uma vez que tem muito pouco a perder. Por esta razão, o governo (municipal, estadual e/ou federal) tem obrigação de, sem paternalismos, correr os riscos e executar as ações políticas necessárias à sobrevivência e ao progresso da pequena propriedade.

Ser pequeno não significa ser ineficiente. As ineficiências técnicas do pequeno proprietário decorrem de sua gradativa descapitalização e da sua não atualização em relação às novas tecnologias. Tamanho de propriedade pode dar status social, mas não garante rentabilidade. O que deve mudar na agricultura gaúcha é o "tamanho" das tecnologias de produção. Pequeno em área, mas "grande" nas tecnologias utilizadas, significa menos miséria no campo.

O pequeno, normalmente por produzir com tecnologia superada, dificilmente vai ter um preço que compense o seu desgaste físico e a perda da capacidade de produção da terra. Por isso quer preços maiores para seu produto. O problema é que a maioria dos consumidores da sua produção é tão pobre quanto eles. Assim sendo, resta a saída de aumentar os salários ou de diminuir o custo de produção

dos produtos agrícolas. O aumento puro e simples dos preços destes produtos acabaria favorecendo os médios e grandes produtores. Manter, com dignidade e progresso, os que ainda mantêm a sua pequena propriedade é um desafio muito maior e mais complexo do que um processo de desapropriação. Apesar do tempo perdido, ainda é tempo de retomar o progresso econômico e buscar o caminho de uma vida digna para aqueles que não têm culpa de serem pequenos produtores, mas que apresentam uma grande vontade de progredir. Caso contrário, continuarão, contra a sua vontade e a sua dignidade, caminhando para debaixo de uma lona preta à beira de uma estrada.

Zero Hora - Porto Alegre

Primeiro dia dos azuizinhos em Passo Fundo



Não me lembro do ano em que os azuizinhos começaram a trabalhar em Passo Fundo.

Deve fazer, no mínimo, uns 25 anos,

Vamos aos fatos históricos.

Na época tinha um Belina 1971 e estava trafegando com ela na Av. Brasil, quando a sinaleira, em frente ao Colégio Protásio Alves, fechou. Parei e de repente, surgindo do nada, um cidadão vestido de azul enfia a cabeça dentro do carro, pela janela do motorista, e sentencia: o senhor está sem cinto de segurança. Era o cinto antigo, tipo barrigueira.

Encoste na frente.

Cheio de autoridade o guardião da lei inicia um monólogo: seus documentos, carteira de identidade e carteira de motorista. Meu guri, que deveria ter uns 5 anos, olhava a cena assustado.

Olhava os documentos e me passava um sermão por causa do cinto.

De repente surge uma brigadiana e os dois começam a discutir sobre o meu caso, Cada um querendo mostrar mais conhecimento e autoridade.

E eu bem quieto.

Para animar mais ainda a confusão entre as duas "autoridades", chega uma moto da brigada e pede detalhes sobre o caso de desrespeito a lei. Mais um festival de palpites e sobre o que fazer comigo.

De repente uma ideia brilhante do grupo: puxa a carteira de motorista dele pelo rádio. Vai ver que desconfiaram que a pobre Belina, com quase 50 anos de uso, deveria ter sido roubada ou estava cheia de multas.

Após alguma demora o veredito: tudo limpo. E continuaram a trocar ideias.

Após algum tempo me dei conta do que estava acontecendo: como era o primeiro dia da fiscalização dos azuizinhos, estava havendo uma disputa entre eles e os brigadianos sobre quem entendia mais de lei. E eu era a vítima.

E garanto, só porque eu estava uma Belina velha.

Que se callen, que se callen

14/08/2017



Tenho pena de guias de turismo. Se o grupo for de crianças, certamente haverá uma bagunça geral.

Se for de meia idade ou idosos, todos estarão comentando qualquer coisa sobre qualquer coisa. Isto quando não estiverem opinando sobre o tema que estará sendo exposto pelo pobre do apresentador.

Certa vez, em 1973, uma aluna do U. de Brasília, que era guia de turismo, comentou sobre alguns tipos característicos de turistas.

Os melhores eram os japoneses. Só levantavam das cadeiras após serem instruídos para tanto, mesmo com o ônibus parado. Saíam em perfeita ordem, cada um já com sua câmera fotográfica em mãos, fotografavam tudo o que podiam até serem convocados para voltar ao ônibus. Entravam ordeiramente e cada um no seu lugar, prontos para ouvir alguma explicação complementar do guia.

Os piores eram os italianos. Bagunça para sair, dispersão total, sumiam de vista, não ouviam nada do que o pobre guia tinha obrigação de dizer e, nunca, mas nunca, estavam todos presentes na hora de partir. Bagunça para entrar e onde estarão os desaparecidos?

O motorista angustiado para cumprir o horário, a guia desesperada, todos os demais esperando e, de repente, apareciam com um sorvete. Com um lindo sorriso.

Esta história se refere a um grupo de turistas visitando uma casa que teria pertencido a Cristóvão Colombo. Nela haviam amostras de terras coletadas por ele em cada um dos lugares do mundo que havia visitado. Explicação muito interessante, feita por padre capuchinho, baixinho e gordinho, vestido a rigor.

Inicialmente todos começaram a ouvir a história, mas o capuchinho começou a exagerar nos detalhes e começou a conversarada geral, em tom cada vez mais alto. O capuchinho, desesperado, elevava cada vez mais a voz, até que de repente: girando rapidamente nas suas sandálias, com uma expressão de que mandaria a todos para o quinto dos infernos pelo pecado que estavam cometendo com a falta de atenção, gritou ou, talvez, tivesse berrado: QUE SE CALLEN, QUE SE CALLEN.

Silencio geral.

Já imaginou este capuchinho dando uma aula para crianças? Coitadinhos.

Reitor Murilo Annes e as viagens a Porto Alegre

15/01/2018



Esta história reflete técnicas de administração de instituições de ensino numa época em que as crises eram um constante na vida administrativa.

Problemas de falta de recursos para pagamento de professores e funcionários, protestos de alunos, crise ontem, hoje e amanhã também.

Sobreviver no dia a dia era o objetivo principal. Como? A solução não estava nos manuais de administração. Manual é para tempo de normalidades, onde administrar é uma arte sem surpresas.

Bem diferente de épocas de alta inflação, crises econômicas no país, alunos ameaçando greve, professores insatisfeitos.

Como contornar um ou mais problemas do dia a dia de uma instituição?

Ficar fechado dentro do gabinete pensando e atendendo secretárias, professores, alunos, telefone que não para de tocar? Impossível.

Numa viagem a Porto Alegre O Reitor Alcides Guareschi relatou-me a forma como o reitor Murilo Annes, eventualmente, buscava inspiração para a resolução de problemas, aparentemente insolúveis.

Ligava para seu motorista e dizia: preciso ir urgente a Porto Alegre.

Quatro horas de estrada. Chegando na capital o motorista perguntava: para onde Reitor? Para agencia central dos correios. O Reitor depositava uma carta (parece que para ele mesmo, em Passo Fundo), voltava para o carro e dizia: podemos voltar a Passo Fundo.

Nada mais Reitor? Nada mais.

Durante o tempo de viagem, longe de todo o agito de uma reitoria e também dos telefones (celulares não existiam na época), o Reitor Murilo encontrava ou tentava encontrar a melhor solução para os problemas.

Os dois reitores protagonistas desta história já estão mortos. Não sei qual era o motorista da época e se ainda está vivo. Motoristas sempre tem histórias incríveis para contar.

A Universidade de Passo Fundo, muito deve a estes reitores que souberam escrever a história da instituição.

Nunca mais esqueci esta história e foi uma lição que aprendi para o resto da vida.

Quanto maior o problema, maior o tempo de reflexão para equacioná-lo.

Roubaram o meu sol

01/08/2017



Desde a criação do universo o sol tem acompanhado o desenvolvimento deste planeta chamado Terra.

Por milhões de anos os seres vegetais e animais tiveram no sol, o principal componente para a manutenção da vida, na terra, na água e no ar.

Após centenas de anos a humanidade passou da fase de coletora e/ou caçadora, para a fase de estabelecimento de povoados e de cidades. O homem passou a ser um plantador e um criador de animais. Em muitas civilizações antigas, entre centenas de deuses, o sol sempre foi uma figura de destaque entre os deuses que permitiam, entre outras coisas, as boas colheitas.

Quando um asteroide de grandes proporções se chocou com a terra, o grande impacto foi a obstrução da luz solar. Sem luz solar, cessou a fotossíntese nas plantas e com a morte das plantas, desapareceu a comida para os animais. Rapidamente a vida na terra foi radicalmente transformada. Foi o fim da época dos dinossauros e da maioria das formas de vida no planeta Terra.

Para a vida voltar, primeiro os sedimentos na atmosfera tiveram que voltar a superfície, permitindo a volta dos raios solares. Novas espécies de vegetais e de animais surgiram. Entre estas, o ser humano, que nos autodenominamos de **Homo sapiens**.

No estágio inicial da humanidade, por questões tecnológicas, as construções tinham limitações de altura. Basta ver as fortificações e as cidades de, por exemplo, no continente europeu. Seja com 500 anos de idade ou mais recentes. Por quê? As mais recentes, certamente, não por problemas tecnológicos. Certamente por opção da população e de, talvez, um plano diretor destas cidades.

Em várias cidades a opção tem sido por construir gigantescos prédios, em grande parte por questão de escassez de área para construir, como Xangai, Hong Kong, Tóquio.

Outras por status, como em alguns países árabes e asiáticos.

Bem, e em Passo Fundo, o que aconteceu no passado, na atualidade e o que poderá acontecer no futuro?

Nossa velha e antiga cidade, com seus 160 anos, evoluiu das pacatas casas a beira da rua principal, para áreas afastadas da Praça Central.

Se não me falha a memória, em 1975, as construções de maior altura eram a chaminé da Cervejaria Brahma, as torres da catedral, e mais uns três edifícios com até 10 andares de altura. A tecnologia para construir prédios altos já existia. Porque não eram construídos? A melhor resposta está com os construtores e seus financiadores. Mas, provavelmente, uma das respostas é de que havia abundância de terrenos e que a demanda por novos imóveis não justificaria em tal tipo de obra.

Aos poucos a pacata Passo Fundo, evoluiu dos períodos da pecuária, extração de madeira, para um centro educacional e da área médica. Isto significa demanda por novas habitações.

Como atender esta demanda? Novos prédios inferiores a dez andares, novos loteamentos, construção de casas. Até aí tudo bem, expansão normal do mercado imobiliário.

Nos últimos anos tem-se visto a construção de prédios com 20 ou até mais andares. Lindos prédios. Mas, sempre tem um, mas. Será que estes gigantes não estarão prejudicando seus vizinhos? Não estarão causando uma grande área de sombreamento, condenando algumas casas a perder eternamente o sol a que todos tem direito? O sol nasceu para todos.

Será que estes prédios que podem comportar 40-60 apartamentos não causarão impactos na quadra em que forem construídos?

Antes que surjam cada vez mais estes prédios de 20 ou mais andares, não seria o caso de o poder público municipal avaliar o real impacto destes prédios? Há uma legislação considerando o impacto socioambiental?

No mínimo estes grandes prédios têm que arcar com medidas compensatórias

O Senador o microfone é seu

03/05/2018



Esta me contou um cidadão catarinense.

A política sempre, principalmente nas pequenas cidades, proporcionou histórias que marcaram a presença de políticos influentes e poderosos.

Depois de algum porte da cidade e de alguma economia forte com base, na grande maioria na agricultura e na agroindústria, é normal aparecer uma rádio ligada a alguma liderança política local ou regional.

A rádio, mesmo no passado sempre foi mais fácil de implantar do que um jornal, pelo menor investimento material e em pessoas.

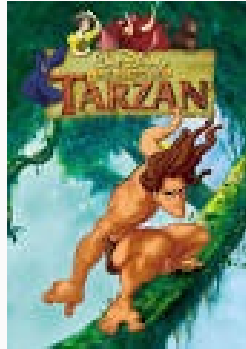
Numa certa data especial um senador foi convidado para, como parte dos eventos do município, sua base eleitoral, fazer uso da palavra para saudar os habitantes da região.

Iniciados os trabalhos, o locutor, bom de papo e para agradar o senador, seu chefe, colocou o microfone na mão da autoridade e disse: senador, o microfone é seu.

O senador, com toda a calma do mundo, disse: não só o microfone, como a rádio, o edifício da rádio, os terrenos aqui em volta, o frigorífico, a empresa de aviação, tudo é meu....

E era mesmo.

Tarzan e a expressão amigo



Os homens das cavernas viviam juntos por uma questão de sobrevivência. Alguns podem dizer que era porque faltava caverna para todo o mundo, outros porque juntos poderiam caçar com mais facilidade, que viver junto era fundamental para enfrentar os fantasmas da noite, talvez para compartilhar fêmeas.

Diferentes agrupamentos, unidos pelo instinto de sobrevivência, poderiam enfrenta grupos rivais.

O que é certo è que não viviam juntos por uma questão de amizade, de amor ao próximo.

Séculos passaram e o ser humano perdeu a necessidade de viver em agrupamentos, em que a união destes seres pré-históricos servia basicamente para a sua sobrevivência.

As pessoas alcançaram um grau de desenvolvimento em que sua sobrevivência não dependia da ação de viver em grupos fechados.

A individualidade passou a ser predominante no dia a dia do homem.

A comunicação primeiramente através de estradas e atualmente via mensagens eletrônicas instantâneas, teve dois efeitos: um de aproximar as pessoas e outro que está em andamento, o de via aproximação instantânea, de distanciar as pessoas do contato físico.

Num livro de ficção científica, em outro planeta as pessoas não se viam" pessoalmente ou viam imagens verdadeiras. Ninguém sabia onde as pessoas andavam ou moravam. Tudo era feito via comunicação holográfica. Você poderia ligar para uma pessoa e vê-la como estivesse naquele momento. Poderia ser uma pessoa tomando banho, totalmente nua, e falar com ela com a maior naturalidade. Você não a estaria "vendo" de fato, você estaria simplesmente se comunicando

com uma imagem. Som a imagem junto, sem nenhuma restrição. A pessoa poderia estar em qualquer lugar do planeta.

O que temos hoje? Vários meios de comunicação eletrônicos, como o "Whatzapp"
A mensagem, é instantânea. A imagem é invasiva.

Tira o carro, não tiro: o brigadiano e o alfaiate

02/03/2018



Tarde de verão, calor insuportável.

Imagine esta cena há 30 anos. Sem ar condicionado. Somente um ventilador. Dá vontade de trabalhar?

Se você é empregado, não tem jeito. Atenda a clientela e pronto. Até vale a pena caçar uma pessoa que está passando na rua, chama-la para dentro da loja e tentar negociar algo. Mesmo que não venda nada, ao menos passou um pouco do tempo. Se vender, melhor.

Mas e se você é o seu próprio chefe? Não tem sequer um empregado para trocar ideias. Uma alternativa é ir para a porta da loja, olhar o movimento, cumprimentar algum conhecido e bater um papo.

Bem lá estava o herói desta nossa história. Encostado na porta do seu estabelecimento, que ficava na Avenida Brasil, ao lado do Banco do Brasil.

Tudo calmo, como eram as tardes modorrentas naquela época em Passo Fundo.

De repente chega um brigadiano e diz, ou melhor, ordena em alto e bom som, quase que numa ordem de comando:

TIRE O CARRO!

Acordou nosso amigo. Este respondeu também em alta voz:

NÃO TIRO

TIRA O CARRO, repetiu o brigadiano, que naquele tempo usava um capacete e botas de cano longo como parte do uniforme. Alguns ainda usavam esporas.

No tempo em que as crianças ainda obedeciam às mães, algumas diziam para os pobres guris: comporta-te, senão te levo pra conversar com o brigadiano. Santo remédio.

Bem voltemos à história do carro.

O brigadiano insistindo com o cidadão, que era alfaiate, levantava cada vez mais a voz, e dizia o senhor está desobedecendo a uma ordem de uma autoridade.

O cidadão que estava com a tesoura de cortar tecido na mão, tesoura que pesava umas 650 gramas e tinha 30 centímetros de comprimento, de repente disse: cala a boca senão te furo o bucho.

Ai sim aumentou a confusão e o brigadiano mandou chamar um guincho para rebocar o carro, que era um Corcel II, branco.

Chega o guincho, a esta altura já com um monte de gente assistindo a confusão, chega um tenente e pergunta: o que está havendo?

O brigadiano narra os fatos e o tenente pergunta ao cidadão alfaiate: você não vai tirar o carro?

Não vou. Já disse que não vou.

Aumentou a confusão e as autoridades já estavam decidindo prender o cidadão desrespeitador da ordem.

Naquele momento, chega ao lado do carro um cidadão com uma grande pasta e dois seguranças armados.

Estes sacam suas armas e se colocam ao lado do homem da pasta.

Ai sim era revolver para tudo que é lado e o povaréu, antecipando um tiroteio se espalhou pela avenida. Faltou árvore para se esconder do tiroteio que estava se aproximando.

Como ninguém puxou o gatilho, os recém-chegados, abriram a porta e disseram que o carro era do seu chefe, o homem com uma pasta com uma alta quantia em dinheiro. Tinham ido ao banco fazer a retirada.

Desfeita esta parte da confusão, o brigadiano e o tenente perguntam ao cidadão alfaiate porque não disse que o carro não era seu.

Resposta: NINGUEM ME PERGUNTOU SE ERA MEU. SO MANDARAM RETIRAR. COMO PODERIA RETIRAR O QUE NÃO ERA MEU?

Agora entra em cena o dono do guincho, perguntando: quem vai pagar a chamada?

O cidadão alfaiate responde: eu não, cobra do brigadiano. Não tenho nada a ver com essa confusão. Só estava na porta olhando o movimento.

Era só risada na Avenida Brasil.

Tombo literário

04/10/2017



A gente está sempre tentando aprender alguma coisa.

No tempo do caderno, lápis e borracha, a coisa era mais demorada, mas, de alguma forma funcionava.

Agora, além de ter que ter uma boa vista, dedo não muito gordo para lidar com aquelas teclinhas que viraram praga, tem que prestar atenção nas aulas do professor.

Tudo agora se resolve, ou deveria se resolver, na tal da telinha do celular. Mas, sempre tem um, mas, primeiro tem que apertar no raio das teclinhas, e bem certinho.

Quer mais? Tem que saber entrar nos tais programas de computador. Sabe aquela história antiga do labirinto? É pior. Quando você pensa que deu um passo para frente, apaga tudo, some e você ali com cara de bobo. Se estiver sozinho, desliga, vai ar uma volta e ver se acerta na próxima vez.

Pois vou lhes contar este caso que aconteceu comigo, aluno dedicado e um professor, competente, esforçado, daqueles que tenta salvar uma alma deste mundo e inseri-la no mundo cibernético.

Vamos começar. Vencido o medo inicial expliquei, com muito respeito ao professor, minhas dúvidas.

Ele me olhou, pensou, sacudiu a cabeça e disse lá dentro da sua brilhante mente: se é para o bem da humanidade, vamos em frente.

Abre uma tal de tela (para mim era uma televisão magrela, não era daquelas gordas e bonitonas). E o professor dizia: presta atenção, é fácil.

O homem parecia um pianista em pleno concerto, no seu piano Fritz Dobber, daqueles que tem uma cauda. Falava rápido e mexia os 10 dedos numa velocidade incrível.

E eu, aluno dedicado, esforçado, sem ser puxa saco do professor, tentava acompanhar tudo e memorizar, pois sabia que seria cobrado em seguida.

ó dizia: entendeu, entendeu, preciso explicar de novo? E eu: não professor, aprendi tudo, louco de medo de uma reprimenda.

Bem, disse o professor, agora vamos começar a reunião dos presentes no encontro de sábado dos liderados do Projeto Passo Fundo.

Cada um puxa sua cadeira e se prepara para grandes bate papos literários.

Puxo a minha, sento e coloco o peso do corpo no encosto das costas.

Pra que? Ainda tonto da aula do professor, acho que exagerei na força e a tal da cadeira (destas modernas) foi indo para trás, e foi indo e , de repente o aluno, talvez um dos melhores da classe e certamente o mais esforçado, estava deitado no tapete e com os pés apontando para o teto.

Forte estrondo da cabeça do aluno, talvez pesada demais de tanto conhecimento absorvido minutos antes. Bateu com a cabeça na prateleira dos livros da livraria Delta.

Pânico geral. Já pensou se o futuro imortal da Academia de Ciências Literárias de Vila Maria, sofre um dano, um apagão de memória? Teria que passar várias sessões com o médico psiquiatra Jorge Alberto Salton, seu primo em segundo grau.

Bem, é hora de encerrar a narrativa deste caso.

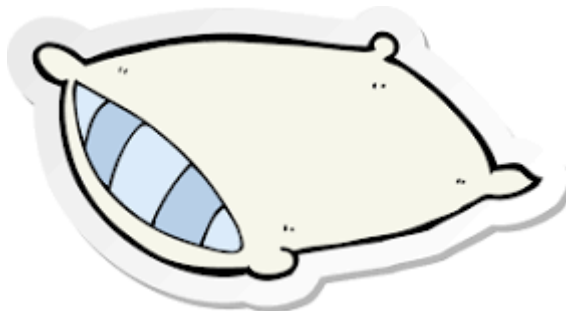
A busca do conhecimento é perigosa.

Quero meu caderninho de 50 folhas do MEC e o lápis nº dois de volta.

Viva a segurança e o aprendizado a moda antiga. E, não esquecendo, da velha e boa cadeira de madeira, com assento de palha.

Travesseiro de -segurança- de pena numa viagem de carro.

15/01/2018



Os tempos mudaram como não poderia deixar de ser. Todos os dias alguma coisa muda e as mudanças, via de regra, não são percebidas.

Algumas por necessidade, outras por modismos, por aspectos legais.

Esta história aborda a realidade de viagens de um jovem casal, meus pais, no ano de 1944, e a inexistência de quaisquer normas de segurança dos passageiros adultos e tampouco de crianças.

A viagem de carro, entre Passo Fundo e Carazinho era numa estrada, na época de terra, cheia de buracos. Sem limite de velocidade. Só o "braço" do motorista.

Segundo a mãe, eu ia deitado sobre um travesseiro de penas no colo dela. Obviamente sem cinto de segurança e tampouco cadeirinha. Coisas impensáveis na época.

O pai contava que ao longo da estrada era comum encontrar perdizes e que ele com uma garrucha de dois canos, da janela do carro sempre matava algumas perdizes e ao final da viagem o almoço já estava providenciado. Duvido que fosse ele quem depenava as perdizes. Sobrava para a mãe.

Como a gente conseguiu sobreviver?????

Um leiloeiro de respeito

05/02/2018



Leilão, liquidação, super descontos, vai fechar a loja, para zerar o estoque, outlet, ponta de estoque, mudou a direção, e por ai afora, estas palavras mágicas podem mover multidões na compra de algo que, muitas vezes não tem utilidade, mas que atraem o comprador como mariposa ao redor da luz numa noite escura.

Quem é o esperto? O comprador que pensa estar fazendo um bom negócio ou vendedor que está se livrando de uma mercadoria?

Leiloeiro que é bom sabe reconhecer um comprador potencial e "agarra-lo", com acenos e gritos, a vantagem da mercadoria.

Está eu presenciei em Brasília. Estava passando em frente a uma loja e havia uma multidão dentro e fora da mesma e, estranho, riam e davam gargalhadas.

O que acontecia? Curioso, perguntei e a resposta foi que dois homens estavam brigando, lance a lance, para ver com quem ficaria uma panela de pressão usada. O lance já estava com valor mais caro que em relação a uma panela nova. O leiloeiro bom de cena e de papo incentivava os dois homens a dar lances cada vez maiores, dizendo: vai perder para ele? Não sei como terminou a história, só sei que o leiloeiro era um bom profissional. Tirou leite de pedra.

Outro caso aconteceu numa antiga área do Ministério da Agricultura em Não Me Toque.

No local estavam depositados veículos, material administrativo e gado de corte e de leite. Só tinha sucata, caco com pouca serventia. Mas, leilão é leilão. Sempre se acha algo.

Havia uma multidão, atrás de alguma barbada ou simplesmente para olhar e se divertir.

Na época, havia escassez de veículos e, pasme, muita sucata, caco de carro foi vendido e enviado para São Paulo para recuperação. Iniciado o leilão de veículos, nosso leiloeiro, iniciou os trabalhos e logo um comprador se entusiasmou e começou a dar altos lances e enfim o leiloeiro, bateu o martelo e disse: vendido.

O comprador satisfeito pela ótima compra perguntou quando poderia retirar a Camionete Chevrolet S-10 a gasolina: resposta. O senhor comprou um Fuca que está ao seu lado. Eu só estava em cima da camionete para trabalhar melhor. O senhor não ouviu a descrição do lote e o Fuca é seu.

Gargalhada geral e começaram os gritos: segura o homem antes que fuja.

Outro comprou um Fuca e quando sentou no banco do motorista o soalho caiu e o comprador ficou olhando a grama. Gargalhada geral. Leilão é leilão.

Agora vamos passar para a venda de gado.

Muda o local e o leiloeiro disse, em alto e bom tom: de ordem do senhor Delegado do Ministério da Agricultura, todo gado que tiver problema será retirado de pista.

Era basicamente gado holandês e os compradores não queriam para produção de leite ou reprodução. Sabiam que eram animais já desqualificados.

Entra uma ponta de gado e o martelo é batido. Assim foi com vários lotes, até que, de repente, um dos compradores grita: estas vacas tem problema. Silencio geral.

O capataz diante da situação chega perto do leiloeiro e começa a falar baixo no ouvido do homem. Aí tem coisa.

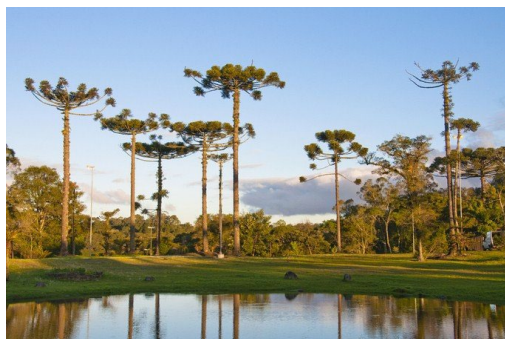
O senhor leiloeiro, do alto da sua imponência, fala bem alto: cumprindo determinação do senhor Delegado do Ministério da Agricultura este gado será retirado de pista. E seguiu o leilão.

Mais tarde foi comentado que os animais só serviam mesmo para açougue.

Moral da história: junte a ambição do comprador com a habilidade e lábia de um bom leiloeiro e você vende qualquer coisa.

Uma noite de inverno num mato de araucária em São Francisco de Paula

23/01/2018



Aconteceu em 1960. Ano em que estava no CPOR e não tive tempo para me preparar para o vestibular de Agronomia na UFRGS. Fui reprovado por 0,6 pontos. Não atingi a nota mínima de 50,0.

Imediatamente, formamos um grupo de estudo, com duas gurias e dois rapazes, para preparar para o próximo vestibular.

Como o pai trabalhava na Gaúcha Madeireira, ele tinha que ir verificar como estava andando o trabalho de uma serraria nova, que estava serrando magníficos pinheiros de araucária e também instalando viveiros de **Pinus eliotti** para reflorestar uma grande área de campo.

Local: interior do município de São Francisco de Paula.

Além da serraria havia algumas casas rústicas para os operários. O pai e eu ficamos numa destas casas.

Lembro-me de passeios na mata, onde bem no alto de um morro se avistava o mar e, milagrosamente, havia fontes de água cristalina.

As 18,0 h encerravam o trabalho da serraria. A noite chagava e o frio, muito frio, também.

Hora de entrar na casa e se aquecer. Um enorme fogão a lenha, sobre o qual era qual colocada uma grande camada de pinhão. Pinhão e mate.

Hora de comer: pão, salame, ovo frito e café preto. Detalhe do café: era quase metade de graspa com uns 40°C de álcool. Porque tudo isto? Porque a noite seria muito fria.

Última recomendação: quem quiser ir ao banheiro vá agora, porque à noite o passeio da casa até a "casinha" seria congelante. Não tinha pinico para todos na casa.

Como a casa era ainda muito nova, havia frestas entre as tábuas e entrava um vento frio.

O colchão era de palha de milho e o acolchoado de pena de galinha.

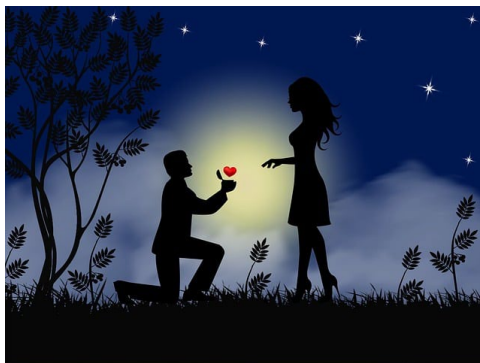
Embalado pela refeição reforçada e pelo álcool da graspa, dormia-se um bom sono.

Já se passaram 57 anos desta magnífica experiência de vida. Foi tão boa que, até hoje, 2017, me lembro dos mínimos detalhes.

Vale aqui uma homenagem a meu pai, Luiz Tomasini, que sempre foi um lutador e um homem de visão.

Você não mudou nada

22/11/2018



Nossa memória é algo fantástico. É como uma caixinha aonde vamos guardando lembranças boas e ruins, de fatos que marcaram a nossa vida. Dia após dia vamos enchendo a caixinha e vamos seguindo adiante neste processo chamado vida.

Há cerca de 10-12 anos eu e a minha esposa, Lizete Augustin, fomos passear no povoado de Pulador, Passo Fundo. O objetivo era visitar o meu tio e padrinho Heitor da Motta Annes, que lá residia na antiga casa da família.

Pulador no passado havia sido um centro produtor de madeiras, com várias serrarias operando. A mão de obra era constituída de trabalhadores de origem brasileira e de origem alemã, sendo que alguns destes eram encarregados da manutenção do maquinário e da parte administrativa, inclusive a contábil.

Não há trabalho escrito que confirme estas afirmações. O que se sabe foi através de informações verbais de antigos moradores.

Todavia, como explicar que no cemitério de Pulador existem sepulturas antigas de pessoas com sobrenome alemão? Lá viveram, morreram e lá foram enterrados.

O avô da esposa, alemão nascido em Berlim, residiu no povoado com sua família por vários anos, certamente exercendo alguma atividade relacionada às serrarias.

Bem, feita esta introdução voltemos à viagem a Pulador. Lá chegando, paramos o carro em frente ao portão da velha casa construída por meu avô, José Annes Lopes. Desci e enquanto a esposa auxiliava a mãe dela a descer, meu tio, amparado por sua cuidadora, com sua bengala, veio até o portão para nos receber.

Imagine a cena: de um lado um velhinho de 80 anos e do outro três pessoas, sendo uma destas uma velhinha de 75 anos.

O tio Heitor olha para a idosa em sua frente e diz lá do fundo do coração, mas bem lá do fundo do coração: VOCE NÃO MUDOU NADA. E, acreditem, rolaram duas lágrimas. Lágrimas de pura emoção, de pura sinceridade, de felicidade.

Eu e a esposa nos olhamos, espantados, não querendo acreditar que aquela cena estava ocorrendo.

Há uns 55- 60 anos que ele não a via. Nunca tiveram um relacionamento, pois ela era uma menina e ele, um jovem adolescente.

Mas como se conheceram? Acontece que o tio Heitor sempre levava um tarro de leite para a casa do pai da menina e deixava o tarro numa pequena área. Não sei como via a menina, mas o fato é que a via e que esta marcou a sua lembrança.

Entramos, conversamos e mais tarde regressamos a Passo Fundo, ainda emocionados com esta maravilhosa manifestação de amor, lembrança de um distante passado. Idoso sim, mas com uma memória ainda bem viva.

A história não termina aí.

No dia seguinte o tio Heitor teve uma mal estar e teve que ser trazido a Passo Fundo.

Diagnóstico: pressão alta. A causa, certamente uma crise de amor, lembranças de um jovem adolescente e, quem sabe, de uma paixão reprimida.

Zona da Petrópolis: meu primo famoso

05/02/2018



Tinha lá meus 17-18 anos. Como todo rapazote desta idade, a curiosidade da vida era muito grande.

Estava de férias em Passo Fundo, longe de casa, do pai e da mãe. Sob os cuidados da minha tia. Sempre que podia dava umas voltas na cidade, ávido de descobrir coisas novas. Certa vez entrei numa loja que tinha mesas de snoquer. Fiquei olhando os jogadores baterem nas bolinhas coloridas, com um cigarro no canto da boca e com uma cara de quem não era muito chegado ao batente.

Pra que? Não sei como alguém falou para minha tia que me haviam visto naquele lugar. Chamou-me e me passou um sermão. Isto que era um lugar aberto, em plena Rua Morom, perto da agencia central dos correios.

O outro acontecimento que ela não ficou sabendo foi o seguinte: um primo de segundo grau, solteiro e carente de companhia feminina, uma tarde chamou-me para dar uma volta na "zona" da Petrópolis. Na época famosa e frequentada pela rapaziada com alguns pilas no bolso. Também frequentada por respeitosos senhores pais de família e empresários.

Não pensei duas vezes e lá fui eu descobrir mais um pouco do mundo.

O parente entrou numa casa e as "gurias" lhe receberam com beijos e abraços.

Entrou noutra casa e a cena se repetiu.

Em várias outras era muito bem recebido. Tomava umas cervejas e até logo. Algumas nem pagava.

Regressamos e fiquei pensando: este primo é um pelado. Onde busca dinheiro para ter todo este cartaz? O que tem ele de especial?

Mais tarde perguntei a ele o segredo de seu sucesso entre as "gurias".

Disse-me, é muito simples: quando elas têm algum "problema" elas vão lá na farmácia, trato elas e não cobro nada.

Fica tudo em família. Uma mão lava a outra.



Introduction

The purpose of this book is to provide a comprehensive overview of the current state of research in the field of artificial intelligence, with a particular focus on the applications of machine learning and deep learning.

This book is intended for a wide range of readers, including students, researchers, and practitioners in the field of artificial intelligence. It is structured into several chapters, each covering a different aspect of the field. The first chapter provides an overview of the field, while the subsequent chapters delve into more specific topics such as machine learning, deep learning, and natural language processing.

The book is written in a clear and concise style, with a focus on providing practical insights and examples. It is intended to be a valuable resource for anyone interested in the field of artificial intelligence.

The book is organized into several chapters, each covering a different aspect of the field. The first chapter provides an overview of the field, while the subsequent chapters delve into more specific topics such as machine learning, deep learning, and natural language processing.

The book is written in a clear and concise style, with a focus on providing practical insights and examples. It is intended to be a valuable resource for anyone interested in the field of artificial intelligence.

The book is organized into several chapters, each covering a different aspect of the field. The first chapter provides an overview of the field, while the subsequent chapters delve into more specific topics such as machine learning, deep learning, and natural language processing.

The book is written in a clear and concise style, with a focus on providing practical insights and examples. It is intended to be a valuable resource for anyone interested in the field of artificial intelligence.

The book is organized into several chapters, each covering a different aspect of the field. The first chapter provides an overview of the field, while the subsequent chapters delve into more specific topics such as machine learning, deep learning, and natural language processing.

